



Os Republicanos QUISERAM FAVORECER McGOVERN

NOVA York, 3 (F.P.) — Segundo o «New York Times» os investigadores do caso de Watergate tem agora provas de que o plano estratégico eleitoral foi elaborado desde princípios de 1971 sob a direcção de Halde-man, que acaba de se demitir de chefe de gabinete da Casa Branca. Esse plano, acrescenta, não era só um episódio na campanha eleitoral que deveria levar a reeleição triunfal de Nixon, mas comportava um conluio no sentido de McGovern ser favorecido para obter a investidura do Partido Democrático (como obteve) pois era o considerado pelo Partido Republicano como o adversário com menos probabilidades. O plano foi elaborado quando o senador democrático Edmund Muskie estava em avanço nas sondagens.

No ponto culminante da campanha, a Casa Branca e a Comissão para a Reeleição do Presidente, presidida por John Mitchell controlavam três redes de «espões», trabalhando no interior das organizações do Partido Democrático. O financiamento da operação era assegurado por Herbert Kambach, advogado pessoal de Nixon, segundo os investigadores do FBI.

Combates no Líbano: 31 mortos

BEIRUTE, 3 9r.) — Explosões e tiroteio ecoaram hoje em várias partes desta capital e nos seus subúrbios apenas horas depois de comandantes de guerrilheiros palestinos e do Governo libanês pedirem uma trégua ao alvorecer, a fim de se acabar com os combates sangrentos que causaram pelo menos 31 mortos.

Não se conheciam pormenores acerca dos últimos incidentes, mas antes de interromperem as suas demoradas conversações, que duraram três horas e terminaram com o pedido de trégua, os comandantes dos «feddayin» e o Governo marcaram para hoje outra sessão, a fim de se tentar chegar a acordo sobre um cessar-fogo duradouro.

Além dos 31 mortos anunciados pelos guerrilheiros e as forças libanesas durante a luta de ontem, ficaram feridas mais 120 pessoas.

A despeito dos últimos incidentes, as autoridades levantaram durante duas horas um recolher obrigatório indefinido, imposto ontem à noite em Beirute e mais cinco outras cidades libanesas — Tyre, Tripoli, Baalbeck, Sidon e Nabatiyeh.

Começou hoje em Tomar o I Congresso da A.N.P.

Cerca de mil e quinhentos filiados da Acção Nacional Popular participaram esta manhã na sessão inaugural do primeiro congresso daquela organização cívico-política — que decorre em Tomar até domingo — a que presidiu o presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, na qualidade de presidente da Comissão Central.

Diversos membros do Governo participaram na sessão de abertura, na qual discursou o dr. Elmano Alves, presidente da Comissão Executiva da A.N.P. e do Congresso.

Os trabalhos sectoriais principiam esta tarde com a discussão de seis temas:

«Política e Administração, Ultramarina», «Política Externa», «Saúde e Assistência», «Habitação e Urbanismo» e «Finanças, Preços e Moeda», presidindo às sessões o prof. Afonso Queiró, o dr. Almeida Cotta, o eng. Amaral Netto, o dr. Santos Bessa, o eng. Arantes e Oliveira e o dr. Ulisses Cortês. Os relatores são, respectivamente, o dr. José Castello Branco, o dr. Mendes de Almeida, os drs. Lino Neto e Amaral Marques, o dr. Antunes Branco e o dr. Lucena e Vale. A secção de política externa não tem relator, por a ela não haver sido apresentada qualquer comunicação. As comunicações de base não apresentadas por membros do Governo

responsáveis pelos respectivos sectores e que participam no Congresso, ou na qualidade de dirigentes ou como filiados especialmente convidados: o dr. Gonçalves Rapazote falará sobre «Política e Administração»; o prof. Silva Cunha, ocupar-se-á da política ultramarina; o dr. Rui Patrício, da política externa; o dr. Jorge Santos, de questões de Saúde; a dr.ª Maria Teresa Lobo, de problemas de assistência; o dr. Nogueira de Brito, da habitação e urbanismo, e o dr. Cotta Dias, de Finanças e Economia.

A sessão inaugural realizou-se no pavilhão gimnodes-

portivo da cidade, decorrendo as sessões de trabalhos no edifício dos Bombeiros Voluntários, na Estalagem de Santa Iria e no Hotel dos Templários. Nesses locais encontra-se patente uma exposição a documentar os temas fundamentais em debate no Congresso. Na Escola Industrial e Comercial foi também inaugurada hoje uma exposição promovida pelo Ministério da Educação Nacional, ao mesmo tempo que outra, organizada pelo Ministério do Ultramar e subordinada ao tema «Portugal além da Europa», passou a estar patente no Clube Tomarense.



CONTRA O CRIME

Descrita como «Mr. B. White», uma testemunha encapuçada depôs perante uma comissão do Senado Americano que está a investigar o envolvimento do crime organizado no pequeno comércio. «Mr. B. White» foi descrito como um homem que tem passado parte da sua vida na cadeia. (Telefoto UPI/Teleimpressa/DL)

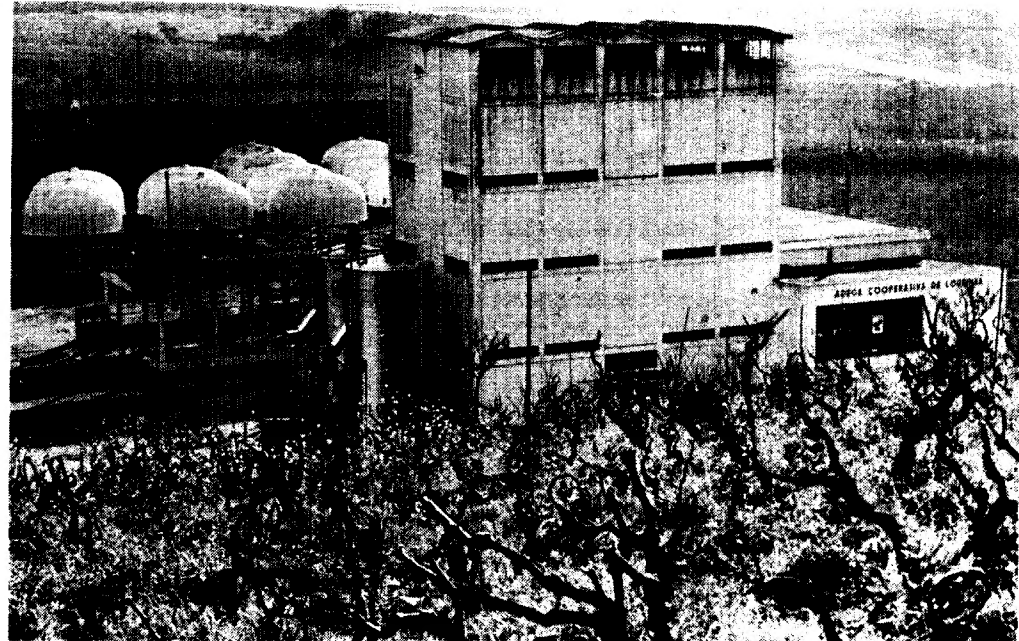
Há dois anos que se fabrica vinho a martelo na Lourinhã

De um momento para o outro o País ficou a saber que na Lourinhã se fabrica vinho a martelo. As notícias começaram a chegar há alguns dias às redacções mas, de facto, há dois anos que a população do concelho sabe

que, lá na área, o vinho falsificado está a ser fabricado. Pela calada apontam-se locais, mas ninguém pode provar. Casos concretos que parecem não deixar margem para dúvidas, só existem o depósito re-

centemente descoberto na Praia da Areia Branca e outro encontrado há alguns meses no Sobral mas, desse, desapareceu o vinho dos depósitos, mesmo depois de estarem selados. Fala-se agora da existência de

um autêntico sistema de «pipe-lines». Existirá? Entretanto os dirigentes da Adega Cooperativa recebem cartas de denúncia e de acusação e o povo do lugarejo de Capelas obrigou um fabricante a vasar o «vinho» na valeta.



Na Adega Cooperativa fabrica-se vinho bom mas ninguém pode garantir que lá não se encontra armazenado vinho a martelo.

Desobedientes do 1.º de Maio julgados no Porto

O tribunal de polícia do Porto condenou a penas de prisão convertíveis em multa três arguidos de desobediência à autoridade que, detidos nas manifestações do 1.º de Maio, ali compareceram, sob prisão, na tarde de ontem. Nenhum dos acusados apresentou testemunhas de defesa.

O juiz dr. Elias da Costa começou por interrogar o pintor da construção civil Humberto Ferreira, de 28 anos, solteiro, que era acusado de, na rua das Carmelitas, ameaçar a injuriar os agentes da P. S. P. ali em serviço, depois de ter sido intimado a sair do local, onde se havia aglomerado bastante gente.

O réu declarou que apenas

dissera: que ia para o cinema, quando foi surpreendido pelo aglomerado de pessoas.

As testemunhas de acusação (agentes da mesma corporação) disseram no seu depoimento que o réu se mostrara arrependido depois de ter sido preso e que pedira desculpas aos agentes de autoridade.

Foi, porém, provada a acusação, pelo que Humberto Ferreira foi condenado em 35 dias de prisão, substituídos por multa à razão de 20\$00 diários, em 200\$00 de imposto de justiça, em 100\$00 de procuradorias, 100\$00 de honorários ao defensor oficioso e em 500\$00

Continua na pág. 17

LEIA AMANHÃ

No nosso suplemento «Mesa Redonda», entre outros temas do maior interesse:

- A concorrência estrangeira aos projectistas e consultores portugueses, um dos temas que prometem mais discussão no Congresso.
- Um congresso ao serviço de quem?, considerações de Sérgio Ribeiro sobre a entrevista de Nuno Portas, publicada no número anterior.
- Os «Liberais despedem-se da assembleia» — balanço duma tentativa
- Duplica a emigração para a Alemanha
- Desigualdade de fortunas em França
- «Polémica», «Espelho da Imprensa» e «Assim vai o Mundo...»

HOJE 36 PAG

DL/GERAL

Cientistas de larga projecção nas Jornadas Internacionais de Ginecologia em Coimbra

COIMBRA, 3 — Com a presença de mais de duzentos e cinquenta cientistas, incluindo alguns de renome mundial no campo da ginecologia, foram esta manhã inauguradas as Jornadas Internacionais de Ginecologia, durante as quais serão apresentadas e discutidas comunicações do maior interesse.

A sessão inaugural decorreu no anfiteatro principal da Faculdade de Letras, sob a presidência do Magnífico Reitor da Universidade, prof. dr. Cotelto Neiva, em representação do ministro da Educação Nacional, ladeado pelos eng.ºs Leopoldo da Cunha Mato, governador civil e Araújo Vieira, presidente da Câmara Municipal; profs. drs. Américo da Costa Ramalho e Vaz Serra, respectivamente, directores das Faculdades de Letras e de Medicina e Antunes Azevedo, director dos Hospitais da Universidade; drs. Pais Ribeiro, director de Saúde; Santos Bessa, presidente da Secção Regional da Ordem dos Médicos e Alvaro Barbosa Ribeiro, presidente do Núcleo Regional da Liga Portuguesa contra o Cancro.

Aberta a sessão, usou da palavra o prof. dr. Ibérico Nogueira, que saudou os congressistas e acentuou a importância das Jornadas e do adiantamento dos estudos da ginecologia no nosso País, fazendo votos para que os trabalhos decorram dentro do maior interesse.

A Ginecologia não é — disse a certa latura — um ramo da Obstetrícia ou da Cirurgia, uma parente pobre cuja presença é tolerada no âmbito de cada uma destas disciplinas, ocupando uma posição secundária cujos problemas poderiam ser resolvidos por decisões simplistas, orientadas por raciocínios e métodos próprios de cada uma delas, adaptados às circunstâncias. Até há quem se situe no extremo oposto e que, à maneira de Connell, Haro Garcia e Fernandez Ruiz, atribua à Ginecologia o sentido mais amplo que a etimologia da palavra comporta considerando-a «o tratado da mulher, de toda a mulher, sã ou doente, funcional ou orgânica, dentro ou fora da gestação» para concluir que, afinal, a Obstetrícia é uma parte da Ginecologia. Esta, além do seu propósito fundamental do estudo e tratamento das doenças próprias da mulher não grávida, tem outras missões importantes a cumprir, de carácter vincadamente social: o combate à esterilidade conjugal e às doenças venéreas, o controlo da natalidade, a detecção e tratamento precoce do cancro genital, para citar apenas as que considero mais importantes.

«Não se trata, porém — acrescentou — de uma simples

especulação teórica esta escolha da posição a tomar perante o problema da unificação ou separação das duas disciplinas: estão em causa o ensino destas matérias, a preparação de especialistas competentes e ainda a investigação».

E o prof. Ibérico Nogueira alargou-se em considerações de ordem científica num valioso trabalho, que foi muito apreciado.

A SESSÃO INAUGURAL

Seguiu-se o sr. prof. Pierre Denoiz, da Faculdade de Medicina de Paris, que deu a lição inaugural, subordinada ao tema «História Natural do Cancro», que foi seguida com vivo interesse pela numerosa assistência.

Por fim, o reitor da Universidade encerrou a sessão, fazendo votos pelos êxitos das Jornadas.

Da parte da tarde, começaram as sessões de estudo, e foram apresentadas as seguintes comunicações: «Cinética celular do cancro ginecológico», pelo prof. Tubiana (Villejuif) e «A radioterapia com finalidade curativa — filme apresentado pelo prof. Tubiana; «Ginecologia e computador» pela dra. Wolff — Terronei; «Coriocarcinoma» pelos drs. F. Branco e Van Schneider (Lisboa); «O tratamento do cancro pré-invasivo do colo do útero», prof. Kaser (Basileia).

À noite decorrem os trabalhos da terceira sessão na qual será tratada a «Profilaxia e tratamento do cancro genital feminino no Brasil», pelos profs. Hélio Aguinaga e Ozolando Jaudice Machado (Rio de Janeiro).

Perspectivas favoráveis para o desenvolvimento em Angola da Indústria do calçado — INCENTIVOS LEGAIS MUITO AMPLOS NOS DOMÍNIOS FISCAL E ADUANEIRO

A evolução que nos últimos anos tem vindo a registar-se na economia de Angola constitui um fenómeno muito significativo tanto pelo ritmo rápido em que se processou como por se ter apoiado, fundamentalmente, nos investimentos metropolitanos, a par de outros de origem local.

O desenvolvimento assinalável que, em geral, tiveram os principais empreendimentos, mostra com segurança as condições muito favoráveis que existem na Província para os investimentos, em especial no sector das indústrias transformadoras. Tais condições dizem respeito tanto às perspectivas que apresentam os mercados interno e externo como aos estímulos legais — invulgarmente amplos — que oferecem consideráveis facilidades aos investimentos e dão mais seguras garantias de rentabilidade aos empreendimentos. Merece desde já particular referência, pelo interesse de que se reveste e pelas possibilidades de desenvolvimento que apresenta, a indústria do calçado, cuja taxa de crescimento entre 1968 e 1970 foi de 87 por cento (conjuntamente com a dos têxteis).

Em primeiro lugar, deverá ser destacado, na ordem interna, a grande elevação da capacidade aquisitiva do mercado de Angola, bem expresso no facto da Província ter importado em 1971 produtos manufacturados em valor superior a 10 milhões de contos e haver grande consumo dos produtos de fabricação local, os quais ultrapassaram francamente os de importação nos sectores onde houve maiores investimentos. Dos índices conhecidos ressalta, pois, com evidência, que a procura interna é satisfeita apenas em muito pequena escala pela produção local, o que constitui um poderoso incentivo para a instalação em Angola de novos estabelecimentos industriais. No caso do calçado, por exemplo, verifica-se que em 1971 a produção foi de 125 milhares de contos (incluindo o calçado de plástico) a importação de 140. Vê-se, assim, que é um sector que disfruta de grandes condições de expansão pela via da substituição de importações, como também pela receptividade que tem vindo a mostrar os mercados africanos próximos. Entre eles destaca-se a Rodésia que representa condições particularmente propícias para a importação de calçado angolano, bem como a África do Sul e igualmente a República do Zaire, — vasto

mercado de 21 milhões de habitantes com um poder de compra rapidamente aumentado — onde têm aparecido importadores interessados na aquisição do calçado produzido em Angola. Assinala-se que a produção local encontrou ainda maior protecção nas novas especificações no sistema de pagamentos inter-territoriais, que levantam dificuldades às importações que entram em concorrência com ela.

ISENÇÕES DE CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS E FACILIDADES ADUANEIRAS

As circunstâncias muito favoráveis que temos vindo a expor referentes às indústrias transformadoras em geral e, em particular, à do calçado, adquirem ainda maior consistência com os incentivos legais estabelecidos, cuja extensão ultrapassa mesmo os existentes na Metrópole e nos países africanos em vias de desenvolvimento. No domínio fiscal foram estabelecidas, entre outras, isenções de contribuição industrial e de quaisquer impostos sobre lucros e dividendos pela exploração de estabelecimentos industriais, indo a isenção de contribuição industrial para as novas indústrias de 5 a 18 anos. No domínio das facilidades aduaneiras há isenções e reduções dos direitos e de outras imposições aduaneiras na importação de matérias-primas e bens de equipamento, bem como isenção de direitos aduaneiros de determinados produtos exportados e isenção de direitos na importação de matérias-primas incorporadas nos produtos exportados. Está ainda prevista uma redução de contribuição industrial para as empresas que exportem parte da sua produção.

Ao mesmo tempo, foram dotados os serviços oficiais de organismos capazes de apoiar pronta e eficazmente a iniciativa privada e estão a ser feitos esforços consideráveis no sentido de dotar a Província das infra-estruturas adequadas ao ritmo de desenvolvimento, particularmente visando a melhoria das comunicações, a redução dos preços dos combustíveis e das tarifas de energia eléctrica, a formação da mão-de-obra para a indústria, entre muitos outros.

Informações mais detalhadas e sugestões deverão ser solicitadas directamente à Direcção dos Serviços de Indústria — Serviço de Promoção Industrial — Caixa Postal n.º 1242 — Luanda.

JAPÃO

VIAGEM MARAVILHOSA

7 a 20 de Maio
Visitando TOKYO, HONG KONG e MACAU

Preço:
Esc. 27 500\$00

Incluindo: Passagem aérea de ida e volta em avião a jacto ★ Assistência aos embarques por Delegados da Agência ★ Transfer's de chegada e partida, ★ Visita das cidades ★ Alojamento em hotéis de categoria, em regime de quarto e pequeno almoço.

VIAGEM ESPECIAL EM OUTUBRO

Preço:
Esc. 25 145\$00

Inscrição e Informações:
NORTUR/PM-TURISMO
Rua Barata Salgueiro, 8 LISBOA
Telefs. 58722 - 58785 - 58791 - 58874



LIVRO QUE AJUDA A COMPREENDER OS VICIADOS DA DROGA

LIVROS DE BOLSO EUROPA-AMÉRICA
Uma colecção de se lhe tirar o chapéu

TEXTOS INTEGRAIS

TODAS AS QUINZENAS

TEMPO QUE LHE DÁ TEMPO PARA COMPRAR E LER



ESTA QUINZENA:

OS SEQUESTRADOS DE ALTONA

JEAN-PAUL SARTRE



Publicações Europa América
Apartado 8 - Mem Martins

FRANCA VILA DE XIRA FEIRA ANUAL DE GADO

DOMINGO, 6 DE MAIO DE 1973

— AS 5 E MEIA DA TARDE —

CORRIDA CONCURSO DE GANADARIAS DO RIBATEJO

6 — TOIROS — 6

PALHA BLANCO, PINTO BARREIROS, DAVID R. TELLES, OLIVEIRAS-IRMÃOS, FRANCISCO DE GOES E JÚLIO BORBA

MESTRE BAPTISTA
JOSÉ M. CORTES
LUÍS M. DA VEIGA

Forcados do Montijo, Vila Franca e Alcochete
Em grande competição disputam um forcado em prata. (Troféu Fortunato Simões)

PREÇOS DESDE 50\$00. VENDA DE BILHETES:

Em Lisboa: Agência ABEP, Praça dos Restauradores, Telef. 328823; Tabacaria Freitas, Rua 1.º de Dezembro, 85. Em Vila Franca de Xira: no Café Central, Telef. 22087; nas Agências locais, na Bilheteira da Rua Serpa Pinto, na véspera e no dia da corrida e nas Bilheteiras da Praça no dia da corrida.

EMPRESA EDITORIAL pretende

SECRETÁRIA

Req: Capacidade de iniciativa e de organização. Cultura geral

Resposta a este jornal ao n.º 788

com referência breve, no «curriculum», aos interesses culturais (Literatura, Artes, Sociologia, etc.).

DL/OPINIÃO

S. JORGE E A POLUIÇÃO

Escrever acerca de poluição e de luta contra ela tornou-se um modo fácil de provar interesse pela «coisa pública», sem risco de maior e até contando de antemão com várias e indulgentes benevolências, a mais flagrante das quais se assemelha muito à que reservamos às manifestações da loucura mansa... Acresce que a poluição é uma daquelas raras questões em que toda a gente está de acordo, embora se compreenda que haja diversos graus na veemência do protesto, consoante maior ou menor facilidade de cada pessoa fugir aos efeitos desta praga moderna. Por exemplo: os habitantes de uma localidade poluída não-de protestar muito mais do que os proprietários do foco poluidor, sobretudo se estes puderem passar férias ou fins-de-semana longe, ou se, pura e simplesmente, residirem em lugares não contaminados... Com uma ilha particular no Mediterrâneo, qualquer Krupp pode suportar a poluição do Reno.

Mas nós falamos de Portugal, onde, entre outras dificuldades, logo se esbarra com a declarada e confessada falta de legislação que dê eficácia aos bons propósitos dos diversos organismos empenhados, segundo a letra, na luta contra a poluição. Já não é apenas a opinião pública que aponta essa fatal deficiência (e aqui mesmo nos temos feito eco desta crítica), mas o próprio presidente da Comissão Nacional do Ambiente, em mesa-redonda, reconhece que pouco ou nada virá a fazer-se sem a força que só uma lei clara poderá conferir. Não foram estas as suas precisas palavras, mas é esta a situação actual disso a que vamos chamando, por comodidade de linguagem, luta contra a poluição.

Em boa verdade, as pequenas conquistas alcançadas até agora têm resultado mais da pressão da opinião pública do que da aplicação das poucas e antiquadas disposições regulamentares sobre a matéria. Mas mesmo essas conquistas têm vindo a processar-se a um ritmo aflitivamente lento, lutando contra a inércia oficial, os interesses particulares, sofrendo em primeiro lugar da falta de experiência da acção cívica, receando-a mesmo como sinal suspeito de insubordinação. Pelo andar que as coisas levam, muito tempo ainda terá de passar para que em certas localidades do País volte a respirar-se um ar limpo ou a contemplar-se uma paisagem que não ofenda os olhos e o espírito...

Como é sabido, somos muito prontos em dar lições ao estrangeiro quando nos achamos na nossa boa razão. Por isso mesmo, como justa retribuição, não seria demasiado colher nesse mesmo estrangeiro os bons exemplos que certamente por lá não faltam. Recordamos, para o caso, um recente telegrama comunicando que «as autoridades romenas publicaram uma proposta de lei destinada a combater a poluição, e prevendo penas até dois anos de cadeia para os transgressores». Naquela proposta de lei estão abrangidos a emissão de gases industriais para a atmosfera, o ruído excessivo e os desperdícios industriais e dos lares. Mas onde a decisão se torna efectivamente interessante, para além dos efeitos práticos imediatos, é quando se afirma que «a protecção do meio ambiente é do interesse nacional e é parte integrante do planeado desenvolvimento económico e social do país». Todos estaremos de acordo em reconhecer que se trata de uma maneira clara e directa de pôr a questão.

Também aqui o desenvolvimento económico e social é objecto de plano. Neste têm de inscrever-se harmoniosamente os diversos factores influentes ou determinantes, desde o humano ao financeiro, todos eles sujeitos às leis que os institucionalizam. Ora, sendo a protecção do meio ambiente de interesse nacional (pode dizer-se até que se trata de universal verdade), não se compreende como pode continuar a faltar ao edifício planificador uma das suas traves mestras: uma legislação moderna que faça recuar este novo dragão lançador de fumo pelos narizes. Se não nos acode outro S. Jorge, o único documento legal que nos assistirá será a certidão de óbito...

Apelo de Allende

O presidente Salvador Allende denunciou, no seu discurso do Primeiro de Maio, as manobras da oposição centrada e do imperialismo contra a coligação da esquerda, que detém o poder no Chile desde 4 de Novembro de 1970. O chefe do Estado lançou um apelo ao povo chileno, cuja primeira tarefa é «impedir a guerra civil que os inimigos do povo querem provocar». «Apelarei para a lei, para as forças armadas e, se for necessário, para as forças populares, a fim de impedir o fascismo de atingir os seus objectivos no Chile» — declarou. Allende pediu a unidade dos trabalhadores e a unidade sindical, e disse: «A lealdade das forças armadas permite-nos encarar o futuro com tranquilidade».

Falando seguidamente daquilo a que chamou «as tentativas subversivas da oposição para o derrubar», o presidente chileno fez notar que vários grupos tencionam fazer com que se demitam todos os ministros do Governo, com o objectivo de impedir o processo de socialização da economia. Allende aludia ao processo de acusação constitucional a que o Congresso pode recorrer para destituir membros do Governo, como já aconteceu com três ministros da Unidade Popular, desde que a coligação subiu ao poder.

O presidente chileno acusou também a oposição de querer retirar todo o poder legal ao Exército, de fazer desconsiderar as forças da ordem, organizando manifestações e de provocar o caos económico.

Aludindo, por último, às empresas multinacionais que concretizam «as manobras do imperialismo», Allende lembrou as medidas de embargo contra o cobre chileno, tomadas pela Kennecott Company, e os «fracassos» da International Telephone and Telegraph (ITT) para derrubar o seu Governo. «A independência económica e política» — afirmou o presidente, antes de lançar um apelo à disciplina social.

Recusa de Fidel

O primeiro-ministro cubano Fidel Castro, falando em Havana, disse que o seu país nunca voltará a fazer parte da Organização dos Estados Americanos, tal como ela se encontra constituída, mas está disposto a reintegrar-se numa organização dos países latino-americanos que exclua os Estados Unidos.

Tal organização terá a sua sede na América Latina e não em Washington como a OEA e servirá para defender os interesses dos países membros contra a agressão do imperialismo ianque.

Numa organização regional desse tipo não existe lugar para os Estados Unidos — salientou Fidel, cujo discurso foi aqui captado através de Rádio Havana.

Por instigação dos Estados Unidos, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos em 1962.

A posição manifestada pelo dirigente cubano foi diferente daquela que anteriormente apresentara de que Cuba havia um dia de pertencer a uma Organização de Estados Americanos Revolucionários.

O seu discurso de ontem dá a entender que Fidel aceitaria agora integrar-se num agrupamento regional mais vasto, incluindo mesmo países que ele não considera revolucionários. Tais como os Estados das Caraíbas que no ano passado estabeleceram relações com Havana.

QUADRATIM

A propósito destes epidémicos concursos de misses lembrei-me do texto que há anos escrevi sobre um assunto em que encontro certo parentesco. Desencantei-o e remodelei-o por achá-lo oportuno nesta hora.

Há poucos meses li no jornal o anúncio de um filme que me impressionou. Não me recordo já do título, porque o que me chamou a atenção não foi ele, nem o nome do realizador, foi ver o nome dos protagonistas — gente não muito conhecida — em letras garrafais, e o de uma personagem secundária, Rita Hayworth, em letras minúsculas, como que posto «lá atrás».

Pensei na altura fazer umas considerações sobre o tema da «beleza fugaz», do valor-beleza, mas naturalmente outros temas se sobrepuseram. Agora acabo de ler a notícia de que Rita Hayworth na miséria (uma miséria «à americana», ou «à vedeta», pelo menos, miséria que compreende ainda a posse de um casarão apalaçado em Beverly Hills, Califórnia), não sabe que fazer nem para que lado se voltar, e escreve a amigos e maridos a pedir auxílio.

Pensei então: eis a diferença entre ser-se uma vedeta e uma artista. Artista no sentido de artista criador.

A vedeta vive do físico, do que a pele tem por fora, a artista, o artista, do que a pele tem por dentro.

Quando a beleza diz apenas respeito à juventude, ao estado de juventude, fazer-se comércio dela é mau, é arriscado, é muito triste.

ISABEL DA NÓBREGA

OS VALORES

Uma artista como Germaine Richier, por exemplo, que morreu cancerosa com sessenta e tal anos, foi — até morrer — um dos maiores escultores dos tempos modernos, e depois de morrer assim permaneceu, porque permaneceu a sua obra.

Mas sem nos voltarmos para os artistas criadores (o tom desta crónica destina-se às menininhas...), falemos dos artistas recriadores, ou seja, os artistas intérpretes. Uma Duse representou ainda com sessenta e tal anos; uma Sarah Bernhardt representou ainda com sessenta e um, já com a perna amputada. Não foi a idade que as liquidou — foi a morte.

No caso de Rita Hayworth, foi ela o símbolo — ao que se vê, precário — da mulher-fêmea, que mereceu a honra de ter uma cópia do seu filme «Gilda» — o célebre «Gilda» — enterrada numa caixa de chumbo selada, juntamente com vários outros índices, culturais, técnicos científicos (a Bíblia, um quadro de Picasso, um dos primeiros antibióticos), caixa ou cápsula que foi enterrada numa montanha da Califórnia com vista às gerações futuras, para que os novos habitantes do planeta — se ainda os houver no ano de 2950, por exemplo — fiquem a saber o que interessava então aos seus habitantes em meados do século XX.

É pouco. Ou antes, não é pouco, mas faltando-lhe o complemento da dimensão espiritual, torna-se pouca e pequena essa afirmação que não chega

a ser verdadeira realização.

E ei-la, a vedeta, na relativa miséria, e ei-la, resignada a pequenos papéis com pequenas letras a desenhar-lhe o nome. A história de Rita Hayworth, por ser uma história exemplar, pode chamar a atenção para quem faz do físico seu ofício e seu capital. Por nós, só nos resta desejar que a história (as histórias) acabe (acabem) com a possível dignidade.

Retocado este texto, senti que alguma coisa mais me apetecia dizer que talvez não tivesse já relação com a carne jovem alienadamente exposta. Não sabia o que era. Esperei, com a esferográfica suspensa, porque me era claro que a ideia vinha a caminho, embora imprecisa ainda. Apresentou-se por fim.

E já não tinha, realmente, nada a ver com as misses. Invocava um outro tipo de beleza. «Contemplei a beleza que não morre e fiquei triste», escreveu o Antero. Tratava-se de qualquer coisa assim, mas, agora, horror dos horrores, ameaçada.

Recomecei a enumeração dos elementos guardados na cápsula, em Monte Álamo ou quejandos, nosso recado-síntese ao futuro, e verifiquei que era aí que tropeçava, interdita e desolada.

Porque faltava, faltou, lá, uma prova essencial, que os confiantes cientistas não se lembraram de armazenar. Simplesmente uma flor. Sim, essa coisa espantosa, uma flor.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O DESGASTE DO PODER

Seis anos após o golpe de Estado de Atenas, e apesar do desgaste do poder, os dirigentes gregos nem sequer sonham em ceder o lugar.

ATENAS — Os dirigentes saídos do golpe de Estado militar festejam o seu sexto ano no poder. No entanto, setenta e dois meses depois do 21 de Abril de 1967, no termo daquilo que, para eles, não é mais do que uma primeira fase, devem tomar em consideração um certo número de sinais e de avisos que podem anunciar dias menos tranquilos.

Embora colocado sob vigilância, o movimento estudantil ganha surdamente novas camadas de jovens. Já não levanta unicamente a reivindicação profissional e reflecte o despertar político de meios sociais até então acantonados na política da contemporização. Apoiado, encorajado por uma «inteligência» hostil ao novo regime, este movimento participa igualmente no trabalho de efectuado por aqueles que tinham com um regresso ao passado ou alimentam a esperança de um amanhã radicalmente novo.

Do mesmo modo, o mundo trabalhador conhece uma secreta gestação. A alta dissimulada do custo da vida, os acasos do emprego, desproporções sociais gritantes, sensibilizam forças ainda mal organizadas, mais ou menos contidas, mas que, a prazo, podem provocar uma verdadeira explosão social.

A estes factos políticos, económicos e sociais, junta-se o espectáculo de uma Igreja ortodoxa entregue aos seus demónios familiares. Há já mais de uma década, que ela apregoa as suas discórdias intestinais, as suas rivalidades, mas, sobretudo, a sua incapacidade

para se adaptar ao nosso tempo. Num país que se manteve tão cristão como a Grécia, esta degradação de um dos pilares do Templo vem juntar-se à confusão dos espíritos.

Finalmente, o horizonte diplomático também tem as suas nuvens. Em Chipre, o fogo continua a alimentar as cinzas. A Europa liberal acentua as suas reservas. O terceiro mundo não se abre como seria para desejar e a conjuntura regional já não é tão serena.

DUAS HIPOTECAS

No campo dos partidários do novo regime, um pequeno grupo, acentuando principalmente os múltiplos êxitos, considera que, após seis anos de poder quase absoluto, o balanço apresentado poderia ser bem mais positivo. Esta fracção dos defensores da «revolução de 21 de Abril» afirmam que, ao dar a prioridade ao económico sobre o político, deveria ter sido possível atingir determinados objectivos fundamentais.

Estes meios pensam, com efeito, que a «revolução» responde a uma necessidade histórica, que ela continua a ser possível, desejável até. Precisam que, esta «revolução» não consiste em derrubar as estruturas políticas, económicas e sociais do país, mas, mais simplesmente, para começar, em libertar a Grécia de duas pesadas hipotecas.

Em primeiro lugar, no respeito das regras do liberalismo económico, os dirigentes teriam podido libertar o Estado da tutela de uma oligarquia de armadores, de banqueiros, de industriais, de grandes comerciantes e de manejaadores de dinheiro, habituados a influenciar, por interpostas pessoas, os negócios públicos. Visceral-

mente capitalista, megalómana, às vezes mais cosmopolita do que patriótica, fechada nas realidades sociais, esta oligarquia trava a instalação de uma ordem que não seja um subproduto da antiga. Para a neutralizar e a disciplinar, teria sido preciso limpar as cavalariças de Augias com outra coisa que não uma escova de dentes.

Para este pequeno grupo, deveria ter sido possível afirmar mais claramente uma política de independência e de dignidade nacional. Tendo bem em consideração imperativos geográficos, lições da História, relação das forças — sem pôr em causa as amizades e alianças tradicionais — teria sido preciso diversificar melhor as relações com o mundo exterior. É certo que, desde 21 de Abril de 1967, a Grécia segue uma política de cooperação internacional e de boas relações com todos os países, independentemente dos seus regimes políticos, mas também não é menos verdade que, hoje aos olhos de numerosos gregos, com a 6.ª esquadra nas águas de Eleusis e de Mégara, mas, também, pelo jogo das interferências económicas, o país apresenta-se como uma estrela a mais na bandeira americana.

Os adversários do regime rejeitam esta análise, e contestam em bloco o balanço destes seis anos de poder. Para eles, mal preparados para a acção política, os novos dirigentes não têm sabido nem prevenir nem verdadeiramente governar.

Os mais acomodaticios não aceitam o quadro da situação económica tal como é apresentado pelos dirigentes. Para eles, a economia grega encontra-se presa por um fio, e os proble-

Continua na pág. 10

DL/GERAL

O BISPO DO PORTO FOI SAGRADO HÁ 25 ANOS

Foi muito concorrida a cerimónia que ontem se realizou na Sé do Porto, comemorativa das «bodas de prata» da sagração episcopal de D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto. O templo estava repleto de fiéis, leigos, religiosos e de grande representação do clero. Foi na diocese de Portalegre-Castelo Branco, que D. António esteve como bispo.

Câmara Municipal do Concelho de Sesimbra EDITAL

FERNANDO MATA DA COSTA GASPAR, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SESIMBRA:

TORNA PÚBLICO QUE, de harmonia com a deliberação desta Câmara Municipal tomada em reunião de 9 de Abril corrente, e de conformidade com a publicação feita na III Série do «Diário do Governo» de 27 do referido mês de Abril, no dia 18 de Maio próximo se procederá, pelas 20 horas, na sala das sessões, nos Paços do Concelho do Município e perante a Câmara Municipal à arrematação em hasta pública de três lotes de terreno situados no Largo Almirante Gago Coutinho, entre a Rua dos Combatentes do Ultramar e a Rua dos Operários Marítimos (antes Fonte Nova) desta Vila, a saber:

— Um lote com a área de 292 metros quadrados, a confrontar do norte com Largo Almirante Gago Coutinho, do sul com Maria Rita da Costa Antunes, do nascente com Rua Professor Doutor Fernandes Marques e do poente com Rua Combatentes do Ultramar; um lote com a área de 205 metros quadrados e um lote que lhe fica anexo, com a área de 902 metros quadrados, que confrontam do norte com Largo Almirante Gago Coutinho, do sul com prédios dos herdeiros de Doutor Peixoto Correia, de herdeiros de Mateus Chagas e de Maria Julieta Bodin Roquette Ferreira de Carvalho, do nascente com Rua dos Operários Marítimos e do poente com Rua Professor Doutor Fernandes Marques.

Lotes estes descritos na Conservatória do Registo Predial de Sesimbra sob o n.º 371, a fls. 13 verso, do Livro B-2, e inscrito na Matriz Predial Urbana da Freguesia de Santiago deste mesmo Concelho sob o artigo 1058, os quais se destinam a construção de prédios, os quais deverão ser iniciados no prazo de 180 dias e concluídos no prazo de 2 anos após a arrematação.

A base de licitação é de 1500\$00 por cada metro quadrado.

As condições gerais e especiais para esta arrematação estão patentes nesta Câmara Municipal todos os dias úteis durante as horas do expediente da Secretaria.

A Câmara reserva-se o direito de não adjudicar, se o julgar conveniente aos interesses do Município.

Para geral conhecimento se publica este edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho de Sesimbra, 27 de Abril de 1973.

O Presidente da Câmara,

Fernando Mata da Costa Gaspar

Presidiu à cerimónia comemorativa D. António Ferreira Gomes que tinha a ladeado o seu bispo auxiliar D. Domingos de Pinho Brandão, a madre Maria de Jesus Hostia, à direita; e à esquerda, o eng. António da Silva Martins, presidente da Junta Diocesana da Acção Católica e o cônego dr. Silva Martins, vigário-geral da diocese.

Na capela-mor tomaram lugar as mais altas individualidades, entre as quais o chefe do

distrito, o presidente da Câmara Municipal, o comandante da Região Militar, o arcebispo de Cizico, o bispo de Portalegre-Castelo Branco, etc.

A sessão foi aberta pelo bispo-auxiliar, falando depois D. António Ferreira Gomes, que teve algumas considerações sobre a Igreja. Falaram depois os padre Celestino da Silva Ramos, em nome dos sacerdotes diocesanos, D. Teodoro Monteiro, prelado, pelos institutos religio-

sos, a irmã Maria Antónia Marques Guerreiro, em nome das religiosas da diocese, e o leijista António Teixeira de Carvalho, pelos leigos. Por último proferiu ainda algumas palavras D. António Ferreira Gomes, sintetizando que «todos — diocesanos, religiosos e leigos — seremos Igreja».

Na homilia, D. António referiu-se à pedagogia da fé, ao bispo como educador da fé e como pastor sacerdote.

SESSÃO DE DIA INTEIRO NO PLENÁRIO CRIMINAL

Prosseguiu hoje, durante todo o dia, com sessões às 10 e às 15 e 30, o julgamento de Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho e João Pedro de Lemos Santos Silva que, no Plenário Criminal de Lisboa respondem por ligações com o Partido Comunista Português.

A sessão da manhã foi preenchida com o interrogatório das testemunhas de defesa dos réus, algumas delas personalidades conhecidas dos meios políticos oposicionistas. Dois médicos ofereceram interessantes depoimentos sobre a forma como se

processa a instrução preparatória de certos processos da Direcção-Geral de Seturança.

Na sessão da tarde, o dr. Manuel da Palma Carlos iniciou as suas alegações, prevendo-se que o dr. Francisco Salgado Zinha, que com ele ocupa a bancada da defesa, use ainda hoje da palavra.

Conforme noticiámos, os dois réus estão presos, o que o tribunal considerou «motivo para tomar a iniciativa quanto à necessidade de celeridade no andamento dos trabalhos processuais».

MISSA DE SUFRÁGIO

Celebrou-se hoje, pelas 12 horas, na Igreja dos italianos de Nossa Senhora do Loreto, uma missa de sufrágio do trigésimo dia da morte do prof. Guido Burgada, que foi, durante dez anos, adido cultural da Embaixada da Itália e director do Instituto Italiano de Cultura em Portugal.

O prof. Guido Burgada, que viveu em Portugal de 1958 a 1968, faleceu em Roma, onde ocupava um alto cargo no Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano.

ROUBOU UM CARRO E MORDEU NUM POLÍCIA

Como o carro que comprara havia dias não possuía uma cambota em condições, o pedreiro Luís, de 19 anos, natural de Pombal, resolver furtar, ontem à noite, na Calçada da Cruz da Pedra, um automóvel ali estacionado.

Mas o polícia de giro na área estava atento e com a ajuda de um condutor que lhe dispensou o veículo iniciou animada perseguição ao jovem rato, até que conseguiu efectivar a sua detenção já próximo da Rua dos Caminhos de Ferro.

Luís, que também não possui carta de condução, ainda resistiu, agredindo o polícia com uma dentada na mão esquerda, pelo que este teve de receber tratamento no posto de socorro da Estação de Santa Apolónia.

ATNEU COMERCIAL DE LISBOA

Integrado nas comemorações do 20.º aniversário do Atneu Comercial de Lisboa, realiza-se hoje, às 18 e 30, na sede daquele estabelecimento de ensino, um recital de canto, em que intervêm os cantores líricos Palmira Viegas e Luis Brunner, acompanhados ao piano por Francisco da Cunha e Brito.

Considerado responsável o suspeito do triplo crime do Porto

PORTO — O Conselho Médico-Legal do Instituto de Medicina Legal forneceu à Polícia Judiciária o seu parecer sobre o exame de sanidade feito ao indivíduo suspeito do triplo crime ocorrido a 23 de Fevereiro passado, na Rua do Campo Alegre.

O suspeito é Armando da Sil-

va Arnaud, de 28 anos, residente na Póvoa do Varzim, que desde aquele dia se encontra internado no manicómio criminal, anexo à Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo.

Segundo exame já feito por neurologistas, estes foram de parecer que o suspeito é indivíduo classificado de imputável, ainda que com certas reservas. O parecer do Conselho Médico-Legal, agora expresso, é favorável à opinião dos neurologistas pelo que, talvez ainda esta semana, a Polícia Judiciária dê início à instrução do processo.

PREJUDICOU O ANDAMENTO DA LIMPEZA

Quando, esta madrugada, alguns empregados de limpeza da C.M.L. procediam à lavagem das faixas de rodagem, na Calçada do Carmo, surgiu em cena o operário da construção civil David, de 35 anos, natural de Oliveira do Bairro, que após dirigir-lhes frases de provocação acabou por agredir um deles com um pau.

Nem mesmo com a chegada ao local de uma brigada da P. S. P. os ânimos de David se acalmaram, pois, antes de ser detido, ainda agrediu um dos agentes e lançou para o ar algumas expressões consideradas ofensivas por aquela corporação.

Após elaboração do respectivo processo, irá transitar amanhã para a Judiciária.

ACHOU 125 CONTOS DE TÍTULOS DE CRÉDITO

PORTO — Nem todos têm a sorte de encontrarem no chão títulos no valor de 125 contos. Com efeito, Zeferino Gonçalves, residente em Fânzeres, Gondomar, ao passar pelo Largo da Lapa, reparou numa promissória caída no chão. Ao apanhá-las verificou que uma delas era de 25 658\$10, pertencente a Francisco Barbosa Fernandes e, a outra, de 100 033\$30, em nome de Maria Sofia Fernandes, ambos residentes no lugar de Galinheiros, em Gaifar, Ponte de Lima.

Os títulos de crédito foram entregues numa esquadra da P.S.P. para serem devolvidos aos seus legais possuidores.

Acidente ferroviário em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 3 (L.) — Verificou-se ao fim da madrugada de hoje um grave acidente ferroviário ao km 57,5 da linha do Limpopo, próximo da Manhica, tendo as consequências, ambas de mercadorias chocadas de frente.

Segundo as primeiras informações chegadas a esta cidade, registaram-se já dois mortos, o maquinista e o fogueiro da com-



Com a presença do Chefe do Estado (que vemos na foto acompanhado pela esposa) estreou-se ontem o filme «O Jovem Leão» cuja receita reverteu para a Cruz Vermelha e para os Lares de Boa Vontade

Arhonovitch e a Royal Philharmonic Orchestra chegaram ontem e actuam hoje em Lisboa



Sérgio Varela Cid, Yuri Arhonovitch e a intérprete

Chegaram na tarde de ontem a Lisboa o maestro Yuri Arhonovitch e os elementos da Royal Philharmonic Orchestra. Arhonovitch, judeu nascido na Rússia, país que abandonou há oito meses para se tornar cidadão israelita «e não por motivos políticos», como fez questão de frisar, dirigirá a grande orquestra londrina nos concertos que se realizarão hoje, sábado, domingo e nos dias 8 e 10, na próxima semana, nos quais serão interpretadas todas as sinfonias de Beethoven, bem como alguns concertos para piano e orquestra e para violino e orquestra, do mesmo compositor.

Para se juntar à Royal Philharmonic Orchestra virão dois coros: o Brighton Festival Chorus e o New Philharmonia Chorus.

Esta série de concertos tem o patrocínio da F.N.A.T. e da Flemko Internacional, de que o pianista Sérgio Varela Cid é director artístico e, ainda, do nosso colega «Diário de Notícias». Varela Cid será um dos solistas a actuar nos concertos.

Atrasos na linha de Sintra

Devido a uma avaria técnica numa agulha eléctrica, no interior do túnel do Rossio, registaram-se esta manhã entre as 7 e 30 e as 9 horas atrasos consideráveis nas composições da linha de Sintra — entre 40 e 45

minutos — o que prejudicou substancialmente as dezenas de milhares de pessoas que diariamente se deslocam para a capital em busca dos seus afazeres.

Com efeito, muitos dos utentes daquela linha dirigiram-se ao gabinete do chefe da estação para que este lhes passasse o documento comprovativo do atraso de molde a podere m justificar perante os seus patrões — e alguns descontam mesmo o mais ligeiro atraso — a razão do seu aparecimento tardio, não se encontrando ali aquele funcionário nem ninguém que o pudessem fazer. Em contrapartida, alguns dos funcionários subalternos presentes, talvez pela ausência do chefe, foram menos solícitos para todos os que ali se dirigiram, o que levou muita gente a pôr de parte a ideia de receber o documento justificativo do atraso e a seguirem para os seus empregos com a convicção de que o que nasce torto, assim continuará.

TV

DL/ESP/OLHOS

VICTORINO D'ALMEIDA: O HOMEM DA MÚSICA E O HOMEM DE TELEVISÃO UNEM-SE PARA A VITÓRIA DE UMA E DE OUTRA

Mais uma «história da Música». Escusado será dizer: mais um motivo para amar a televisão.

Desta vez demos um grande passo no conhecimento de Brahms. No conhecimento, atenção: não tanto no conhecimento musical. António Victorino d'Almeida afluorou apenas a importância de Brahms na evolução musical. Certamente talvez pudesse adiantar um pouco mais, mas nós sabemos, e Victorino d'Almeida sabe-o igualmente, o perigo que se corre quando se pretende entrar por uma abordagem técnica quando não estão criadas as condições mínimas para a assimilação e discussão. O perigo maior consiste em fomentar o psitacismo, a tendência para a cultura de orelha, o dizer-se porque se ouviu alguém dizer, etc.

O passo que, com Victorino d'Almeida, demos ontem consistiu primeiramente no incentivo para o conhecimento de Brahms, para a atenção e para a lição da sua música: o rigor da construção, a não cedência aos rodriguiños, aos chavões, à facilidade, à emoção desbragada a armar aos cardos.

O outro passo consistiu no aflorar da vida pessoal, familiar, de Brahms. Muito ainda ficou por dizer no que respeita às relações de Brahms vivo com o seu tempo vivo. Mas as «histórias da Música» não acabam já (lagarto, lagarto!) e certamente Victorino d'Almeida terá ocasião de voltar ao assunto.

Outro factor para que convindo os leitores a voltarem-se consiste no trabalho de TV efectuado por Victorino d'Almeida. Ainda aqui, como realizador, ele nos dá uma verdadeira lição de profissionalismo, de intuição, de qualidade. Repare-se nas maravilhas formais que ele consegue com uma equipa tão limitada: um operador, um técnico de som, um montador. Aquela câmara faz milagres e não por iniciativa do operador, mas sim por respeito a um esquema perfeitamente definido com vista a criar determinados efeitos.

António Victorino d'Almeida aparece, no genérico, como realizador e não se vê por que não o devesse estar. Se realizador é «aquele que dirige a execução e a produção de uma emissão, quer no plano técnico, quer no plano artístico», eis que estas funções estão perfeitamente assumidas por Victorino d'Almeida a um tal nível que raramente terá sido atingido pelos realizadores do actual quadro da televisão portuguesa.

Porque o êxito das «Histórias da Música» não deve entender-se só como êxito de Victorino d'Almeida, homem da música. Ele deve-se, em grande parte, a Victorino d'Almeida, homem de televisão.

CELORICO DA BEIRA

Pois agora outro pulo. A Celorico da Beira. Certamente para conhecermos dos seus problemas. Do seu quotidiano. Das suas pessoas, caramba! Pois uma terra que é, senão as suas pessoas embarcadas no tempo de agora? De tal modo que, ou conhecemos as pessoas, ou não conhecemos coisa nenhuma.

Não sei se vocês foram a



Por MÁRIO CASTRIM

queletóides, a povoá-las de gente ante vesuviana que transportava dentro dos olhos.

Aconteceu exactamente o mesmo quando não fui a Nínive, a capital da Assíria, arrasada 612 anos antes de Cristo, desastre euforicamente lembrado pelos profetas. Quando lá não estive, afastei-me dos tumuli, e dos muros de tijolo do palácio real, palácio onde arderam para cima de 2000 relevos e a grandiosa biblioteca.

O que eu fiz foi andar na boa laracha brutalmente cultural e piadética (são uns pontos, posso garantir-lhes) com o Assurbanipal, o Senaqueribe e o Sargão. Nesse tempo, Istar também quis meter conversa comigo mas garanti-lhe logo que não ligava meia a divindades, pois me prezo de bom cristão, graças a Deus, e além disso o que eu gosto é de ver gente, gentil Istar e o grande Nabu me desculpassem, mas a mi-

nha ideia era ir conversar com os operários que, tijolo a tijolo, iam levantando o palácio, operários que depois não ficaram na História, como foi habitual ao longo dos séculos.

Ver gente, portanto. Essa a minha ideia quando ontem a televisão nos levou a Celorico da Beira. Ora, meus amigos, o documentário «Terras de Portugal» fez uma coisa extraordinária: andou por Celorico da Beira e quase não viu pessoas, quando muito vimos sombras, vultos indistintos — além de uma idosa mulher que nos cantava cantigas mansas de meninos e meninas.

O documentário recheava-se dos lugares-comuns, dos chavões, da palha infelizmente habitual neste género de espectáculos. Dir-se-ia que estamos em presença de um vestido que serve para vestir todos os

manequins. Uma subita impressão de termos ouvido já estas palavras noutras circunstâncias, a propósito de outras terras:

Aqui vive uma população que cuida da terra com amor, a terra fértil que lhe dá o pão e o azeite. Dir-se-ia que diariamente se repetem gestos bíblicos, pedidos ao sabor dos tempos recuadíssimos...

Etc., etc., parece que o tempo parou. Parece que estão a falar não de uma terra do século XX, mas de uma pequena povoação da Idade Média. Gente viva e pensante, disso nem viválma.

Pois tirei isso pessoalmente a limpo, um dia destes. Pompeia e Nínive ficam-me fora de mão, mas para gasolina ainda eu tenho gasolina. Está dito: qualquer dia marcho-me para Celorico da Beira para ver se sim ou não existe lá alguém.

VISITE AGORA A GRÃ-BRETANHA

Aproveitando as comemorações do 6º Centenário da Aliança Luso-Britânica



Os Séculos passaram. E os tesouros históricos ingleses permaneceram intactos nas suas aldeias rurais. Através dos tempos estas preciosidades ficaram inalteráveis. Agora lá estão como recordações de todo um passado fascinante.

Conheça a ESCÓCIA

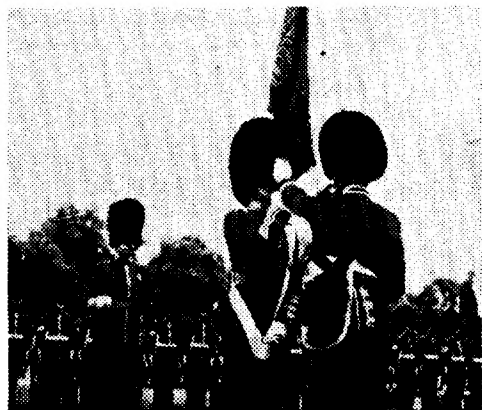
De colinas azuis, lagos misteriosos e vales verdes. Vá aos mesmos sítios onde Walter Scott, Robert Burns e outros artistas antigos buscavam inspiração.

Durante os «Highland Games», ou em outros desafios desportivos, você verá um escocês musculoso, vestido de «Kilts» atirando ao ar o tronco de uma árvore. Ao lado desta demonstração de força — a suavidade das raparigas a dançar sobre as espadas cruzadas ao som genuíno da gaita-de-foles.

Conheça LONDRES — Capital de tesouros

A Londres Tradicional começa no Trafalgar Square. Ai está também a National Gallery, com suas fantásticas obras de arte. Andando, pela Mall, você chegará ao Buckingham Palace; a residência oficial da Rainha em Londres. Todas as manhãs, e durante 300 anos, há a cerimónia colorida da rendição da guarda.

Você pode ainda visitar a Torre de Londres, com 900 anos, onde estão os «Yeomen Warders» ou os «Beefeaters», com os seus trajes tradicionais, a guardar as jóias da coroa real. Não esqueça de ver Hampton Court. — o palácio do rei Henrique VIII.



A rendição da guarda no palácio de BUCKINGHAM — uma cerimónia que se repete há 300 anos.

Viagens Rawes oferece-lhe viagens para Londres (mod. A) desde Esc. 3 100\$00

OU

Viagens para Londres e Escócia (mod. B), desde Esc. 5 500\$00

VIAGENS (mod. A)

Data	Preços por pessoa
— 12 Jul	— 3 370\$
— 17 Jul	— 3 690\$
— 23 Jul	— 4 900\$
— 2 Ago	— 3 100\$
— 6 Ago	— 4 400\$
— 13 Ago	— 4 900\$
— 23 Ago	— 3 100\$
— 27 Ago	— 4 400\$
— 3 Set	— 4 900\$
— 13 Set	— 3 100\$
— 17 Set	— 4 400\$

VIAGENS (mod. B)

— 3 Set	— 6 200\$
— 23 Jul	— 6 200\$
— 6 Ago	— 5 500\$
— 13 Ago	— 6 200\$
— 27 Ago	— 5 500\$

OS PREÇOS COMPREENDEM:

- Viagem em avião a jacto
- Estadia no hotel de 1.ª Classe Superior
- Pequeno almoço, tipo continental



GRÃ BRETANHA-a história viva.

- Visita Turística de Londres em autocarro de luxo, com guia falando português ou espanhol
- Assistência de um Delegado durante toda a estadia

- Na excursão à Escócia (mod. B) transporte em autocarro de luxo, hotéis de 1.ª Classe, quarto com banho, todas as refeições e serviço de guia falando português ou espanhol.
- Por último a possibilidade de viajar COMPLETAMENTE GRÁTIS.

Consulte a sua agência:

VIAGENS  RAWES

RECEBA GRATIS



Um magnífico folheto colorido sobre a Grã-Bretanha e um programa completo dos Tours organizados por Viagens Rawes.

Para informações detalhadas envie este cupão a:

VIAGENS RAWES

RUA BERNARDINO COSTA, 47
LISBOA

Nome

Morada

Localidade

DL/JR



DI/ESPECTÁCULOS

Crítica de cinema

A morte neste jardim

Título: LABIRINTO INFERNAL (La Mort en ce Jardin)
Realização: Luis Buñuel, 1956 (México-França)
Interpretes: Simone Signoret, Georges Marshall, Charles Vanel, Michel Piccoli, etc...
Distribuição: Filmes Ocidente
Estreia (Cópia nova): Cinema Alvalade (27.4.1973)

Título: CAI A NOITE SOBRE A CIDADE (Un Flic)
Realização: Jean Pierre Melville, 1972 (França)
Interpretes: Alain Delon, Richard Crenna, Riccardo Cucciolari, Michel Conrad, Paul Crauchet, Simone Valère, etc...
Distribuição: Filmes Lusomundo.
Estreia: Cinema Berna (27.4.1973)

Primeiramente, haverá que saudar a reposição de um dos mais inquietantes filmes de Luis Buñuel. **Labirinto Infernal**, datado de 1956, rodado no México, com actores na sua grande maioria franceses (o filme é uma co-produção franco-mexicana), é indiscutivelmente uma das obras mais importantes, daquele que se convencionou chamar o «período mexicano» da já vasta filmografia de Buñuel. **Labirinto Infernal** parte de um argumento inteligentemente elaborado pelo próprio Buñuel, de colaboração com Luis Alcoriza e Raymond Queneau: numa pequena aldeia mexicana, cujos habitantes vivem predominantemente da pesquisa de minérios, surge um conflito de graves repercussões: o governo, pela voz dos representantes locais do exército, expropria todas as concessões da exploração de minas espalhadas pela região. Os proprietários reagem, tentam falar e fazer prevalecer os seus direitos, mas a resposta é violenta. Dos motins surgem vítimas, mortos e prisioneiros. A aldeia torna-se um local inseguro para uns quantos, que resolvem fugir: um denunciante, dono de um barco, alberga nele uma prostituta, o pároco, dois «rebeldes», tidos como cabecilhas do movimento (que têm a cabeça a prêmio) e a filha, de

um deles. A pequena barcaça desce o rio à procura da fronteira do Brasil, mas é obrigada a parar e os seus ocupantes prosseguem viagem pelo interior da selva.

O filme desenvolve-se assim em dois tempos: depois de apresentados os protagonistas, estes definem-se psicológica e socialmente num período de crise. Cada um deles reage segundo códigos morais e sociais definidos pelo seu condicionamento: os mineiros reagem contra uma medida injusta e arbitrária; o padre mantém a indiferença e o alheamento, que mais não são do que uma forma de sancionar uma situação de facto (veja-se a cena em que o padre prossegue o ritual de uma missa, alheio à presença dos soldados que, pelo interior da igreja, conduzem um prisioneiro ao cárcere); a prostituta e o dono do barco, aproveitando-se desse período de crise para lograrem novas fontes de receita, entregando fugitivos ou agarrando-se a possíveis casamentos por lucro, etc...

Definidas as forças, em jogo pelas figuras que as representam, Buñuel vai inverter as regras, colocando-as agora num **hul chos** sem aparente saída. Fugindo pelo interior da selva, lutando pela sobrevivência, os fugitivos vão perdendo pelo caminho preconceitos e razões de ser que a anterior situação justificava, mas que a nova não sustenta de forma alguma. O que anteriormente representava poder (dinheiro, joias, diamantes...) acaba por ser abandonado sem utilidade. As regras são, agora, outras e a liberdade pode alcançar-se com o aparecimento de uma cobra que servirá para matar a fome. Deslocados do seu meio, os protagonistas desta aventura transmuntam-se lentamente. Do grupo, Buñuel salva um casal que personaliza, de certo modo, a pureza e a coragem.

Buñuel afirmou: «Quanto a mim, o cinema deve ser testemunha, o encontro com o mundo, aquilo que diz tudo que é importante na realidade. A realidade tem muitas faces e pode ter mil significados. Que-

ro ter uma visão integral da realidade; quero entrar no mundo maravilhoso do desconhecido». E mais adiante: «O cinema é uma arma magnífica e perigosa se manejada por um espírito livre. É o melhor instrumento para exprimir o mundo dos sonhos, das emoções e do instinto. Parece ter sido inventado para exprimir a vida do subconsciente, cujas raízes penetram tão profundamente no domínio da poesia». Estes dois curtos parágrafos ajudam efectivamente a compreender o significado do cinema de Buñuel, da mesma forma que fornecem uma pista para entender o mecanismo por que se rege este cineasta espanhol, voluntariamente exilado no mundo. Um cinema que é «Testemunha», um cinema que «procura abarcar a realidade», numa «visão integral» e exaustiva. Uma visão que esqueça «o mundo maravilhoso do desconhecido», que penetre «o inconsciente» e traga a luz do dia a realidade apagada dos «sonhos», descobrindo-lhes «a poesia». Tudo isso se entenderá melhor vendo, e revendo, **Labirinto Infernal**, uma obra de uma linearidade e de um rigor expositivo exemplares. Onde a ironia agreste e o apontamento exacto definem os planos de uma realidade múltipla e contraditória. Um filme obrigatório, está bem de ver.

Jean Pierre Melville regressa, por seu turno, com um filme menor, ainda que perfeitamente integrado num estilo muito pessoal: **Cai a Noite sobre a Cidade** não oferece, porém, grandes motivos de interesse e deixa, por outro lado, que o tédio invada o espectador, não raro. Trata-se de mais uma história de um roubo (primeiro da delegação de um banco parisiense, depois de uma mala, carregada de narcóticos) que é descoberto sem pressas, por um inspector pachorronto e apagado. Diz o pré-genérico que «Os sentimentos que se conseguem inspirar a um polícia são a dignidade e o ridículo» (Vidocq). Melville pretende ilustrar o conceito, transformando um **fait divers** numa tragédia. Mas, a dignidade ar-

Lauro António

tesanal da obra (Melville continua a saber rodar sequências ao amanhecer e ao entardecer, como muito poucos o fariam), não a salva, contudo, do ridículo de certas cenas. E já não falamos de toda a sequência do roubo da mala, feito através de um helicóptero, que desce sobre o tejadilho de um comboio, porque até se aceita a transferência das maquetas que transportam para o universo dos adultos as brincadeiras das crianças. Mas o que resta, é, realmente, de uma falta de originalidade e de frescura que nos inspira sérios receios, quanto à futura carreira de Melville. O mesmo que nos deu **Amor Proibido**, **O Denunciante**, **Um Homem de Confiança**, **Segundo Folego**, **Ofício de Matar** ou **Exército das Sombras**, indiscutivelmente admiráveis e obras de cinema moderno.

Música e bailado

O GRUPO DE BAILADO DE ANNA MASCOLO ESTREIA AMANHÃ NO S. Luís — Com a colaboração dos bailarinos Josette Amiel, Tessa Beaumont, Juan Giuliano, Robert Bestonso, Gilda Fallar e Martine Chaumet, exhibe-se amanhã, em estreia, no Teatro Municipal de São Luís, o grupo de bailado de Anna Mascolo. Os jovens até aos 21 anos beneficiam de um desconto de 50 por cento.

O CORO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA NO HOTEL DA BALAIÁ — No próximo sábado, pelas 22 horas, o Coro da Universidade de Lisboa actuará no Hotel da Balaiá. O espectáculo tem o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Estreia no Porto do grupo "António Pedro"

O Grupo de Teatro Independente António Pedro, o novo agrupamento profissional criado no Porto, é constituído pelos actores Angel Facio, António Rama, António Reis, Fernando Filipe, Lídia de Sousa, Marcia Breia e Manuela Melo. Estreia hoje o primeiro espectáculo «Pela Boca Morre o Peixe», no Teatro Sá da Bandeira, onde se manterá durante alguns dias. A estreia do novo agrupamento será composta por duas peças de Morozek, «Strip-Tease» e «Carlos».

Crítica de música MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

FAZER JUSTIÇA A CHOPIN

Quando o caso em presença é o dum pianista como Sequeira Costa, cria-se a justa expectativa de ouvir algo que sobressaia da mediania ou da vulgaridade das interpretações correntes, ainda quando estas possam ter o mérito de aliar a um trabalho rigoroso — ponto de partida de qualquer verdadeiro profissional — algum talento.

Sequeira Costa formou-se com Viana da Mota, mas não deixou que o arsenal de conhecimentos e de experiência então adquiridos estivesse por acção do tempo. Os conceitos de interpretação pianística ao tempo de Viana da Mota — que ainda conheceu Liszt — eram necessariamente diferentes dos actuais. E devido a um conjunto de circunstâncias felizes, Sequeira Costa pôde exercer sobre si próprio uma acção renovadora, mediante a assimilação do que pode chamar-se o método que fundamentalmente caracteriza a escola de interpretação pianística soviética. Com isto, já estamos a definir com alguma precisão as fronteiras ou os limites da sua evolução, que não começou em Chopin para acabar em Stockhausen e, portanto, não envolveu uma tomada de consciência de certos valores e significados estéticos mais recentes. Enquanto discípulos de Viana da Mota, que ainda é, Sequeira Costa limita volunta-

riamente o seu repertório sobretudo aos clássicos e aos românticos, embora um Ravel, um Stravinsky ou um Prokofieff (mas já não tanto um Bartók) estejam longe de ser, para ele, nomes desconhecidos. Enquanto aderente da escola de Sviatoslav Richter levou às últimas consequências, passou a construir em termos inteiramente novos, no âmbito desse repertório, o equilíbrio entre rigor e expressão.

Como se deu esta evolução? Através dum alargamento em extensão e profundidade das suas preocupações de ordem cultural e ideológica? Ou duma maior racionalização dos problemas estéticos? Talvez não. Talvez, muito simplesmente, por ter **intuído** a necessidade de disciplinar mais e mais a sua própria **intuição**.

O certo é que, duma maneira ou doutra, Sequeira Costa ganhou uma posição de certo modo ímpar entre os pianistas portugueses contemporâneos. Nenhum como ele melhor se exprime emocionalmente e ao mesmo tempo reconstrói com tanta perfeição a estrutura duma obra previamente desmontada átomo por átomo. Esta síntese é difícil de atingir e, para além de tudo o mais, exige muito trabalho. Tratando-se dum pianista português, que o seu País raramente solicita para concertos

públicos (ao passo que outros pianistas, estrangeiros, alguns com uma carreira internacional menos volumosa, dão dezenas e dezenas de concertos anuais nos respectivos países) a dificuldade, e o trabalho necessário para a vencer, ampliam-se enormemente. Ora, já tem acontecido que decerto por força de outras actividades a que se dedica (em parte consequência desses factores que acabámos de indicar), Sequeira Costa parece, por vezes, não poder despendir todo o esforço de preparação exigido pela craveira a que nos habituou. Tivemos ocasião de o verificar em alguns concertos a que assistimos. Mas aí o artista não pode transigir nem desculpar-se.

Desta vez, no primeiro dos dois recitais Chopin para a Fundação Gulbenkian, retomou plenamente a sua melhor forma. Uma ou outra reserva que pudéssemos fazer seria uma pura divergência de critério quanto à concepção interpretativa, e nunca incidindo na linha geral, mas no mero pormenor. É o caso, por exemplo, da **Marcha Fúnebre**, cuja secção central de-sejariam ouvir com um acento menos neutro, mais lírico, embora dentro da mesma atmosfera de contensão expressiva, ou do **6.º Estudo op. 10**, onde poderíamos formular idêntica observação. Entretanto, a cintilância de certas frases do **Estudo n.º 5**, o épico **con fuoco** do n.º 12, o diálogo em «eco» do n.º 9 e o humorismo do vertiginoso estudo de Moskovsky tocado extraprogramma contam-se entre os momentos deste recital que não esquecem.

Valeu a pena ouvir assim Chopin. Mas é lamentável que se fique por Chopin. Que havemos de fazer à música contemporânea? Ou não se percebe que amá-la e difundi-la é ainda fazer justiça a Chopin?

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

39.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

SÓ ATÉ DOMINGO com JOSÉ VIANA

no protagonista

SUA EXCELENÇA O VENDEDOR

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Rita Nêbre, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Todas as noites: 21.45 h.

2.ª feira, excepcionalmente, descanso da companhia

Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.

Domingos: 16 e 21.45 h.

Dia 9 — Estreia no Sá da Bandeira — PORTO

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

RUA DA PALMA

Hoje: As 21.45

Grupo C M/ 14 anos

PRÍNCIPE E A CRISTA

UMA DELICIOSA COMÉDIA

UM ÉXITO MUNDIAL

ELENCO

(por ordem de entrada em cena) Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz

2.ª feira, descanso da C.ª ÚLTIMOS DIAS

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

19.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORELA QUEIROS

SEXO NUNCA SOMOS BRITÂNICOS

No elenco: IRENE JSIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS

Todas as noites: 21.45 h.

4.ª feira, descanso da C.ª

SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 h.

DOMINGO

«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

Quando for viajar

lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo. Podemos poupar-lhe um tempo precioso, sempre que precisar de

PASSAGENS

de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.ª, dt.º Tel. 5 92 88. ORÇAMENTOS GRÁTIS

Stentofon

Sistemas de intercomunicação

Lisboa	Porto	Faro	Portimão
42124	483598	24338	22954
713470			

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

Os cabo-verdianos

A situação da mão-de-obra cabo-verdiana (mais de 20.000 pessoas) no continente foi alvo de um inquérito que a Casa de Cabo Verde efectuou no Verão passado, recentemente publicado na «Presença Criola», boletim deste organismo. Cerca de 400 trabalhadores de Lisboa e arredores, Almada e Seixal foram ouvidos, variando a sua idade entre os 18 e os 64 anos.

QUEM SÃO

Os resultados da primeira questão que se lhes pôs — «Quem são? Onde são?» — foram os seguintes: a esmagadora maioria dos emigrantes provém da ilha de S. Tiago e não há um só elemento do grupo de ilhas de Barlavento. O contributo da ilha do Fogo cifrou-se em oito indivíduos e as ilhas Brava e Maio proporcionaram um elemento cada uma. São todos trabalhadores não qualificados e a maioria é constituída por analfabetos. A média de filhos é de quatro, com idades que variam entre os dois e vinte e dois anos (um dos inquiridos sustentava a mulher e nove filhos). Apenas cinco por cento, solteiros, declararam não sustentar qualquer membro da família.

Quanto ao modo como vieram para Lisboa, os inquiridos responderam ter vindo por livre iniciativa. Dois por cento dos interrogados pagou do seu bolso, ou com a ajuda de familiares as passagens. Setenta por cento declarou que estas tinham sido pagas com dinheiro emprestado sem qualquer juro; os restantes 28 por cento pagaram pelos empréstimos, juros que variam entre os 12,5 e os 100 por cento.

Os emigrantes chegam diariamente ao cais de Alcântara ou da Rocha ou ao aeroporto da Portela. Os autores do inquérito perguntaram-lhes por quem eram recebidos, onde se instalaram antes e depois de empregados e como o fizeram. Enquanto sete por cento referiram a existência de funcionários do Grupo de Apoio aos Trabalhadores Cabo-Verdianos, nos portos de desembarque, 48 por cento declararam não ter sido acolhidos por ninguém e os restantes 45 por cento foram recebidos por familiares após a sua chegada, instalando-se em barracões das obras onde trabalham; 25 por cento instala-se com pessoas de família ou amigos, não indicando, no entanto, onde; 20 por cento com amigos, também sem indicação do local onde se instalaram; os restantes foram imprecisos nas respostas. A procura de mão-de-obra africana parece ser relativamente grande. De facto, 45 por cento dos cabo-verdianos questionados encontram imediatamente emprego e 35 por cento esperam dois a três dias; 25 por cento 15 a 30 dias; um por cento espera dois meses. Se contratados para fora de Lisboa, deslocam-se a expensas da entidade patronal. Neste ponto só 3,5 por cento responderam à pergunta, tendo um dos entrevistados declarado ter-se deslocado para o Algarve à sua custa. Oitenta por cento, depois de empregados, instalaram-se nas dependências das obras, em barracões; quatro por cento instalaram-se em quartos alugados em grupos pagando cada um

100\$00 mensais. Seis por cento habitam pensões a 35\$00 por dia ou entre 900 e 1000 escudos mensais por pessoa. Não responderam à pergunta 8 por cento. Uma vez que os emigrantes comparecem obrigatoriamente junto do grupo de apoio que os espera à chegada, os autores do inquérito julgavam que as respostas que não referem os contactos com os funcionários desse organismo se devam à falta de clareza da pergunta.

Depois de referir que 76 por cento consideram razoáveis as condições de salubridade e higiene em que vivem (7 por cento acham-nas boas e 17 por cento más) o inquérito passa a abordar o salário médio diário dos cabo-verdianos. A média dos vencimentos declarados foi de 113\$00; o mínimo diário de 90\$00 e o máximo médio diário de 130\$00.

«A máxima média diária só abrange 8 por cento, havendo entre eles quem ganhe 180\$00, incluindo horas extraordinárias. Quase todos os nossos trabalhadores são serventes em obras de construção civil.

Quarenta por cento declararam-se bem remunerados; 32 por cento razoavelmente; 26 por cento mal; 2 por cento reticentes ou não responderam à pergunta.

Setenta e cinco por cento responderam que recebem o mesmo salário que os seus colegas metropolitanos; 20 por cento responderam negativamente e 5 por cento não responderam à pergunta.

A grande maioria já pertence aos respectivos sindicatos e a inscrição, segundo declararam os entrevistados, foi da iniciativa da entidade patronal. Em caso de acidente ou doença recorrem aos Serviços Médicos das Companhias Seguradoras da entidade patronal, às Caixas de Previdência ou ao Ministério do Ultramar. A baixa percentagem dos que se declararam ainda não inscritos em sindicatos ou desconhecerem a que instituição devem recorrer em caso de doença, talvez se explique pelo facto de só recentemente terem chegado à Metrópole e, por isso, não estarem ainda devidamente informados e esclarecidos.

A média de gastos para o sustento da família do trabalhador cabo-verdiano vai, «às vezes, até 60 por cento do salário, variando entre 200\$00 para pais e irmãos e 3000\$00 para amortização do custo da passagem com respectivos juros e manutenção da família. A informação quanto à periodicidade das remessas para Cabo Verde é vaga. Mensal, bimensal, ou trimestral».

Ao ser-lhes posta a questão da possibilidade de reunião com a sua família no continente, aqueles que responderam, na sua maioria que a consideravam impraticável nas presentes circunstâncias: «carências de condições económicas, especialmente para pagar renda de uma casa, por mais pequena e modesta que ela seja. Trinta por cento não responderam à pergunta. Um entrevistado disse ser impossível por razões económicas e sociais».

A EUROPA

A sua alimentação é, regra geral, a seguinte: «duas ou três refeições diárias que classificam de ligeiras ou frugais, tendo respondido nestes termos 53 por cento dos inquiridos; 25

por cento declararam comer «o que calha». Os restantes 22 por cento não responderam.

Constam de café, pão, filhós de farinha de trigo, papas de milho com leite, arroz com toucinho, e, uma ou outra vez, ovos, bacalhau com batatas e frangos. A grande maioria prepara as suas refeições nos locais de trabalho (construção civil). Não há qualquer menção de legumes verdes ou hortaliças, nem quaisquer alimentos calóricos ou vitamínicos».

No que respeita a condições de trabalho, salário e relações humanas, afirmaram-se: «frustrados no que respeita aos três pontos 35 por cento; só quanto a relações humanas 13 por cento. No que respeita às condições de trabalho e salário 10 por cento se declararam frustrados.

Temos, portanto, 42 por cen-

to que se sentem completamente satisfeitos.

— Só 5 por cento dos entrevistados, os mais novos, responderam que não regressariam a Cabo Verde, mesmo se as condições de vida melhorassem».

Finalmente, inquiridores apresentaram os resultados das respostas obtidas sobre as relações com os seus colegas brancos: dois por cento, apenas, consideraram más as suas relações; cinco por cento não confraternizam «por falta de oportunidade» e 6 por cento responderam de modo ambíguo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Domingos Sanches Seguro Praça da Liberdade PENAMACOR

Siderurgia no Porto

Vai ser construída na Maia, próximo do Porto, uma das mais rápidas siderurgias da Europa. A empreitada da construção adjudicada pela Siderurgia Nacional (grupo Cham-palimaud) será levada a efeito pela firma britânica Davy Construction, especializada no ramo da engenharia e construção, a qual pertence ao grupo Davy International, cujas actividades se estendem a mais de trinta países e que tem em mão contratos de empreitadas cujo valor aproximado excede os 18 milhões de contos.

O projecto envolve o fornecimento, construção e montagem completa da nova unidade industrial, cujo valor global ultrapassa o meio milhão de contos, e será realizada em conjunto com a firma alemã Demag AG; contudo, grande parte do material será fabricado no nosso país.

Pronta para produzir o seu primeiro aço em Março de 1975, calcula-se que inicialmente atingirá os dois milhões de toneladas, utilizando para isso fornos de arco voltaico e o processo de moldagem contínua.

AOS EXPORTADORES DE CALÇADO

feiras internacionais de calçado

PARIS
LONDRES
VIENA
DÜSSELDORF



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Direcção de Serviços de Feiras e Exposições
Av. Duque de Loulé, 97-2º - Telef. 5617 43/4 - LISBOA-1
Delegação no Norte
Rua Gonçalo Cristovão, 128-1. Esq. - Telef. 38 02 14 - PORTO

O Fundo de Fomento de Exportação estruturou toda uma estratégia para a promoção do calçado português no estrangeiro. Dentro desse seu programa, empreende agora a representação nacional do sector, em quatro importantes certames da especialidade, a realizar em Setembro próximo: a Semana Internacional do Couro, a qual terá lugar em Paris de 8 a 11 desse mês; a Exposição Internacional do Calçado, em Londres, de 13 a 17; a Feira Austriaca do Calçado (OSMU), em Viena, nos dias 15 e 16; e a Exposição Europeia do Calçado (GDS), em Düsseldorf, de 22 a 24. Qualquer destas Feiras é considerada pelos profissionais do ramo como a mais categorizada do respectivo país, cujas fronteiras aliás ultrapassa pela repercussão. Os compradores de calçado que afluem à Europa inscrevem-nas normalmente no circuito internacional das suas viagens de negócio e fazem delas um ponto de encontro indispensável. Esteja presente nas deste ano. Documente-se sobre a moda Primavera/Verão 1974—quanto a novas tendências, cores, formas, materiais, etc.. Mostre-se—imponha e venda os seus produtos. Se está efectivamente interessado na presença da sua firma em qualquer destes certames, contacte-nos sem falta até ao próximo dia 28 de Maio. Tudo faremos, com vista a levar a sua empresa a afirmar-se o mais possível nos mercados externos!

OL NACIONAL

ORA DIGA-NOS

Vai verificar se foi inscrito nos cadernos eleitorais?

Começou ontem o prazo durante o qual os cidadãos têm o direito de verificar se foram inscritos nos cadernos eleitorais. Pensando nisto, decidimos preencher esta rubrica com um breve inquérito feito na rua e à base do título em epígrafe. Interpelámos umas três dezenas de pessoas. A maioria ia à sua vida, muito tranquilamente, e escusou-se, ainda que num tom o mais amável possível, como aquele senhor do fato cinzento que no meio de um enorme sorriso nos disse, sem parar para ouvir bem a nossa pergunta: **Desculpe, mas eu não respondo a isso.**

Depois, lá fomos conseguindo algumas respostas tímidas, umas que nos diziam da indiferença das pessoas por este género de

coisas, (e estas foram a maioria), outras (em menor número) mal afluando o tema... calando ao segundo parágrafo.

O sr. António Pinto, empregado bancário, morador em Queluz, ouviu atentamente a nossa pergunta, para nos dizer em seguida:

— Eu já estou recenseado desde há quatro anos, portanto não creio que seja necessário fazer a verificação. Quando chegar a altura usarei o meu direito.

— Não me recenseei — declarou-nos o sr. Olímpio Ribeiro da Costa Soares, vendedor, residente em Porto Salvo — **porque essas coisas não me interessam nada. Acho que não vale a pena, nem o tempo que se perde com elas.**

Orçamista de profissão e a



António Pinto: **Estou recenseado desde há quatro anos.**



Olímpio Ribeiro da Costa: **Não me recenseei porque essas coisas não me interessam...**



Rui Xavier Martins: **Claro que irei fazer a verificação.**



Amadeu Ferreira: **Estou recenseado desde há quatro anos.**

morar no Barreiro, o sr. Rui Xavier Martins Fernandes afirmou-nos:

— Claro que irei fazer a verificação. Recenseei-me pela primeira vez e espero não ter dificuldades para usar o meu direito de voto no momento das eleições.

O sr. Amadeu Ferreira, vendedor, de Lisboa:

— Estou recenseado, sim senhor. E se tiver tempo para isso, também vou verificar se a minha inscrição é válida ou não.

Também do Barreiro, o sr. António Violante, empregado de escritório, exclamou:

— Bom, o problema é que eu não soube de coisa nenhuma acerca do recenseamento e quando me souber qualquer coisa ao ouvido já não tive tempo de tratar do caso. Foi por isso que não me recenseei.

O sr. Manuel Félix da Glória, de Almada, empregado de escri-



António Violante: **O problema é que eu não soube de coisa nenhuma acerca do acenseamento...**



Manuel Félix: **Não me recenseei porque não tive tempo...**



Joaquim da Silva: **Não tenho vida para estas coisas.**

tório:

— Não me recenseei só pelo simples facto de que um homem tem tanto em que pensar, tão pouco tempo para tratar destas coisas que ao querer fazê-lo

soube que já tinha passado o prazo. De outro modo estaria recenseado, sim senhor.

Embarcado vivendo em Lisboa, o sr. Joaquim da Silva respondeu-nos:

— Não tenho vida para essas coisas, sabe? Embarco, desembarco, é mais o tempo que ando no mar do que em terra, nem me apercebo de nada do que passa.

Regulados os descontos de indemnizações por despedimento

Por despacho do subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, ontem publicado na III Série do «Diário do Governo», os descontos sobre as indemnizações por despedimento e sobre as compensações serão parcelados mensalmente pelo período de tempo a que respeita a indemnização ou compensação, observando-se, em relação a cada mês compreendido no período indemnizado, o limite superior das remunerações sujeitas a contribuições para a Previdência.

O limite superior de retribuições sujeitas a contribuições aplica-se, em conformidade com o disposto na norma IV da Portaria n.º 444/71, em relação a cada entidade patronal.

A retribuição respeitante a trabalho prestado num mês incompleto deverá ser acrescida da indemnização ou compensação por despedimento a atribuir no número anterior.

Ficam revogados o despacho de 17 de Fevereiro de 1964 e o despacho de 25 de Fevereiro de 1970.

No preâmbulo do despacho refere-se que «a alínea h) do artigo 113.º do Decreto n.º 45.266, de 23 de Setembro de 1963, considera remunerações, para efeito de incidência de contribuições para a Previdência, as indemnizações por despedimento sem aviso prévio ou justa causa.

Tinha-se considerado, na formulação do despacho de 17 de Fevereiro de 1964, que o lançamento das contribuições para a Previdência que incidem sobre as indemnizações por despedimento sem aviso prévio ou justa causa devia fa-

zer-se no mês em que houve lugar ao respectivo pagamento, incidindo sobre o seu montante global até ao limite superior das remunerações sujeitas a descontos para a Previdência.

Esta doutrina foi confirmada por despacho de 25 de Fevereiro de 1970, sobre a incidência de contribuições sobre as indemnizações por despedimento sem aviso prévio ou justa causa devia fazer-se no mês em que houve lugar ao respectivo pagamento, incidindo sobre o seu montante global até ao limite superior das remunerações sujeitas a descontos para a Previdência.

Esta doutrina foi confirmada por despacho de 25 de Fevereiro de 1970, sobre a incidência de contribuições sobre as indemnizações e compensações devidas por despedimento, tendo-se procurado, através deste despacho, esclarecer dúvidas suscitadas nesta matéria.

Apesar disto, tomaram estes serviços conhecimentos de que os tribunais de trabalho e o próprio Supremo Tribunal Administrativo não se têm conformado com o entendimento que se julgou mais oportuno e fazem incidir os descontos para a Previdência não só sobre as indemnizações e compensações devidas por despedimento sem ter em conta o limite superior estabelecido, como ainda procedem à distribuição das contribuições arbitrárias a título de indemnização por cada um dos meses indemnizados.

Perante a situação houve que decidir qual a atitude a adoptar pelas instituições de previdência, em face do pagamento de contribuições que,

na forma como se processava, se desviava da forma estatariamente prevista tendo-se entendido que as instituições deveriam receber essas contribuições ainda que elas se mostrassem em parte carecidas de fundamento. Entendeu-se, ainda, em conformidade com a prática seguida nos tribunais, que o respectivo lançamento devia fazer-se pelos diversos meses que se seguem ao despedimento e relativamente a todos aqueles por que se seguem ao despedimento e relativamente a todos aqueles por que foi atribuída a indemnização ou a compensação, observando por cada mês o limite superior de remunerações sujeitas a desconto.

Excursões da Escandinávia para os Açores

ANGRA (L.) — Segundo foi revelado nesta cidade, a agência dinamarquesa de viagens e turismo «Karavane», vai iniciar brevemente excursões para os Açores, em viagens «charter», entre Oslo, Copenhaga e o aeroporto das Lajes, da Terceira. Cada grupo será constituído por 130 turistas escandinavos e as excursões terão a duração de 15 dias, havendo deslocações às ilhas do Faial e de S. Miguel.

Casas dos Pescadores

Foi determinado o alargamento do âmbito da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa ao pessoal afecto ao Fundo de Assistência da Junta Central das Casas dos Pescadores e destacado nas Casas dos Pescadores, a partir do dia 1 do corrente.

Explorações da Esso na Guiné

Após a redução de áreas previstas no n.º 7 do contrato de concessão celebrado em 10 de Março de 1966 entre o Governo e a Esso Exploration Guiné, para prospecção, pesquisas e exploração de hidrocarbonetos, a área concedida a esta empresa naquela província ultramarina passou, a partir de 13 de Março último, a ser definida consoante se estipula no «Diário do Governo» (3.ª série, n.º 102).

Navio de Guerra

Com base de licitação de 480 contos encontra-se à venda o navio de guerra «Cachu». Os interessados podem visitá-lo todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 16 horas.

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS DR. FERNANDO TEIXEIRA

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Rua Rodrigues Sampaio, 38-1.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61

ENFERMAGEM GERAL E DE REABILITAÇÃO ESPECIALIZADA

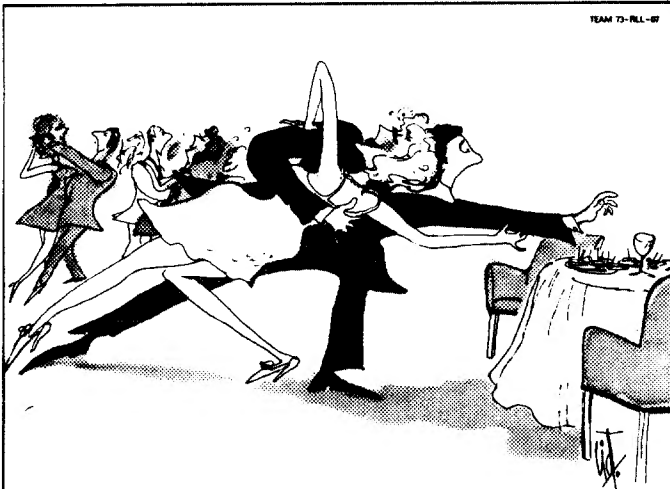
PEDIATRIA — PARTOS
ASSISTÊNCIA MÉDICA
SERVIÇO PERMANENTE NA SEDE E DOMICILIÁRIO

DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Rua Rodrigues Sampaio, 30-C, 2.º Dt.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61

SERVIÇO PERMANENTE INCLUINDO DOMINGOS E FERIADOS

SERVIÇO DE URGÊNCIA
COLHEITAS DOMICILIÁRIAS



A um passo do céu... a um passo da sua mesa, jante-dançando ou dance-jantando no Restaurante Panorama do Sheraton!

Todas as noites, excepto ao domingo, jantar-dançante com o conjunto musical privativo do Panorama, até às 2 horas da manhã. Traga o seu par e, ao som da música, goze a melhor vista de Lisboa e o ambiente, o serviço, a culinária Sheraton!

Reservas: Lisboa - 56 39 11



Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telef. 56 39 11 - 41 51

UMA SERVIÇO MUNICIPAL DA TET

ELEITO PELOS PROFISSIONAIS DE TURISMO "O MELHOR DO ANO"

A. OLIVEIRA ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

PERGUNTA-SE NA LOURINHÃ

Quem tem medo dos fabricantes de vinho a martelo?

O depósito de cinco mil litros descoberto há dias na Praia da Areia Branca não constitui surpresa para a população do concelho da Lourinhã. Há já muitos meses que por lá se fala da fabricação de vinho a martelo. Que ele se fabrica paralelamente ao excelente vinho da região, ninguém duvida e, nos círculos de amigos, apontam-se nomes. Diz-se que os maiores fabricantes de vinho a martelo têm autotanques, enriqueceram em pouco tempo, ganharam rios de dinheiro e há quem os apontem a dedo embora, ao fazê-lo, esse dedo trema porque, diz-se, e eu ouvi pessoas declararem que há ameaças no ar para os que mais se afoitam. Factos provados, além da recente descoberta e da promessa de que em breve haverá mais, só conseguimos tomar conhecimento de uma atitude do povo de Capelas, pequeno lugarejo do concelho, que se manteve a pé até largas horas da noite, para obrigar um dos presumíveis fabricantes a vassar na valeta o carregamento de um camião, com que tencionava ir abastecer não se sabe que mercados. Mas também me revelaram que a primeira adega clandestina a ser descoberta não foi a que a GNR agora detectou na Praia da Areia Branca. Outra, que existia no Sobral, de menores dimensões, foi selada há alguns meses mas, apesar dos selos figurarem nas portas, o vinho, que se presumia falso, desapareceu dos depósitos. Por outro lado há um ambiente que tras as pessoas carregadas de cautelas sempre que se fala de vinho a martelo. Todos os entrevistados solicitaram o anonimato. Justificavam-se declarando que «um homem tem que ir pelo seguro» ou que «já me chegaram ameaças por portas e travessas» e, nos meios mais pequenos, encontramos a convicção de que fabricante de vinho a martelo é homem poderoso, capaz de submeter tudo e todos. A esta hora corre já o boato de que esta reportagem feita antes da descoberta do depósito da Praia da Areia Branca, não será publicada porque fulano e beltrano moveram influências no jornal. Mas também se sabe por lá que o problema é bem mais profundo do que parece. Não é só, nem essencialmente uma corrida de polícias e ladrões, filme de mafia organizada, mas o reflexo de uma situação que tem anos excessivos de poiso: o estado de crise em que permanece toda a agricultura.

AQUI FABRICA-SE

Um primeiro contacto com elementos dirigentes da Adega Cooperativa local confirmou plenamente a informação que lá nos tinha conduzido. A resposta foi imperativa: «aqui fabrica-se vinho a martelo». Segundo o Dicionário de Moraes (vol. 6, pág. 553) «vinho a martelo ou de martelo» significa «vinho mal feito ou falsificado». Era portanto, sem sombra de dúvida, a uma situação deste género que directores e funcionários da Adega Cooperativa se referiam.

DOIS ANOS DE MARTELADAS

Segundo me foi possível apurar a fabricação de vinho a martelo começou a ser incrementada a partir de 1971. Um considerável decréscimo na produção de vinhos e aguardentes teria sido o toque de chamada para as primeiras tentativas operadas em moldes industriais. Por processos artesanais e em pequenas quantidades, sempre o vinho a martelo foi fabricado, não de raiz mas para beneficiar vinhos que se queriam mais fortes. Porém, há dois anos, houve quem começasse a pensar e, acto contínuo, a experimentar fabricá-lo em grandes quantidades. Era preciso aguentar os mercados, conseguir as mesmas quantidades de aguardente, dar respostas à crescente procura. Então para que ter preocupações com plantações caras, tratamentos demorados! E, como no fundo evitavam a abertura de mais uma crise, sentiram-se moralmente justificados e arripiaram caminho. Depressa verificaram que um simples fim-de-semana de trabalho intenso dava mais que um ano de dura actividade. Então intensificaram o fabrico. Divulgaram as técnicas. Esqueceram a consequente e inevitável deterioração do produto a curto prazo.

A grande maioria dos fabricantes não são (ou não eram) lavradores, mas gente de outros ofícios que passou a fabricar «vinho». Houve até quem voltasse de França, tantos ovos de ouro põe a galinha. A operação parece ser simples. Pegam-se em fermentos importados, açúcar e alguns produtos de fácil aquisição em qualquer drogaria, deixa-se fermentar tudo muito bem e obtém-se um líquido de grande valor alcoólico, através de sucessivas destilações, se transforma em aguardente. A aguardente assim obtida pode ser vendida como «brandy» em qualquer estabelecimento, ou utilizada para beneficiar vinhos. O processo mais utilizado para fabricar vinho parte de uma pequena quantidade de vinho autêntico. Assim, de dez pipas, um fabricante de vinho a martelo pode obter cem e, com ele, obter notas de banco autênticas, cujo valor facial é garantido pelo Banco de Portugal.

FALA-SE

As pessoas sabem mas não dizem. Os dirigentes da Adega Cooperativa da Lourinhã recebem cartas anónimas. Eles próprios não podem garantir que nos depósitos da Adega Cooperativa não estejam armazenadas muitas pipas de vinho a martelo, só detectável no momento da fermentação e não depois. E que os depósitos da Adega são alugados a quem lá quer pôr o seu vinho. Uma das pessoas que entrevistei disse-me que já recebeu ameaças, outras disseram-me que, em certos dias, passa-se em algumas aldeias e sente-se, na rua, o cheiro do vinho a fermentar. Alguns dos diálogos que consegui gravar dão ideia da extrema cautela com que

as pessoas falam do problema. Não porque não desejassem falar mais à vontade, mas porque, enfim, nunca se sabe...

«ISTO CERTO NÃO ESTÁ»

Na Adega Cooperativa recolhi a seguinte conversa entre três trabalhadores do campo (A, B e C) e um director da Adega (D).

D — Vocês sabem efectivamente que se fabrica vinho a martelo?

Fala-se:

D — Mas está a fabricar-se vinho a martelo com uma certa intensidade.

A — Bem, casos concretos, por enquanto...

D — Mas há o caso daquele a quem selaram os depósitos que, segundo consta, foi apanhado com a boca na botija. Isto preocupa-os? Há quanto tempo é que acontece?

B — Há uns dois anos para cá. Há quem diga que começou mais cedo, mas a gente não sabe ao certo. Só sabemos trabalhar e mais nada.

C. B. — Mas que pensam de tudo isto?

B — Bem isto certo não está, lá isso não está não senhor. Mas a coisa veio foi dos maiores, não é arranjo dos pequenos.

C. B. — Mas há quem diga que entram pequenos e grandes.

(risos)

C — Isso agora! Quem as faz não as conta.

C. B. — Tem emigrado muita gente por cá?

C — Lá isso tem.

C. B. — A rapaziada nova ainda anda no campo?

A — Novos! Daqui a pouco já nem velhos, quanto mais novos.

(Sobre o género de pessoas que ainda trabalham no campo disse-me um dos lavradores com quem falei:

— A mão-de-obra rural, aqui, é constituída por homens com mais de quarenta anos e por rapazes entre os 12 e os 18 anos. Alguns aguentam-se até à idade de irem para a tropa, outros nem isso. Para aquilo que o agricultor pode pagar acho que os salários estão altos. Eu pago sempre mais de cem escudos por dia e, nalguns casos, tenho que pagar duzentos. Mulheres também não há. Preferem ir para a



Esta aldeia também produzirá vinho a martelo? Há quem diga que sim.

fábrica ganhar cinquenta a receber cem no campo.)

O diálogo prosseguiu. Os três trabalhadores rurais que tinham ido à Adega receber o dinheiro da colheita aparentavam todos mais de cinquenta anos e, um deles, rondava os setenta.

C. B. — Diz-se que muitos dos que fabricam vinho a martelo compram as uvas ao produtor.

B — Lá isso é verdade. Até há quem as compre ao produtor e depois as venha aqui pôr na Adega.

D — Mas há aí quem compre as uvas ao produtor por um preço que a Adega não pode pagar.

B — E porque eles lá têm a sua montada: compram cem pipas de uvas e, com elas, fazem 150 de vinho. Assim já podem pagar mais caro. Mas tudo isso é uma grande história. Eles lá sabem como se amamham.

A — Mas lá que isto prejudica o lavrador, prejudica. Essa é que é essa. Um homem anda aí durante um ano de roda das cepas e faz cem pipas, eles não têm cepa torta e fazem muitas cem.

C — Deviam apanhar um e metê-lo na cadeia. Se assim fosse, se lhe tirassem tudo, até ficar sem folha verde, eles já aprendiam.

C. B. — Mas quem é que fabrica vinho a martelo?

C — Eu sei cá. Não conheço nenhum. Tenho ouvido dizer que há por aí. Ouço dizer: «olha em tal parte assim assim fabrica-se vinho a martelo, ali para o Sobral e outros lugares assim.» Nunca ouvi dizer que pagassem fosse o que fosse. Não sei se são os fiscais que têm medo ou se não os vêem. Lá o que é não sei. A maior parte de quem se fala não têm vinhas.

VINHO A MARTELO FAZ QUEM QUER

Numa das aldeias que visitei pude conversar com um lavrador que me garantiu ter já re-

cebido ameaças à mistura de convites para colaborar. Contou-me como é que os fabricantes do vinho a martelo, em determinada etapa, tiveram necessidade de distribuir fogareiros destinados a aquecer grandes recipientes de água, distribuição que se fez com a maior eficiência. Com outro lavrador, gravei o seguinte diálogo:

Ele — Não fui à última reunião da Adega mas disse-

ram-me que se mandou um telegrama para baixo a ver se se tomam providências. Mas eu até acho que se deve mandar um telegrama para a gente também fazer o vinho a martelo. Já que isto é livre. Faz quem quer. Como as coisas estão, não é de esperar outra coisa. Ele faz-se por aí às claras. Ao princípio eram só uns tantos. Dos grandes. Depois isto bateu na malta pequena: tu fazes, eu também faço e assim por diante.

C. B. — No entanto há quem diga que foi a malta pequena que começou.

Ele — Ai não, não. Ai que eles coitados aprenderam. Há alguns que estavam na França e já voltaram. Isto está a dar. Dá mais que na França. Eu sei que os da Adega também estão acusados.

C. B. — Consta que na Adega existem depósitos que contêm vinho a martelo e que lá também se fabrica.

Ele — Eles estão sempre a atacar.

C. B. — Mas não seria razoável a aplicação no vinho de uma certa quantidade de açúcar?

Ele — Há coisas que não se percebem, isso é verdade. Se eles querem um determinado grau no vinho e se o não deixam aumentar então como é que se aumenta? Tem que se pôr álcool ou alguma coisa. Com o açúcar talvez ficasse mais agradável.

C. B. — Pensa que se fosse autorizada a adição de açúcar tal facto diminuiria a fabricação de vinho a martelo?

Ele — Sei lá. Isto parece que não pára. Não há nada que

os faça parar. Acho que só com a desvalorização da aguardente é que isto parava. Enquanto a aguardente valer o que está a valer a coisa mantém-se. O mesmo acontece com o açúcar.

C. B. — Diz-se que há pessoas que fazem doze colheitas, é verdade?

Ele — Parece que sim, é uma em cada mês.

JESUS CRISTO É QUE COMEÇOU

Capelas é, seguramente, o lugar mais pobre que visitei. As pessoas trabalham todas no campo, mesmo os mais novos. Do carro impedido de sair da aldeia antes que tivesse vasedo no chão todo o vinho que transportava, até as crianças falavam quando se lhes puxava pela língua. As primeiras pessoas com quem travei conversa confirmaram imediatamente o acontecimento: «Nessa noite houve quem ficasse na rua até às cinco da manhã». A razão deste comportamento foi-me revelada momento depois em conversa que travei com um grupo de camponeses numa taberna do lugar.

— As pessoas dizem que é corrente fazer-se vinho daquela maneira, revelou um dos camponeses, a gente pensa que se assim for então não vale a pena a gente andar sacrificados durante um ano de volta das cepas. Assim arrancamos as vinhas e vamos plantar outra coisa, ou então deixam-se as terras entregues às ervas que lá quiserem nascer. Quer quer! Uma pessoa anda a cavar, anda a trabalhar, anda a pulverizar, a enxofrar, passa ali um ano inteiro de roda das cepas e uns mangas chegam aí, com umas misturas, e fazem o vinho e a aguardente que querem. Vinho que não presta.

E outro acrescenta:

— Eles dizem que o vinho a martelo é bom porque quem o fez primeiro foi Nosso Senhor Jesus Cristo quando mandou encher as talhas de água e depois a mudou em vinho.

Outro comenta:

— Isto não pára. Costumo dizer para o Zé: «vamos é largar fogo a isto, que as cepas já não dão nada.» E finalmente, o retrato vivo de uma parte do que aconteceu à camioneta:

— Eu já desconfiava. Sabia que ali não podia haver vinho. Era pela certa. Eu é que o tinha tirado do depósito. Então dizia para comigo: quando se tira vinho é preciso ter guias, manifestos e aqui vai de qualquer maneira! Não pode ser. Então vim para a rua e avisei o povo.



Se isto continua assim deixamos fogo às cepas, diz-se em Capelas.

DL/GERAL

Novo Presidente do Conselho de Administração da TAP

Foi nomeado (pelo ministro das Comunicações) presidente do Conselho de Administração dos Transportes Aéreos Portugueses, o eng.º Eduardo Mendes Barbosa, que desempenhava as funções de vice-presidente da companhia e que nela trabalha desde Agosto de 1959.

Natural do Porto, o eng.º Mendes Barbosa formou-se em engenharia electrónica, com altas classificações, na Universidade de Grenoble, em França.

Depois de ter exercido funções de chefia numa companhia francesa, regressou a Portugal para ingressar na Companhia Portuguesa Rádio Marconi. Ao serviço desta em-



Eng. Mendes Barbosa

presa dedicou-se ao estudo e recolha de elementos destinados à exploração de novos sistemas de telecomunicações, tendo desempenhado vários cargos. Era director de exploração quando, em agosto de 1959, foi convidado a ingressar na TAP, para ocupar o lugar de secretário geral. Depois de assumir temporariamente o cargo de director técnico, foi nomeado, em Junho de 1960, director geral e, nestas funções, foi consignatário em Brasília, do acordo que estabeleceu o Voo da Amizade entre Portugal e o Brasil, lugar que ocupou até fim de 1964, altura em que passou a fazer parte do Conselho de Administração daquela empresa, com funções de administrador executivo.

Está a realizar-se no «Hotel Sheraton», em Lisboa, um «Curso de Manequins Fotográficos» vinte e cinco alunos de ambos os sexos deveras interessante e para o qual foi escolhida a prestigiosa marca «Guerlain» produto de maquilhagem e de tratamentos da pele.

Um curso original

Da casa «Guerlain» de Madrid, vieram propositadamente para a inauguração do curso, o Senhor Roger Rousselin, Director para a Península Ibérica, e a esteticiana, Senhorita Nina Redondo. As aulas começaram ontem e prolongar-se-ão por três dias.

Maria Amélia Pinto, da parte de «Guerlain» em Portugal, assistirá sempre a este curso original que, em duas horas diárias oferece lições realmente proveitosas.



O RESTAURANTE CHEZANNE lembra-lhe que pode servir-se da nossa carta até à 1 hora da manhã. Tel. 563647

R. BARATA SALGUEIRO, 28
GALERIAS AGORA

A FRENTE DOS GRANDES EXITOS EUROPEUS

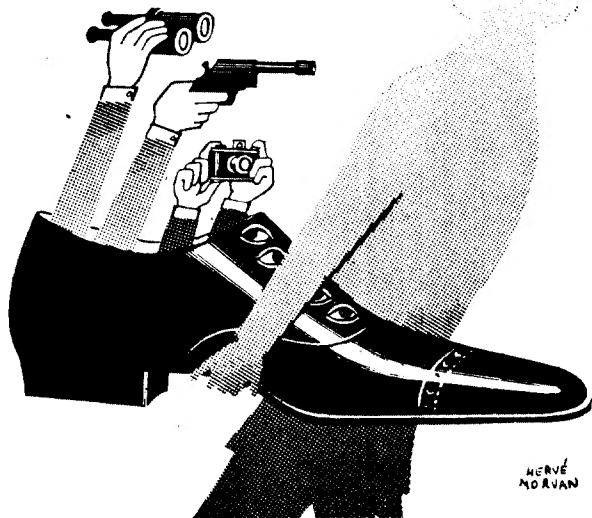
7 FILMS DE 900 000 A 500 000 ENTRÉES

Le Grand Blond (français)	★ 909.253 (17)
Le Dernier Tango à Paris (italo-franç.)	★ 885.862 (15)
Le Parrain (américain)	767.930 (16)
César et Rosalie (franço-ital-all.)	756.574 (21)
Les 101 Dalmatiens (amér. - réed.)	605.172 (15)
Les Fous du Stade (français)	588.075 (12)
Docteur Popaul (français)	506.401 (12)

o loiro do sapato preto

le grand blond

Eastmancolor
Grupo D-18 Anos



REALIZAÇÃO
YVES ROBERT

Com

PIERRE RICHARD
BERNARD BLIER
JEAN ROCHEFORT

MIREILLE DARC



HOJE,
AS 21.30 H. **ESTREIA IMPÉRIO**

ACIDENTE

Vítimas de despiste do carro, quando seguia na estrada da Fonte da Telha-Costa da Caparica, tiveram morte imediata o chefe e outro funcionário da delegação do «Diário de Notícias» em Almada, respectivamente Eugénio Nunes Rodrigues de 49 anos e José Carlos Canastra de 28 anos, que foram projectados a grande distância devido às portas se terem aberto.

O condutor e proprietário do veículo, o tipógrafo da mesma empresa, Francisco Paulo saiu ileso do acidente.

APERFEIÇOAMENTO MÉDICO

Prosseguem no Hospital de Santo António os trabalhos do curso pós-graduado de aperfeiçoamento médico daquele hospital, que decorre com muito interesse.

Depois de amanhã, o director clínico do mesmo estabelecimento hospitalar, dr. Inácio de Salcedo, dará uma lição.

O DESGASTE DO PODER

Continuação da pág. 3

mas sociais não tardarão a tornar-se cruciais.

Aos seus olhos, «revolução» de 21 de Abril» não pôs de maneira nenhuma em causa o antigo sistema, mas levou aos seus limites extremos uma situação proveniente das sequelas do pós-guerra e inadaptada às novas realidades. Em seis anos de poder, os novos dirigentes não conseguiram instalar um aparelho político e administrativo verdadeiramente eficaz, dispondo de funcionários sinceramente aderentes ao regime, apelando largamente para os jovens valores e não se limitando a querer fazer algo de novo com o velho... Incapazes de libertar o mínima perspectiva democrática, os dirigentes contestam-se em aproveitar o usufruto do poder.

Crivados de flechas, os di-

gentes recusam-se a representar São Sebastião. Preocupados, quase inquietos, são subestimam a seriedade dos problemas que enfrentam. Porém, em seis anos, «aprederam» o poder e estão decididos a vencer todos os obstáculos.

Aqueles que os censuram de ter falhado a «revolução», eles fazem notar que o movimento nascido em 21 de Abril de 1967, não levanta concepções revolucionárias clássicas, mas mais um processo que se definirá nos factos e não segundo esquemas teóricos. Põem em realce que, em seis anos, já muitas coisas mudaram naquilo que foi o reino da Grécia. Todo o regresso ao passado deve ser excluído e muitos dos tabús foram derrubados: a monarquia, Igreja, uma certa hierarquia dos valores sociais, a

omnipotência da direita, o «perigo vermelho». Convém, portanto, julgar os dirigentes não quanto ao que eles deveriam ter feito, mas quanto àquilo que podia ser feito e o foi, tanto mais que, em muitos domínios, e em primeiro lugar o económico, o balanço apresentado não deixa de ter aspectos nitidamente positivos.

Estes mesmos meios realçam igualmente que, depois da sua chegada ao poder, os dirigentes deveriam ter tomado em consideração o feixe complexo formado pelos interesses económicos, as correntes sociais, as hipotecas internacionais, mas, também, pela constituição mental do povo grego. Na sua realidade, a Grécia não se presta a tal ponto a uma revolução, e a maior parte dos gregos não a pretendem desmedidamente.

Os dirigentes gregos não sonham, portanto, de maneira nenhuma, em ceder o lugar. Reclamando-se seis anos de trabalho e de progresso, eles contam sempre com a necessidade de ordem e de calma que sente, à reflexão, a maioria da população. Por outro lado, jogam com a fidelidade de um aparelho administrativo e técnico recendo, da mesma maneira que a nova classe nascida do actual regime, as inevitáveis consequências de uma mudança no poder.

Finalmente, os dirigentes continuam persuadidos que os seus adversários nem sempre estão em posição de sugerir uma outra solução de substituição para além de um simples retorno ao antigo sistema. O exemplo da vizinha Turquia não é de molde a incitar os militares gregos a colocar no poder os antigos políticos.

No entanto, o desgaste do poder começa a fazer-se sentir, e, se quiserem continuar no caminho que a si próprios traçaram, os dirigentes deverão acelerar um movimento que tem tendência para perder o seu dinamismo. Para isso, deverão escolher, pois, não podem hesitar eternamente entre as duas escolas: abertamente autoritária ou francamente liberal, a forma idiomática do seu regime não constitui uma terceira.

Nos meios do poder, numerosos são aqueles que consideram chegado o momento da escolha. Os dirigentes devem acelerar um processo prático que conduza a uma democracia parlamentar reformada, ou, então, precisar, pondo o preto no branco, como, quando e com quem contam alcançar a nova democracia anunciada há já seis anos.

3 SEMANAS
de INVULGAR ÊXITO

SÃO JORGE

AO RITMO DA VALSA...DO TANGO...OU DO MINUETE...

Marthe Keller

PARIS
MANICÓMIO
DO AMOR

...É SENSACIONAL!



"elle court, elle court, la banlieue"

Grupo D
18 anos

Irresistível.
Um dos melhores
filmes cómicos
franceses
dos últimos 5 anos!

"LE FILM FRANÇAIS" 23-2-973



um filme de
NICOLE DE BURON
realizado por GERARD PIRES

United Artists



em complemento:

"SAFRIQUE SAFARI" realização de Faria de Almeida
produção Telecine

DL/GERAL

Prémio Internacional para o vinho do Porto

PORTO — Pelo Centro Giornalistico Annali, de Roma, foi atribuído ao Instituto do Vinho do Porto, «Ad Honorem 1973», o «European Award Gold Mercury», galardão criado para distinguir a nível internacional as entidades e empresas que

se esforcem pela defesa e controle da qualidade de produtos com projecção mundial, designadamente europeia, e de cuja comissão de honra fazem parte o presidente do conselho e os membros do Governo italiano. O galardão é entregue hoje

ao eng. João de Brito e Cunha, director do Instituto do Vinho

do Porto, que, para o efeito, foi a Campidoglio.

NOVOS SELOS

Vai ser lançada em circulação uma emissão extraordinária de selos comemorativa da «Europa-73», com os valores de 1\$00, 4\$00 e 6\$00.

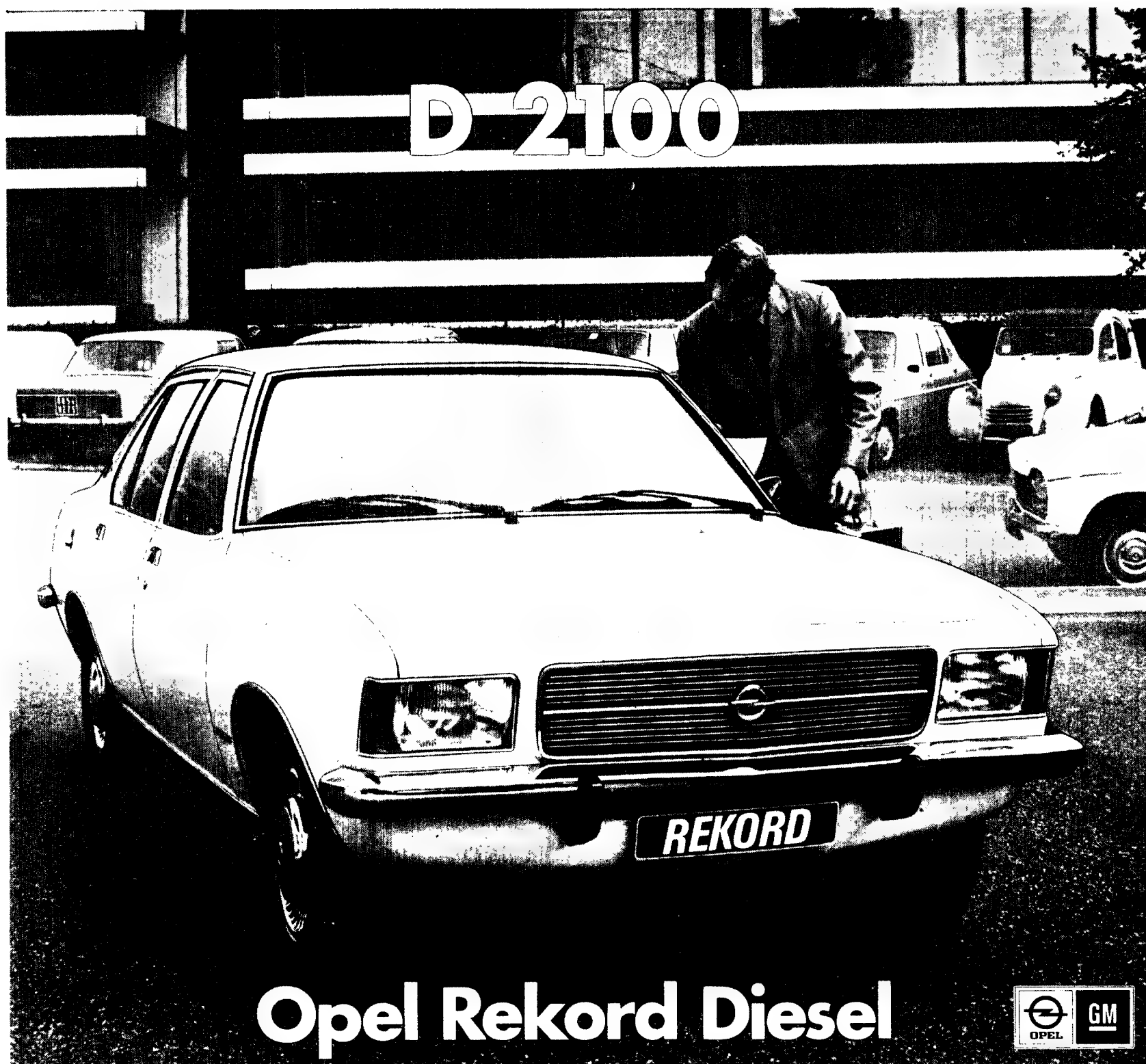
nária de selos comemorativa da «Europa-73», com os valores de 1\$00, 4\$00 e 6\$00.

DEFESA NACIONAL

Foi nomeado para assumir as funções de acessor do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional o brigadeiro piloto aviador João Pizarro Rangel de Lima, o qual exercerá essas funções cumulativamente com as que presentemente desempenha no Instituto de Altos Es-

tudos Militares e Instituto Superior Naval de Guerra.

O tenente-coronel António Máximo de Oliveira Calisto e Silva foi nomeado para exercer o cargo de adjunto da 3.ª Repartição do Secretariado-Geral da Defesa Nacional.



Opel Rekord Diesel

Potente. Económico. Silencioso.

Para si, que passa ao volante um bom bocado da sua vida, quase metade, e muitas horas continuamente a conduzir, o silêncio e o conforto são extras merecidos, ou melhor, necessários. O silencioso conforto do Rekord Diesel.

Conforto de primeira ordem

Poderá um diesel ser silenciosamente confortável? Deixe-se convencer. Comece pelas portas. Grandes, largas, com um enorme ângulo de abertura. E quando se fecham, fazem aquele estalido seco e metálico que atesta uma construção cuidada e robusta. A tradicional robustez Opel.

Agora, sente-se no lugar do condutor. O assento de desenho, anatómico foi concebido tendo em vista as muitas horas que nele vai estar sentado.

Ignição! O motor arranca. Apenas o seu ouvido atento notará o ronronar do motor. Mesmo parado, o carro está silencioso e quieto sem as vibrações que têm sido características dos diesel. No Rekord Diesel a construção dos cilindros e pistão é um progresso técnico tão importante que

permite ouvir o silêncio.

Agora olhe em volta. Em redor, grandes vidros panorâmicos permitem uma visibilidade total - prazer na estrada, conforto e segurança no tráfego intenso da cidade.

2 records do mundo, 18 internacionais

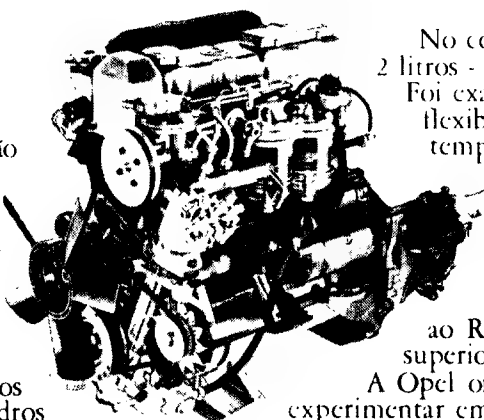
No compartimento do motor está instalado um 2 litros - 2100 c.c. de grande rendimento.

Foi exactamente este motor Opel Diesel com sua flexibilidade e potência que pulverizou todos os tempos anteriores e ganhou para a Opel, na pista de ensaios de Dudenhofen, 20 records de velocidade, e destes, dois records mundiais absolutos.

Mas o Opel Diesel não é apenas rápido. É também um motor de baixo consumo.

Por isso, o seu depósito de 70 litros confere ao Rekord Diesel uma autonomia enorme, muito superior ao normal.

A Opel oferece-lhe um novo Diesel que poderá experimentar em qualquer concessionário Opel. Experimente. Será uma experiência convincente.



Opel Rekord Diesel - o motor dos 20 records

«Não fôra António Champalimaud, e nem D. Maria Ana, nem Carlos Champalimaud, seriam hoje as pessoas riquíssimas que são, verdadeiros milionários, no dinheiro e no lazer.

Cada um deles, à data da morte do dr. Carlos Champalimaud, possuía acções que valiam tão somente 789 contos.

O valor correspondente a es-

um deles é, à cotação actual, de montante superior a 173 milhões de escudos.

Com este índice astronómico da riqueza dos assistentes espantou o sr. dr. Manuel João da Palma Carlos, advogado de António Champalimaud, quantos se encontravam presentes na sessão de ontem — a 413.ª — do já tão célebre julgamento que decorre no 1.º Juízo Criminal.

No prosseguimento das suas alegações, o causídico da defesa, dr. Manuel João da Palma Carlos, voltou a debruçar-se sobre o empréstimo «Totta» e a 9.ª emissão de acções da empresa de Cimentos de Leiria, desta vez para afirmar:

A efectivação do empréstimo no Totta, de 26/11/45 resultou da necessidade de se concorrer à subscrição da 9.ª emissão de acções da empresa de Cimentos de Leiria.

A subscrição teria lugar, de 26 a 30 de Novembro de 1945.

O direito de subscrição era atribuído na proporção de 13 acções novas para 12 antigas, e o preço de subscrição era o correspondente ao valor de 100\$00.

No acto da subscrição teriam de ser pagos 40\$00 por cada acção subscrita, devendo o restante ser piquido no curto prazo de 30 dias, ou seja, até 31 de Dezembro do mesmo ano de 1945.

UMA «AVENTURA?»

O lançamento dessas acções da 9.ª emissão da empresa de Cimentos de Leiria suscitou visíveis reservas, por algumas razões que me permitirei ligeiramente aforar.

Muitos encaravam, na verdade, pessimamente, o próprio futuro da empresa, — reprovando o alargamento da actividade empresarial ao Ultramar.

A aquisição da Matola, — olhavam-na como uma «aventura».

Receavam as despesas que

um lançamento empresarial em Moçambique, necessariamente importaria, — com o seu consequente reflexo sobre a situação financeira da empresa, no continente.

Alguns, teriam presentes as dificuldades com que a própria empresa tinha lutado, ainda durante muitos anos após a sua constituição, com despesas de lançamento e laboração superiores aos respectivos lucros, e de como essas dificuldades tinham — embora sem desânimo e sempre com a mesma fé — tocado pessoalmente Henrique Sommer, obrigado a recorrer a crédito, a favores de amigos, até à alienação ou oneração de bens pessoais.

O lançamento das actividades, — através de novas fábricas, cujo lançamento implicaria necessariamente grandes encargos, justificaria as apreensões cuja existência acabo de traduzir a V. Exas.

A ideia de Africa, aliás, era ligada por outros, aos saiares que sofrera o dr. Carlos Champalimaud, aquando das suas actividades empresariais em Angola.

Receavam que, no Ultramar viesse a naufragar o equilíbrio que a empresa de Cimentos de Leiria já conseguira alcançar, nos últimos anos de vida de Henrique Araújo Sommer.

Para mais, e por outro lado, as acções da 9.ª emissão não podiam ser negociadas no prazo de 2 anos, sem ficarem sujeitas ao pagamento de imposto de aplicação de capitais — o que se traduziu numa grave oneração do respectivo preço do custo. E, se fossem mantidas imobilizadas e não negociadas, isso traduzir-se-ia numa imobilização do capital aplicado na aquisição, com as desvantagens todas dali decorrentes.

Por outro lado, e ainda, estava-se em 1945, numa época de lucros muito mais fáceis em outras actividades e empreendimentos, e eventualmente, até, de mais fácil obtenção com menor aplicação de capital, do que aquele que a subscrição das acções da 9.ª emissão da empresa de Cimentos de Leiria exigiria.

CONSERVAÇÃO DE UMA POSIÇÃO ACCIONISTA

Mas a verdade, também, é que, para um capital representativo de 240.000 acções, o lançamento público de 260.000 acções, podia traduzir uma mudança completa de comandos, se os accionistas de então, não acompanhassem eles próprios a subscrição das acções a que tinham preferencial direito.

Meditemos apenas, que se nenhum dos accionistas de então, houvesse utilizado os seus direitos de subscrição, teria passado para estranhos o comando e orientação da empresa de Cimentos de Leiria: 260.000 acções contra 240.000.

Aqueles a quem interessava o lucro imediato a realização imediata de lucros, não terão visionado, a que grande altura o espírito empresarial de António Champalimaud viria a erguer a empresa de Cimentos de Leiria.

Mas ele sabia-o, foi a sua fé e a sua actividade, a sua inteligência e a sua capacidade, qualidades aliadas à sua constante e permanente lisura de actuação, que o levaram a entusiasmar os seus familiares, que já possuíam acções, a subscriver o maior número possível de acções da 9.ª emissão, levando-o, por outro lado, para que o comando da empresa não caísse em mãos alheias, a substituir-se ele próprio, aos seus familiares, que mesmo com a facilidade de crédito que ele alcançou e facilitou, não quiseram ariscar.

A realização do empréstimo Totta de 26/11/45, por António Champalimaud, foi a tradução da sua extraordinária visão.

Só mercê dela, só pela ajuda que através desse empréstimo aos seus próprios irmãos, é que eles possuem hoje, intacta, a posição accionista que lhes foi deixada por seu pai, e com cujo valor mais adiante espantarei V. Exas.

E não obstante, srs. Juizes, como o próprio António Champalimaud escreveu a pags. 123 do seu livro «A Herança de Henrique Sommer», os direitos de subscrição das acções da 9.ª

O CASO DA HERA

emissão, na parte que cabiam a familiares de António Champalimaud, «andavam ao pontapé na rua».

Fernando Sommer não utilizou um único direito de subscrição.

Teve António Champalimaud de aproveitá-los.

Afonso Sommer também não os quis utilizar.

E para que se não perdessem, teve António Champalimaud de comprar-lhos, tendo-lhos Afonso Sommer vendido só os direitos, pelo dobro do valor da emissão das acções.

«AI, COMO OS POBRES ASSISTENTES FORMARON Roubados POR SEU IRMÃO ANTÓNIO...»

Mas Maria Ana, sem dinheiro para fazê-lo, subscreeu a integralidade dos seus direitos; e assim houve para si, como evidente benefício posterior de seu marido, mais 3.999 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, — hoje de valor superior, só essas, a 68 mil contos. E não teria efectivado tal subscrição, se, mercê do empréstimo no Totta, António Champalimaud não lhe houvesse emprestado o necessário para o pagamento do valor das acções subscritas: 399.000\$00.

Mas, aí! Se o empreendimento da Matola houvesse sobrado, se esse inêxito viesse a reflectir-se na própria Empresa de Cimentos de Leiria, lá estaria hoje necessariamente os assistentes, a dizer que não haviam pedido a António o adiantamento de dinheiros nenhuns, que ninguém lhe havia solicitado o empréstimo para a subscrição de acções da 9.ª emissão, que nenhuma acção tinham mandado subscreever.

Henrique Champalimaud e Carlos Champalimaud puderam também subscreever, mercê da ajuda de António: Henrique, quase 9.000 acções da 9.ª emissão e Carlos 4.895.

As acções assim adquiridas por Carlos Champalimaud, só da nona emissão que foram pagas por António, adquiriu-as Carlos Champalimaud por 489.500\$00 (os quais António só conseguiu reaver mediante acção judicial, instaurada depois das poucas vergonhas que Carlos lhe começou a fazer) e que valem hoje para cima de 85 mil contos.

Ai, como os pobres assistentes foram roubados por seu irmão António...

MULTIMILIONÁRIOS

Não foi pois, demais, que os irmãos de António Champalimaud houvessem participado com umas escassas acções em

relação ao total das empenhadas no empréstimo na garantia que houve de ser prestada para obtenção do mesmo.

Como ontem já disse, das 27.000 acções que foram integrar a caução prestada para o empréstimo do Totta, só 3.176 pertenciam aos quatro irmãos. No Crédit, sim, tinham ficado 2.500 acções de cada um deles.

Deposítadas no Totta, em garantia e como caução, Carlos Champalimaud só tinha 1.098; Henrique Champalimaud tinha outras tantas; D. Maria Ana apenas 520, ou seja a diferença entre as 2.500 acções que lhe ficaram no Crédit e as 3.020 de que era dona e possuidora.

Mas, mesmo essas, António Champalimaud lhes pagaria, logo em princípios de 1950, como também ontem referi, tendo entregue a seu irmão Carlos 1.098 acções, que ele recebeu, e de que se deu por pago, através da sua carta de 12 de Maio de 1950; tendo entregue à casa Sommer, de conta de sua irmã D. Maria Ana, 1.766 acções, o que logo permitiu a esta reaver as 1.766 acções nominativas, que na casa Sommer eram mantidas em garantia daquelas correspondentes 1.766 acções ao portador.

Todos os três irmãos de António Champalimaud, portanto, ficaram, na medida em que, António lhes fez entrega das quantidades indicadas, ficaram dizia eu, com as respectivas acções livres, enquanto António, sim, é que continuou com as suas acções oneradas: oneradas no Crédit, oneradas no Totta.

O empréstimo do Totta, portanto, se é certo que beneficiou António Champalimaud, beneficiou também os seus irmãos.

E absolutamente injusto e contra a verdade dizer-se, como fez o meu distinto colega Dr. Eridano de Abreu, certa altura das suas alegações finais, que fora contraído em exclusivo benefício de António Champalimaud.

Com que dinheiro iriam os senhores Carlos Henrique e D. Maria Ana pagar a subscrição das novas acções?

Iam vender as acções antigas para pagar as novas?

Mas se as vendessem, também lá se iam os direitos de subscrição.

Não fora António Champalimaud, e nem D. Maria Ana, nem Carlos Champalimaud, seriam hoje as pessoas riquíssimas que são, verdadeiros milionários, no dinheiro e no lazer.

Cada um deles, à data da morte do dr. Carlos Champalimaud, possuía acções que valiam tão somente 789 contos.

789 contos, em 1937. O valor correspondente a essas mesmas acções, para cada um deles, é, à cotação actual, de montante superior a 173 milhões de escudos!

E notem V. Exas. que no cálculo efectuado, eu não tomei sequer em consideração as quase 50.000 acções da Empresa de Cimentos de Leiria que pertencem a Sommer e Ca. Lda., sociedade de que os manos Carlos e Maria Ana são quotistas, e de que Henrique só já não o é porque vendeu a sua quota por 10.000 contos.

Qual foi o capital, que mesmo com todas as inflacções, se multiplicou, de 789 contos em 1937, para mais de 173 milhões de escudos neste ano da graça de 1973?!

De resto quando afirmo que António Champalimaud prestou valiosa ajuda a sua irmãos, permitindo-lhes e facilitando-lhes a subscrição dos direitos que lhes cabiam na 9.ª emissão de acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que eles não poderiam ter utilizado se António Champalimaud não tivesse conseguido efectivado o empréstimo do Totta, eu não digo que António Champalimaud contraiu esse empréstimo sem conhecimento deles.

viagens apolo 73

CANÁRIAS
VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 5.ª Feiras de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE **2.770,00**
Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA
VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 3.ª e 5.ª Feiras de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE **3.400,00**
Estadia em regime de pensão completa. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

TORREMOLINOS
8/15 DIAS
VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO
Partidas todas as 3.ª e 5.ª Feiras de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE **2.320,00**
Estadia em regime de pensão completa.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

"Atlântica"
Rua Capelo, 4A Lisboa
Tel. 36 92 81 (10 linhas)

Nikkormat

PREÇOS ESPECIAIS

2 maio a 30 junho

instanta
Rua Nova do Almada, 55-Lisboa 2

instanta castil
Edifício Castil-Rua Castilho-Lisboa 1

foto camera
Rua Garrett, 40-Lisboa 2

VISITE A EXPOSIÇÃO Nikon

CONFIE NA

Ouroesaria da GUIA

UM NOME

NA OUIVESARIA PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

GARAGEM VICTORIA

Tem o prazer de comunicar que foi nomeada agente de Automóveis CITROËN Garagem Victoria (SEMAL), Stand de Exposição e Vendas e Serviços Rápidos. Rua Nova de S. Mamede 5, 7 e 9-Lisboa Assistência Técnica: R. Alfredo da Silva, Portela da Ajuda-Lisboa Garagem Victoria-mais um agente CITROËN para melhor o servir.

CITROËN

Automóveis Citroën S.A.R.L. tem o prazer de comunicar que nomeou seu agente a Firma SEMAL, (Garagem Victoria).

AUTOMÓVEIS CITROËN S.A.R.L.

Av. Praia da Vitória, 9 - LISBOA

Para melhor o servir, a Citroën aumenta e melhora constantemente a sua rede de agentes em todo o país.

CITROËN AO SEU SERVIÇO, MAIS E MELHOR.

CITROËN

ANCA SOMMER

Eles e concordaram; e aproveitaram-se do auxílio que António lhes pôde prestar, mercê da obtenção do empréstimo.

E foi assim que António lhes abonou as entradas iniciais, bem como integralizou o total do preço das aquisições.

A eles, e à mãe de todos, D. Ana, que pela 9.ª emissão adquiriu 5388 acções, — d. Ana de quem todos são presuntivos e legítimos herdeiros.

A eles, e não só a D. Ana, mas também a Sommer, que após a 9.ª emissão ficou com 26.486 acções — Sommer, onde cada um dos assistentes tinha uma participação no capital, de, pelo menos, 4,6 por cento.

Até o homem de confiança dos assistentes, sua testemunha forte e perjura, Constantino Sobral, confirmaria, como fez, na instrução preparatória, que «julgando não haver disponibilidade no momento para a operação da 9.ª emissão de acções da Empresa de Cimentos de Leiria, teria sido acordado entre os irmãos contraírem um empréstimo no Banco José Henriques Torra». (Seu depoimento de 17/12/60)

D. MARIA LUÍSA E D. ALBANA CONFIRMA- RAM O EMPRÉSTIMO DAS SUAS ACÇÕES

Mas, António Champalimaud nunca teria podido prestar ao Totta». (Seu depoimento de 26-11-45, se não fora, na verdade, a amizade com que suas tias D. Maria Luísa e D. Albana, lhe emprestaram então as acções que elas de Henrique Sommer haviam recebido.

Sem a ajuda concretizada através desse empréstimo, talvez não tivesse sido possível a criação de bases, cujo lançamento permitiu a António Champalimaud, levantar a espantosa obra industrial, que já ninguém neste país ignora.

D. Maria Luísa e D. Albana, aliás, emprestando as acções havidas de Henrique Sommer, mostraram lucidamente quanto bem compreendiam a atitude de seu irmão, que expressamente se assegurara transmitir-lhes os valores representativos da mais alta realização da sua vida — as suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria —, confiando no equilíbrio delas, no seu discernimento, no conhecimento que tinham da sua ternura, e interesse pela Empresa, com vista a transmitirem um dia as mesmas acções àqueles dos seus sobrinhos que mais garantias dessem de continuarem a obra.

Às tias, portanto, recorre António Champalimaud para fazer a quantidade de acções necessárias ao caucionamento do empréstimo no Totta.

Elas próprias o reconheceram expressamente em cartas, ambas datadas de 15 de Maio de 1959, e ambas do punho delas, que V. Ex.ªs podem ver nos autos.

Pela importância e significado e contexto delas, permito-me lê-las a V. Ex.ªs, escreveu D. Maria Luísa: «Efectivamente, emprestei-te, para caucionamento de operações bancárias, grande número das minhas acções, das que haviam pertencido ou não ao tio Henrique». E D. Albana: «Emprestei-te para caucionamento de operações financeiras grande número das acções que haviam pertencido ao tio Henrique. Dessas acções passaste tu a liquidar-me o respectivo dividendo, cujo encargo com o imposto complementar passou a ficar de tua conta até 1956...»

A circunstância de as cartas serem de redacção sensivelmente igual, mereceu referências tanto ao distinto Magistrado do Ministério Público, como ao ilustre advogado dos assistentes.

Ora, o que a mim me parece estranho é tal estranheza.

E evidente — e seria esultante afirmar o contrário — que tais cartas foram solicitadas.

Isso demonstra-se com as cartas que António Champalimaud lhes dirigiu, e cujas cópias podem ver-se a fls. 8940 e 8942 dos autos.

As duas senhoras foram formuladas expressamente duas perguntas com igual redacção.

Das cartas se vê, que se visava, não uma necessária aquiescência, mas uma resposta clara sobre a confirmação ou negação de certos factos.

E perfeitamente natural que em tais condições, as duas senhoras, tenham adoptado na redacção das suas respostas, termos idênticos, explicados, por outro lado, pelo próprio contexto delimitado pelas perguntas.

Se V. Ex.ªs experimentarem endereçar a 10 pessoas, 10 cartas iguais, formulando a mesma pergunta concreta, V. Ex.ªs receberiam, quase necessariamente 10 cartas de igual conteúdo — se a pergunta evidentemente recaísse sobre facto exacto.

Quando a testemunha José Pedro de Carvalho Bourbon Sommer Ribeiro foi inquirida sobre o conteúdo das cartas de F. Maria Luísa e D. Albana, chamando-se-lhe a atenção para a circunstância de o seu contexto ser praticamente igual, ela não poderia na verdade, demonstrar senão uma certa perplexidade, porque lhe não havia sido dado conhecimento do teor das cartas de António Champalimaud.

Se tais cartas lhe houvessem sido mostradas, ela responderia naturalmente o que é intuitivo: as cartas assemelham-se tão fortemente, porque constituem resposta a factos verdadeiros e que constituem resposta a perguntas formuladas de forma exactamente igual.

E isso, aliás, só comprova a sinceridade e honestidade do depoimento dessa testemunha, que não obstante os laços familiares que o ligavam às duas senhoras, ignorava o teor das cartas que António Champalimaud lhes havia endereçado.

Suspeicionou-se, naquela permanente posição assumida em todo o processo e no julgamento pelos queixosos, a realidade do empréstimo.

403 ASSINATURAS 403 ACTOS MATERIAIS

Além da confirmação traduzida pelas sras. D. Maria Luísa e D. Albana nas cartas que já li, além da conclusão idêntica da leitura das suas declarações produzidas nos autos, além da prova testemunhal que já invoquei a V. Ex.ªs, além dos actos de usufruição sobre as acções que ainda relatarei, não quero deixar de relembrar já o facto de todas as acções nominativas que foram para o Totta, representadas por 403 títulos, terem sido objecto de endosso por parte da sra. D. Maria Luísa, a favor de António Champalimaud, uma vez que o Banco Totta não poderia aceitar em caução acções nominativas que não se encontrassem averbadas em nome do próprio titular da conta e beneficiário do empréstimo.

A maçada decorrente da necessidade de produção de tão elevado número de assinaturas, constitui explicação suficiente para a solução encontrada, tocantemente às demais acções nominativas empréstadas, providas da 8.ª emissão — que foram logo emitidas com o necessário e imprescindível consentimento e acordo da sra. D. Maria Luísa a favor de António Champalimaud.

V. Exas. sabem na verdade que tendo, através da 8.ª emissão, as senhoras direito a igual número de acções nominativas, número igual ao daquelas que lhes haviam provido de Henrique Sommer, simplificava-se, evitava-se até o endosso dos títulos adoptando-se a solução

que foi efectivamente adoptada.

«Todas as acções que provieram de Henrique Sommer eu tenho de endossá-las, porque efectivamente elas têm de ir endossadas por mim para poderem servir de caução a um empréstimo concedido a António Sommer Champalimaud no Totta, mas tem de ser emitidas novas acções, as da 8.ª emissão, e eu autorizo desde já que a emissão delas se faça em teu nome, a teu favor, poupando-me o trabalho de fazer as correspondentes assinaturas.»

Esta maçada, portanto, do elevado número de assinaturas a que houve de proceder, explica esta solução adequada às circunstâncias de se evitar a emissão das acções em nome da sr.ª D. Maria Luísa, ordenando-se, como se fez, que as acções fossem emitidas logo a favor de António Champalimaud.

E evidente que pouparam-se assim à sr.ª D. Maria Luísa os esforços decorrentes de fazer igual número de assinaturas e em nada foi prejudicada na medida em que as acções houvessem um dia de voltar, como vieram, a propriedade dela, propriedade que ela tinha mantido através do recebimento dos dividendos na sua qualidade de titular das acções, durante todo o tempo em que as acções estiveram emprestadas.

Mas que importante acto material, este, traduzido na necessidade de aposição de 403 assinaturas — 403 actos materiais! —, em que D. Maria Luísa teve necessariamente as mãos sobre as acções, referência que faço lembrando-me do parecer do sr. prof. Vaz Serra e das referências que até agora já me mereceu.

D. MARIA LUÍSA: UMA SENHORA DE PENSAR ESCLARECIDO

A personalidade de D. Maria Luísa, retratada nos autos, não consente sequer que possa afirmar-se que D. Maria Luísa tivesse endossado as acções, sem se aperceber do significado e alcance desse acto.

Qualquer informação pretendida trazer a V. Exas. em sentido contrário provinha necessária e concretamente dos srs. assistentes, que aliás, consoante o sabor dos ventos e a oportunidade do dia, produziram a V. Exas., até sobre esse aspecto, até sobre a personalidade da sr.ª D. Maria Luísa, até sobre a sua capacidade de inteligência e percepção, produziram declarações diferentes.

Era uma senhora, obviamente, de entendimento normal, uma senhora do seu tempo, do estrato social em que estava integrada que se não participava pessoalmente em negócios e comércios, não ignorava o valor e significado dos bens, mormente de títulos e acções, que eram aliás os valores de onde provinham os seus rendimentos.

E uma senhora, ainda, para mais, que fazia todos os anos as suas viagens ao estrangeiro, com a abertura que isso inevitavelmente traz, a quem sai destes nossos parcos limites, e vai conhecer não só novas terras, mas outras gentes, novos conceitos de civilização, outras mentalidades.

Não negociando pessoalmente, necessariamente, também os autos o retratam, terá sido a depositária das esperanças, das dúvidas, das dificuldades, de tudo a quanto os negócios arrastam em suma, por parte de seu pai, que com ela conviveu até à data do falecimento, somente ocorrido em 19/4/1926.

V. Exas. recordam-se que o pai da sr.ª D. Maria Luísa viveu com ela até à data do falecimento que os autos documentam ter ocorrido em 19/4/26; V. Exas. recordam-se que o pai tinha tanta consideração pela sr.ª D. Maria Luísa que até lhe deixara expressamente o prédio onde ambos viviam a fim de que a casa onde a sr.ª D. Maria Luísa iria permanecer passasse e continuasse a ser o centro sentimental da família. E a sr.ª D.

Maria Luísa foi, na verdade, durante tantos anos, companheira de seu pai, viúvo desde 1910, e que era com ela que se mantinha a viver durante esse tempo.

Mas não só com seu pai. O sr. Henrique Araújo de Sommer, foi aqui também referido por várias pessoas, ia muitas vezes falar com D. Maria Luísa, dizer-lhe até as preocupações quando efectivamente as tinha, conversar com ela, ouvir o seu parecer que era considerado esclarecido.

De todas as testemunhas inquiridas, quais as que maior privança tiveram com as duas senhoras?

Fora de dúvida, que a sr.ª D. Adelaide Themudo de Sommer e o sr. José Pedro de Sommer Ribeiro.

A sr.ª D. Adelaide diria, como disse, em relação a qualquer uma das duas senhoras:

«Que tinham muita cultura; falavam línguas o francês muito bem, um bocadinho de alemão, um pouco também de inglês, e ainda D. Albana falava espanhol.»

Diria também, a sr.ª D. Adelaide, como disse, que ambas as senhoras tinham noção do que eram acções, dividendos e quotas e que lhes ouviu conversas em que lhes ouviu falar das suas fortunas, em acções, de pessoas que tinham heranças.

José Pedro Carvalho e Bourbon Sommer Ribeiro, por seu lado, disse: «... eram senhoras dotadas ambas de bastante inteligência e cultura. D. Maria Luísa conforme o depoente já referiu, era mais impulsiva. Foi colaboradora de Henrique Sommer no lançamento da obra de Maceira Liz, tendo Henrique Sommer, com ela diariamente conversas e por consequência estar esta senhora a par dos inúmeros problemas financeiros que surgiram durante o lançamento do referido empreendimento e das dificuldades que seu irmão e os que com ele trabalhavam passaram durante os anos críticos da fábrica.»

E tanto D. Maria Luísa tinha perfeita consciência da maçada que representava o endosso de uns centos de acções, que, mais tarde, exactamente em 1957, invocando exactamente esse argumento, preferiu outorgar procuração para tal efeito e José Pedro Sommer Ribeiro, consoante se vê da procuração que se acha nos autos e ele o relata nos termos que me permito ler a V. Exas.:

«Que a explicação que a sr.ª D. Maria Luísa lhe deu ao fazer-lhe o pedido para o depoente aceitar a procuração que iria passar foi a de que anos atrás tinha tido de endossar um lote de acções, o que a tinha cansado bastante.»

Posto isto, quero apenas referir que o empréstimo do Totta a que me venho reportando só seria completamente liquidado em 25/1/1957, consoante se acha documentado a fls. 8926 dos autos.

Por esse mesmo documento, António Champalimaud solicita a José Henriques Totta que efectivasse a entrega de 27.000 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que serviam de caução à conta «ao portador sr. Constantino Sobral».

Veremos dentro em pouco, como actuou António Champalimaud, após a liquidação do empréstimo no Totta, e após o levantamento das acções. Mas, antes quero demonstrar a V. Exas., que durante o período que vai desde 1957, as sras. D. Maria Luísa e D. Albana continuaram a ser as únicas proprietárias e possuidoras das acções delas colhendo o correspondente benefício.

«EMPRESTAR A ANTÓNIO CHAMPALIMAUD ERA EN-GRANDECER A EMPRESA.»

D. Maria Luísa e D. Albana, portanto, depois de terem detido materialmente em seu poder as

acções providas de Henrique Sommer, desde a data da morte deste até fins de Novembro de 1945, emprestaram-nas a António Champalimaud.

Estavam no pleníssimo direito de fazê-lo, na sua qualidade de proprietárias e possuidoras das acções.

Podiam emprestá-las onerosa ou gratuitamente como muito bem lhes acesse.

Eram maiores e vacinadas como costuma dizer-se — não deviam satisfações a ninguém.

D. Maria Luísa emprestou primeiro 1000 acções a Montez Champalimaud, em condições exactamente iguais às que viria a emprestar a totalidade das suas acções a António Champalimaud, e fazendo-o essa primeira vez, como depois o voltou a fazer, terá até tido em atenção aquele facto que já atrás considere: o de através desses empréstimos, contribuir para o progresso das empresas em função do crédito que lhe merecia a capacidade empresarial de António Champalimaud.

Então ela, tal como D. Albana, logo após a morte de Henrique Sommer, não chamaram os interessados na condução das empresas a pedir-lhe exactamente que escolhessem António Champalimaud para director-delegado da Empresa de Cimentos de Leiria?

Então, não haviam elas, seguras como estavam da capacidade de António Champalimaud, de as emprestar ao seu sobrinho António, de cuja acção esperavam um engrandecimento ainda maior da Empresa?

Emprestar a António era engrandecer a empresa.

O decurso do tempo viria a comprová-lo.

Se retivessem as acções em seu poder, nas gavetas ou nos cofres de suas próprias casas, não aufeririam maiores benefícios dos que continuaram a auferir emprestando-a a António: o recebimento dos dividendos.

O PAGAMENTO DOS DIVIDENDOS

E o pagamento dos dividendos por António Champalimaud às senhoras foi regular e efectivamente efectuado.

O pagamento processava-se nos seguintes termos:

Os títulos, como disse, foram depositados no Totta.

O depósito de títulos em bancos implica por parte destes, como também já disse, o exercício obrigatório da administração dos títulos com todo o complexo de poderes e deveres que se insere neste conceito, em representação dos seus proprietários.

Ao banco, incumbia, portanto, a cobrança regular e atempada dos dividendos das acções recebidas em caução.

Efectuada a cobrança, creditava o montante deles, deduzida a comissão habitual em tais circunstâncias, na conta do titular da conta caucionada, ou seja, no caso concreto, na conta de António Champalimaud, caucionada com títulos da Empresa de Cimentos de Leiria.

Creditados, da forma exposta, a favor de António Champalimaud, a totalidade dos dividendos das acções que integravam a caução, António Champalimaud, com a sua lisura de todos os instantes, sabia que os dividendos das acções que suas tias lhe haviam emprestado a elas pertenciam — e é até perfeitamente lógico considerar que o empréstimo foi efectuado com tal condição e tanto mais que as acções haviam sido dadas a elas, para manterem o mesmo pé de vida — providenciava naturalmente pela entrega a suas tias do montante do dividendo correspondentes à quantidade das acções que elas lhe haviam emprestado.

Uma vez que o empréstimo teve lugar em fins de Novembro de 1945, altura em que já tinham sido atribuídos e cobrados os dividendos correspondentes ao exercício social de 1944, os primeiros dividendos que as acções venceram após o em-

préstimo foram os dividendos fixados em relação ao ano social de 1945, na assembleia geral ordinária efectuada para esse efeito no subsequente ano de 1946.

Os dividendos do ano de 1945 foram cobrados pelo Banco Totta no ano de 1946, através do recibo de dividendos n.º 265.

Pois logo no próprio ano de 1946, António Champalimaud efectiva a suas tias o pagamento dos dividendos, correspondentes às acções delas, já livre das despesas de selos, enviando-lhes, mais tarde, a cada uma, notas detalhadas explicando o pagamento, com discriminação da quantidade das acções, distinguindo as nominativas das acções ao portador, distinguindo os dividendos correspondentes às acções que já anteriormente pertenciam a suas tias, dos dividendos das «acções que pertenceram ao Exmo. senhor Henrique Araújo Sommer», indicando o montante dos dividendos de cada uma das espécies e montantes das acções anteriormente referidas, e dividindo em partes iguais, por D. Maria Luísa e D. Albana, os dividendos respeitantes às «acções do tio Henrique».

E em todos os anos subsequentes de 1946 a 1956 — sem uma única falha, sempre com o mesmo rigor, António Champalimaud faz elaborar notas explicativas dos dividendos a que tinham direito — e paga-lhos, e entrega-lhos.

A discriminação é sempre feita, consoante se vê das «notas» explicativas constantes dos autos.

Citou então o dr. Palma Carlos todos os documentos comprovativos do pagamento que António Champalimaud fez a suas tias dos dividendos das acções que delas recebeu de empréstimo, após o que, prosseguiu:

Sobral confirmou ter sido ele quem dactilografou todas essas notas — entregando original delas a António Champalimaud que as enviava às tias, juntamente com os cheques respectivos.

Estão nos autos, todas as «notas» — «notas dividendos», digamos — que documentam tais pagamentos, tais pagamentos feitos por António Champalimaud, a suas tias D. Albana e D. Maria Luísa: pagamentos dos dividendos das acções, quer das nominativas quer das ao portador, que haviam pertencido a Henrique Sommer, e, todas elas, acompanhadas das fotocópias dos cheques (alguns deles aliás identificados nas próprias «notas») através dos quais os pagamentos foram efectuados.

DEPÓSITOS DOS DIVIDENDOS

E fotocópias não só dos cheques; mas fotocópias também de talões de depósito no Banco Nacional Ultramarino, comprovando que efectivamente os cheques emitidos foram depositados nas contas das senhoras.

Examinando-se os talões dos depósitos efectuados pode neles reconhecer-se a letra de Constantino Sobral, que preencheu e rubricou os talões de depósito respeitantes aos dividendos pagos em 1956 e 1957.

Tudo isto era feito às claras. António Champalimaud nada tinha a ocultar.

Uma vez até aconteceu, no ano de 1955, que foi o próprio Henrique Champalimaud quem providenciou pelo pagamento e depósito dos dividendos correspondentes às acções a que nos vimos referindo, da sra. D. Maria Luísa e da sra. D. Albana.

Ele próprio o referiu, na sua carta de 8/6/55 dirigida à Sra. D. Albana, e onde ele lhe comunica ter efectivado o depósito no Banco Nacional Ultramarino, respectivamente nos dias 6 de Maio e 8 de Junho de 1955, respectivamente de 88.519\$95 e 37.884\$60, correspondendo o primeiro depósito aos dividendos de 50 por cento das acções, possuídas por D. Albana em

DL/ESTRANGEIRO

BRANDT EM WASHINGTON

Possível cimeira este ano entre o presidente Nixon e dirigentes europeus

WASHINGTON, 3 (R.) — Uma cimeira entre o presidente Nixon e dirigentes europeus ocidentais poderá efectuar-se ainda este ano para encontrar uma solução de diferenças comerciais e económicas.

Nixon e o chanceler da República Federal da Alemanha, Willy Brandt, prometeram, durante dois dias de conversações que travaram nesta capital, trabalhar constructivamente para reformar o comércio internacional, que descreveram como uma tarefa política de grande grande significado.

Brandt, exprimindo contentamento pelas suas discussões com Nixon, sugeriu depois a probabilidade de que o presidente se avistaria conjuntamente com dirigentes europeus numa viagem à Europa, que projecta realizar no Outono.

Fricção sobre reformas comerciais e monetárias têm-se tornado recentemente um factor dominante nas relações entre os Estados Unidos e a Europa, com Washington insistindo em que sejam eliminadas barreiras às suas exportações.

Brandt, que afirmou ter vindo a esta capital como porta-voz da Europa, anunciou após as suas conversações com Nixon: «Necessitamos uns dos outros por razões de segurança... e como as-

sociados comerciais e económicos».

«Não devemos permitir que dificuldades que possam existir num sector afecte desnecessariamente outros».

Ao contrário de certas previsões, Brandt asseverou que não se registaria qualquer guerra comercial entre os Estados Unidos e a Europa.

Discursando no Clube da Imprensa Nacional, o chanceler disse que o Mercado Comum Europeu tinha beneficiado os Estados Unidos e que existiam interesses comuns primordiais entre os Estados Unidos e a Europa.

Nixon e o dirigente alemão ocidental pediram num comunicado conjunto uma atitude liberal por parte de todos os países que participam em negociações sobre reformas comerciais, que devem começar ainda este ano.

Declararam que as negociações sobre a eliminação de barreiras comerciais seria de importância decisiva para o futuro comércio internacional.

Brandt, que regressa hoje de avião ao seu país, parecia ter ficado satisfeito com as novas promessas de Nixon quanto à defesa europeia ocidental.

O comunicado conjunto americano-alemão ocidental acrescentava que uma presença ade-

quada de forças americanas na Europa é um dissuasor crível da Nato e um indispensável para manter um equilíbrio de poder entre o Leste e o Oeste.

ENCONTRO NA ISLÂNDIA

PARIS, 3 (F. P.) — Confirma-se de fonte autorizada francesa as informações obtidas em Washington segundo as quais o encontro entre o presidente Georges Pompidou e o presidente Nixon terá lugar na Islândia, possivelmente em 31 de Maio e 1 de Junho.

Aguarda-se a publicação de um comunicado simultaneamente nas duas capitais.



O chanceler Willy Brandt cumprimenta Ethel Kennedy, viúva de Robert Kennedy, no decorrer de uma recepção na embaixada alemã ocidental em Washington. Ao lado de Ethel encontra-se o cunhado, o senador Edward Kennedy (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

REVELA O "NEW YORK TIMES"

Vasta campanha republicana de espionagem e sabotagem

Connally republicano

HOUSTON, (TEXAS), 3 — (UPI-ANI) — John Connally abandonou o Partido Democrático, que — segundo explicou — se tornou demasiado liberal para ele, e aderiu ao Partido Republicano. Entretanto, correm notícias de que, possivelmente, se apresentará como candidato republicano às eleições presidenciais de 1976.

«Julgo que o Partido Democrático se inclinou agora para a esquerda mais do que em qualquer outra altura da minha vida» — declarou Connally, antigo secretário do Tesouro, ao anunciar a sua decisão. Connally, que era o único democrático do Governo de Nixon, de mitiu-se há um ano.

O presidente Nixon afirmou-se satisfeito pela decisão de Connally.

Novas medidas contra a inflação

WASHINGTON, 3 — (FP) — O presidente Nixon decidiu aplicar medidas suplementares para lutar contra a inflação que atingiu nível nunca visto desde o começo do ano nos EUA. Destinadas a reforçar a terceira fase da fiscalização dos preços em vigor desde Janeiro, estas medi-

das são as seguintes:

1 — As maiores empresas americanas deverão comunicar à administração os aumentos de preço que hajam feito desde o começo do ano. A administração poderá ordenar reduções quando achar as subidas excessivas.

2 — As empresas que previrem aumentar seus preços mais do que 1,5 por cento em relação a 10 de Janeiro último, deverão comunicar essas elevações com um mês de antecedência à administração, que as poderá recusar.

3 — As empresas cujas altas não ultrapassem 1,5 por cento deverão comunicar trimestralmente as suas listas de aumentos à administração, que os confrontará com a legislação em vigor.

A subida dos preços atingiu 8,8 por cento no primeiro trimestre deste ano, mas, acrescentou Nixon, o congelamento dos preços dos produtos alimentares criaria mais problemas do que resolveria.

WASHINGTON, 3 (R.) — Os dois principais colaboradores do presidente Nixon na Casa Branca que se demitiram esta semana por causa do escândalo de Watergate devem ser chamados hoje a depor perante o juri federal que investiga o caso.

Bob Haldeman e John Ehrlichman deviam ser hoje interrogados pela comissão senatorial de inquérito, mas o senador republicano Howard Baker revelou ontem à noite que a audiência foi adiada para permitir aos dois antigos colaboradores do presidente apresentarem-se perante o juri que deverá decidir se existem motivos para instaurar processos judiciais contra outras pessoas implicadas no caso, além dos sete que já foram julgados.

Entretanto, estreitam-se as ligações entre o caso Watergate e o caso dos documentos secretos do Pentágono em que são reus Daniel Ellsberg e Anthony Russo. Os advogados de defesa alegaram ontem que Ehrlichman tentou subornar o juiz Matthew Byrne, oferecendo-lhe o cargo de director do FBI.

O juiz Byrne declarou no entanto ao conselheiro da Casa Branca que não podia aceitar o cargo, enquanto presidía a um julgamento em que o Governo era uma parte interessada.

Os advogados de Ellsberg e Russo insistiram, no entanto, que tinha havido uma tentativa para subornar o tribunal e o juiz Byrne convidou-os a apresentar hoje alegações fundamentadas para que o julgamento fique sem efeito ou sejam retiradas as acusações contra os dois réus.

Entretanto o «New York Times», citando elementos empenhados nas investigações, afirma hoje que a escuta em Watergate constitui apenas uma pequena parte de uma vasta campanha republicana de espiona-

gem e sabotagem contra o Partido Democrático. O objectivo de toda essa campanha, segundo as mesmas fontes, era fazer com que o candidato democrático escolhido fosse precisamente o senador McGovern, por ser aquele que menos possibilidades tinha de ganhar as eleições.

Essa conspiração teria começado em 1971, quando as sondagens à opinião pública mostraram que Nixon se encontrava atrás do senador Edmund Muskie, que era então considerado o candidato democrático com mais possibilidades.

Por outro lado, aumenta o descontentamento no Congresso pelo facto do presidente Nixon não ter ainda nomeado para dirigir as investigações um elemento de reconhecida idoneidade que não esteja ligado à administração.

O senador democrático Robert Byrd declarou que a recusa em entregar a investigação a um elemento independente poderá ter o efeito de uma represália, a demorar a confirmação de Elliot Richardson no cargo de ministro da Justiça.

NOVA ACUSAÇÃO

A comissão de reeleição do presidente Nixon foi oficialmente acusada de não ter manifestado uma contribuição financeira de 200.000 dólares que recebeu do capitalista Robert Vesco, em 10 de Abril de 1972.

Essa contribuição teria sido feita três dias depois de entrar em vigor a nova lei obrigando os candidatos a revelarem todas as fontes do seu apoio financeiro, bem como as quantias recebidas.

Em New York, um homem que pareceu aos jornalistas ser Donald Nixon, sobrinho do presidente, foi visto a sair do tribunal onde um juri federal está

a examinar o caso Vesco.

O antigo procurador geral John Mitchell depôs perante o mesmo juri na semana passada, mas a presença de Donald Nixon, que trabalhou numa empresa de Vesco, não foi confirmada oficialmente.

ANSIEDADE NA EUROPA

LONDRES, 3, (UPI-ANI) — Os aliados europeus dos Estados Unidos começaram a dar sinais de verdadeira ansiedade a respeito do impacto do caso de Watergate no cenário internacional, o que, provavelmente, acontece pela primeira vez desde que o escândalo veio a público.

Acima de tudo, não foi o choque pela crescente crise interna e a sua propagação às mais altas esferas do Governo o que surpreendeu políticos europeus. O que perturba estes últimos é o efeito do caso sobre o próprio presidente Nixon e a eventualidade do escândalo poder enfra-

quecer a sua posição ao ponto de debilitar a eficácia do presidente.

Até há poucos dias, diplomatas e políticos europeus seguiam os acontecimentos de Washington mais com espanto do que com preocupação. Subitamente, porém, a sua atitude começou a mudar. O assunto está a tornar-se cada vez mais de interesse europeu.

O que políticos europeus começaram a perguntar é se Nixon poderá «vencer» o Congresso relativamente às decisões vitais que actualmente estão a ser preparadas com vista às relações futuras entre os Estados Unidos e a URSS e a Aliança Atlântica. Interrogam-se igualmente acerca do que poderá acontecer caso a posição de Nixon se revele enfraquecida.

Os europeus, os soviéticos e os chineses pretendem negociar com um presidente forte, considerando necessário que ele seja «eficaz».

Conspiração para depor o presidente paquistanês

RAWALPINDI, 3 (R.) — Foram presos mais doze oficiais das Forças Armadas e um civil em consequência de investigações sobre uma alegada conspiração para depor o presidente Zulfikar Ali Bhutto.

Um comunicado do Ministério da Defesa dizia a noite passada que investigações efectuadas pelas autoridades do Exército e da Força Aérea desde a comunicação em 30 de Março da prisão de certos oficiais reformados e no serviço activo «apuraram conclusivamente que os detidos estavam empenhados numa conspiração para

subverter a disciplina e a lealdade do pessoal do Exército e da Força Aérea do Paquistão».

Cerca de 20 oficiais no activo, um brigadeiro e um coronel reformado e dois civis foram presos em 30 de Março.

O novo grupo de oficiais presos, na maioria pessoal da Força Aérea compreende um brigadeiro, um coronel, um tenente-coronel, três capitães, seis tenentes e um civil.

O Ministério da Defesa acrescentou que ia dentro em breve criar tribunais marciais para julgar os presos.

QUARENTA MORTOS

SALVADOR (Brasil), 3 — (R.) — Um cavalo perdido, que vagueava numa importante auto-estrada, fez com que um autocarro e um camião chocassem de frente, morrendo no desastre, que se registou ontem a sudoeste desta cidade costeira, 40 pessoas, incluindo 16 crianças, segundo comunicou hoje a Polícia.

Mais quinze pessoas foram internadas num hospital, quatro delas, em estado gravíssimo. Entre os feridos, encontraram-se, também, sete crianças.

DL/ESTRANGEIRO

Difíceis negociações na Argentina entre Campora e os militares

BUENOS AIRES, 3 — (R) — O presidente Alejandro Lanusse da Argentina avistara-se hoje pela primeira vez com o presidente-eleito Hector Campora para travar conversações sobre a crise que fez com que a lei marcial fosse imposta na maior parte do país.

O presidente Lanusse, que é, também, comandante-chefe do Exército, assistiu às conversações na residência do dr. Campora, juntamente com os comandantes da Marinha e da Força Aérea, segundo revelaram funcionários governamentais.

O dr. Campora, que deverá ser investido no seu cargo em 25 de Maio, tem recusado todos os convites anteriores para se encontrar com o presidente provisório.

A Junta Militar, que governa o país, impôs a lei marcial em Buenos Aires e em cinco províncias, após o assassinio, na segunda-feira, numa rua da capital, de um contra-almirante reformado, a última vítima da crescente onda de violência em toda a Argentina.

Espera-se que se registem ho-

je difíceis negociações entre os comandantes militares o dr. Campora disseram observadores políticos.

O dr. Campora acaba de regressar de consultas em Madrid com o seu mentor político, o antigo presidente Juan Perón.

A imposição da lei marcial, que inclui a pena capital pelos crimes de rapto e outros actos de terrorismo, indicava a observadores desta capital que os militares pretendiam esmagar todos os guerrilheiros urbanos.

O Exército Revolucionário Popular (ERP), a força de guerrilheiros urbanos mais activa da Argentina, assumiu, entretanto, a responsabilidade pelo assassinio de segunda-feira e pouco caso fez da lei marcial.

Os militares fixaram um prazo limite para a libertação de todos os raptados até à meia-noite de terça-feira, mas, às primeiras horas, de hoje o ERP retinha ainda como activo outro almirante reformado, que raptado há mais de um mês.

O ERP e outros agrupamentos de guerrilheiros e quadrilhas de criminosos tem realizado uma série de raptos e de assaltos

nos últimos meses. Um polícia argentino e o filho de um homem de negócios suíço eram ainda dados como reféns de raptadores.

A despeito da lei marcial, continuou a violência na capital quando ontem um grupo, suspeito de ser das direitas, largou fogo e destruiu um teatro onde deveria ser estreada à noite a ópera-rock «Jesus Cristo Superstar».

Deputados e senadores recentemente eleitos para as duas Câmaras devem reunir-se no Congresso ainda hoje para a primeira sessão do Parlamento desde que os militares assumiram

o poder em 1966.

Elegerão presidentes das Câmaras durante a sessão de hoje, mas não porão em vigor qualquer legislação senão depois da investidura presidencial em 25 de Maio.

Entretanto, a Polícia comunicou ter efectuado uma busca num luxuoso bloco de apartamentos de Buenos Aires e encontrado o corpo de um jovem guerrilheiro urbano, que se cret ter sido o responsável pelo assassinio do contra-almirante Quijada na segunda-feira. O guerrilheiro tinha sido fatalmente ferido a tiro pelo motorista do almirante ao fugir.

Recorde num leilão de obras de arte

NOVA YORK, 3 (UPI-ANI) — Seis milhões e oitocentos mil dólares (uns cento e setenta mil contos) — tal o montante que renderam quarenta e sete quadros ontem leiloados em Nova York e que pertenciam ao industrial de Los Angeles, Norton Simon. Este total constitui novo recorde mundial num leilão de obras de arte.

No leilão foram estabelecidos novos recordes de venda de quadros de Cezanne, de Degas, de Manet e de Redon, pintores pertencentes à Escola Impressionista francesa. Duas naturezas mortas de Cezanne e de Manet começaram a ser leiloadas com a base de licitação em quinhentos mil dólares e foram arrematadas poucos minutos depois por um milhão e quatrocentos mil dólares cada uma.

O «Vaso de Tulipas» de Cezanne, foi adquirido por um comprador não-identificado que dava as suas ordens por telefone e a «natureza morta com peixes», de Manet, foi arrematada por uma firma de Nova York. Outro quadro de Cezanne, também natureza morta, foi vendido por seiscentos e vinte mil dólares (cerca de 1.500 contos), o que constituiu novo recorde mundial por uma aguarela.

Os dois outros recordes mundiais foram conseguidos pelo «Ensaio de Ballet» de Degas, vendido à galeria Marlborough, de Nova York, por 780.000 dólares (19.500 contos) e pelo «Vaso de Flores», de Redon, comprado por 225.000 dólares (4.625 contos) por uma galeria londrina de arte.

CALEIDOSCÓPIO

«GUERRILHEIROS DE CRISTO REI» — Foi preso Mariano Sanchez Covisa, suspeito de ser um dos dirigentes do «comando» da extrema direita «Os Guerrilheiros de Cristo Rei» que atacou ontem em Madrid muitos padres e militantes católicos. O «comando» atacou os fiéis que acabavam de assistir a uma missa organizada por muitos movimentos do apostolado operário de Madrid. No sábado passado já se verificaram incidentes numa conferência organizada pelos movimentos apostólicos operários. (FP).

EMBAIXADA OCUPADA — Quarenta estudantes da República do Iêmene do Norte ocuparam ontem a embaixada do seu país em Praga em sinal de protesto pela cedência por parte do seu Governo de algumas partes do seu território à Arábia Saudita. O embaixador do Iêmene do Norte, que se encontrava no edifício parece ter permitido que os estudantes ali permanecessem pelo tempo que quisessem. Os ocupantes da embaixada enviaram um telegrama ao chefe do Estado norte-iemenita, Ali-Idrissi, declarando o seu protesto pela cedência das terras. (EFE e ANI).

GREVE DOS CARTEIROS — A greve dos carteiros italianos, iniciada em 14 de Abril último, parece não ter solução, em virtude de os diversos sindicatos não chegarem a um acordo. A ordem para regressar ao trabalho lançada a 20 de Abril não encontrou eco, em virtude do descontentamento de base agravado pela perspectiva cada vez mais aterradora de enorme massa de correio e de encomendas que será necessário separar quando o conflito acabar. Supõe-se ser preciso um mês para escoar todo o correio em atraso. (FP).

PRÉMIO LENINE DA PAZ PARA ALLENDE — O presidente Salvador Allende, do Chile, aceitou ontem o Prémio Le-

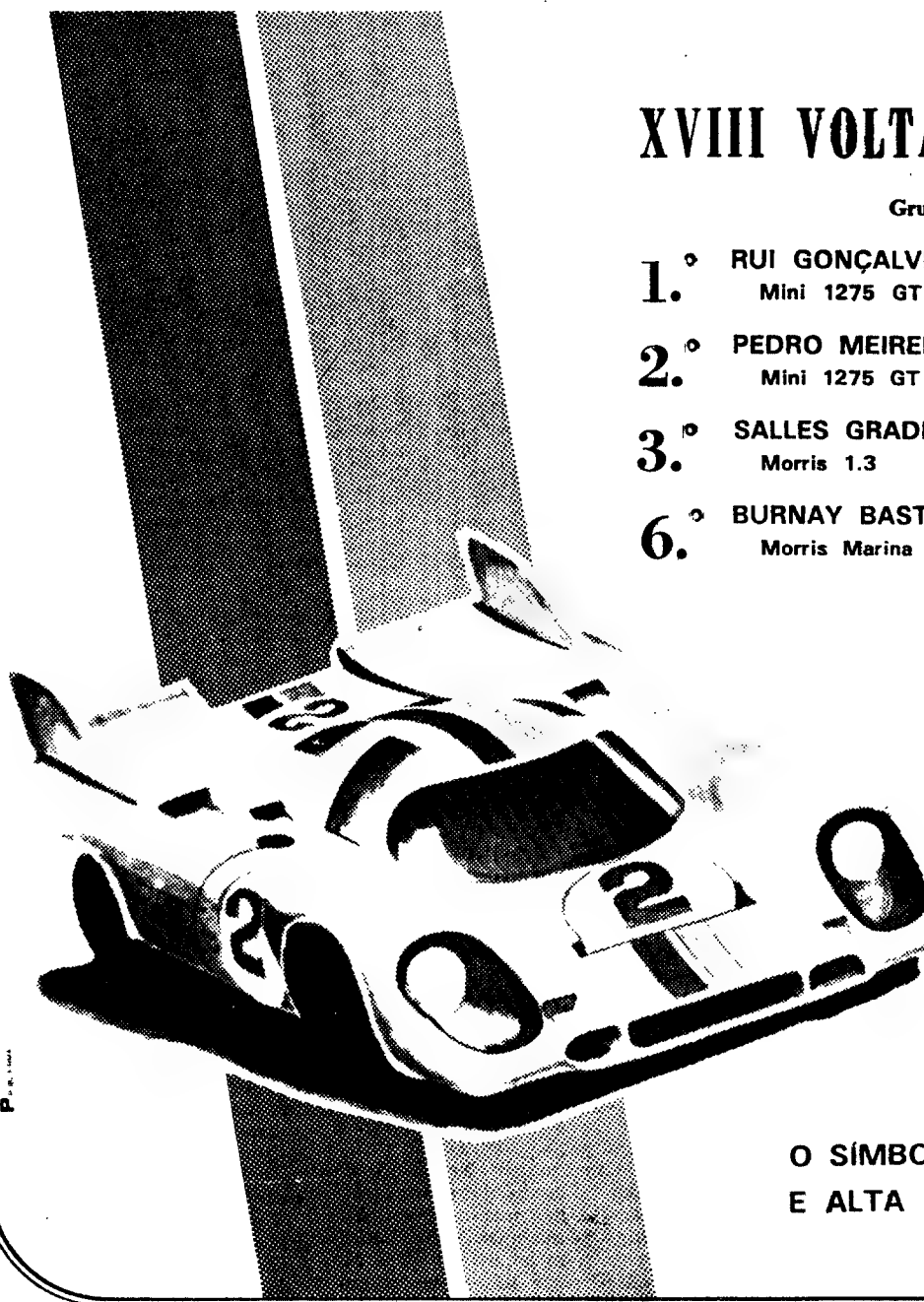
nine da Paz, mas disse que o galardão pertence de direito a todos os chilenos amantes da paz. Allende falava ao embaixador soviético, Alexander Basov, que o informava oficialmente de que tinha sido galardoado com o prémio. O presidente declarou: «Esta elevada distinção pertence aos chilenos que travam uma luta para a coexistência pacífica entre todos os cidadãos do Chile e também entre todas as nações da terra. (R).

DAS CANÁRIAS AO MÉXICO DE JANGADA — A jangada «Acali», na qual um grupo de sete mulheres e seis homens, incluindo um sacerdote português chamado Bernardo Bongo, fará uma viagem científica desde as Ilhas Canárias até ao México, saiu ontem do Porto De La Luz para uma viagem de experiências em volta da ilha e voltou ao princípio da noite. Os responsáveis da projectada viagem revelaram que o objectivo da experiência foi comprovar as condições de fluabilidade e de navegabilidade da embarcação. Não foram fornecidos dados concretos acerca dos resultados da experiência, mas cre-se que foram satisfatórios e que o «Acali» está em condições de partir na próxima terça ou quarta-feira com destino a Yucatan, México. (EFE e ANI).

«FERRY» EM CHAMAS — Mais de 200 passageiros e tripulantes recolhidos do «ferry» greco «Knossos» em chamas, durante a noite, vinham hoje a caminho de Chipre a bordo do paquete italiano «Stelvio», que os salvou. Entretanto, um informador militar britânico revelou que o comandante do «ferry», que permanecera a bordo com 35 tripulantes, comunicara pela rádio que o fogo fora já dominado. (R).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Havanese do Montijo, Rua Miguel Pais, 8 — MONTIJO

Vitórias Castrol GTX



XVIII VOLTA AO MINHO

Grupo 2

- 1.º RUI GONÇALVES — JOÃO BAPTISTA
Mini 1275 GT
- 2.º PEDRO MEIRELES — DINIS MOTA
Mini 1275 GT
- 3.º SALLES GRADE — SCHAELLER
Morris 1.3
- 6.º BURNAY BASTOS — G. VILLAR
Morris Marina 1.8



O SÍMBOLO DO PRESTÍGIO
E ALTA QUALIDADE

Continuação da pág. 13

conjunto com D. Maria Luísa.

Mais: a carta de Henrique Champalimaud refere-se à «nota», entregue a D. Albana em devido tempo, respeitante a metade das acções em conta conjunta.

Outros depósitos no Banco Nacional Ultramarino, dos dividendos respeitantes às acções em causa, foram efectuados pelo Sr. António Sobreira, expressamente referido, por exemplo, na nota enviada às Senhoras, respeitante aos dividendos de 1953.

O dos talões de depósito há no processo por ele também preenchidos.

No decurso do julgamento ouviram V. Exas. referir que este António Sobreira era um primo das Senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, e como que um conselheiro financeiro das duas senhoras e que os documentos dos autos permitem comprovar a sua frequente intervenção, em actos de subscrição de acções efectuados pela Sra. D. Albana.

Aliás, a circunstância de haverem sido encontradas, e podem ter sido juntas aos autos, algumas agendas de Sra. D. Albana Sommer Osório, como aquela que se encontra incorporada nos autos, viria também trazer sobre esta matéria um importante contributo.

E que, na verdade, da agenda referida, constam os recebimentos de todos os dividendos destas acções, anotados pelo próprio punho da Sra. D. Albana e em rigorosa correspondência com as datas em que os pagamentos dos dividendos foram efectuados.

A entrega dos dividendos feita por António Champalimaud a suas tias era pois do conhecimento geralizado.

CARLOS CHAMPALIMAUD NEGA

Carlos Champalimaud, esse, negaria, evidentemente o seu conhecimento do facto, dizendo, como o fez, que, «embora fosse sócio gerente de Sommer e Ca. Lda. desde 1/1/1946, nunca teve conhecimento de que nessa Sociedade e por um empregado da mesma fossem elaboradas notas explicativas do n.º e proveniência das acções e dividendos correspondentes, notas essas que acompanhavam os cheque ou talão comprovativos do depósito efectuado nas contas de suas tias».

Tomaria tal atitude para negar expressamente a matéria articulada no ar.º 42 da Contestação.

Constantino Sobral, porém, exactamente empregado de Sommer, com as funções de responsabilidade que lá tinha, com a abarcação dos trabalhos de Sommer que aqui referi a V. Exas. Constantino Sobral disse que tinha sido ele efectivamente quem dactilografara essas notas.

Carlos Champalimaud referiria que tão somente no 2.º semestre de 1956 teve conhecimento, através de alguns documentos que sua tia D. Albana lhe exibiu, que seu irmão António Champalimaud lhe vinha a entregar dividendos referentes a algumas das acções da Empresa de Cimentos de Leiria que haviam pertencido a Henrique Sommer.

Espantosa, a permanente má fé do sr. Carlos Champalimaud!

E que, na verdade, os autos bem documentam que no ano de 1953, foram abertas 2 contas conjuntas ou de depósito solidário em nome de D. Albana e de Carlos Champalimaud.

a) 1 conta solidária de títulos.

b) outra conta solidária de dinheiro.

Está nos autos um ofício do Banco Nacional Ultramarino a documentar que em 15/9/53 foi aberta uma conta escusos — de depósito à ordem solidário n.º 42.539 em nome de Carlos Champalimaud/D. Albana, conta que se manteve até 22/3/54, data em que o saldo em depósito foi transferido para uma nova conta também solidária — de-

O CASO DA HERANÇA SOMMER

pósito à ordem n.º 43887 — aberta em nome dos mesmos, mas agora em ordem inversa, — D. Albana/Carlos Champalimaud.

Temos nos autos a conta corrente desse depósito solidário n.º 43.887.

Ora, nela, encontram-se exactamente lançados os montantes dos dividendos, pagos à Sra. D. Albana por António Champalimaud.

Como pôde, pois, o Sr. Carlos Champalimaud produzir em tribunal as afirmações que deixou reproduzidas, se em relação à conta solidária, que eu deixo referida, ele chegou a solicitar expressamente ao Banco duplicados das contas correntes e bem assim um livro de cheques para sua movimentação, como tudo se vê por sua carta conjunta aos autos?

Como pôde o sr. Carlos Champalimaud produzir tais afirmações, se o Banco Nacional Ultramarino, como confirma na sua carta junta aos autos, enviava regularmente a todos os titulares das contas «extractos das contas de numerário»?

Não repararam V. Exas. que esta conta de depósito à ordem n.º 43.887 onde começava por ser indicada como morada dos depositantes a casa de D. Albana — Rua Pedro Nunes n.º 51 — passou a ter como indicação de residência dos depositantes, a Rua do Alecrim, n.º 65 - 1.º, ou seja o local onde pontificava o sr. Carlos Champalimaud?

O sr. Carlos Champalimaud, que através o seu douto patrono, tanto interpelou o meu constituinte nas alegações orais, afirmando que António Champalimaud deve explicar isto e aquilo — como explica ele esta mudança de indicação de residências?

Ou manterá a negativa quanto ao seu conhecimento, negativamente que assumiu a fls. 11.995 v.º dos autos?

Ou terá sido António Champalimaud que terá dado instruções nesse sentido?.... — para adoptar uma expressão tão favorável do sr. Carlos Champalimaud — por isso lhe convier ao crime arquitectado com longuíssima premeditação?

Terá sido o sr. António Champalimaud quem terá dado indicação ao Banco para mudar a morada dos depositantes, da casa de D. Albana, para os escritórios do sr. Carlos Champalimaud?

Como poderia, quer António Champalimaud fazê-lo, quer o Banco aceitar-lho?

E óbvio que não. E óbvio que foi o sr. Carlos Champalimaud quem o fez.

O sr. Carlos Champalimaud, tinha, portanto, e indiscutivelmente, perfeito conhecimento do que negou saber:

— do pagamento regular, constante e atempado a D. Maria Luísa e D. Albana, dos dividendos das acções de que elas eram possuidoras e proprietárias e que haviam pertencido a Henrique Sommer.

De resto, importante prova testemunhal abonou o conhecimento público deste facto.

Em apoio desta afirmação invocou ainda o sr. dr. Palma Carlos os depoimentos prestados sobre esta matéria pelos srs. dr. Fernando Cruz, José Pedro Sommer Ribeiro, Cruz Silva e Lima Bayard.

Seguidamente, o causídico pôs à consideração do Tribunal, em remate do que vinha afirmando, as interrogações que a seguir se transcrevem:

De quem eram, pois, as acções?

Quem se considerava como proprietário das mesmas?

António Champalimaud — que embora tendo as acções depositadas em seu nome, ou caucionando empréstimo obtido em seu nome (mas em proveito de vários), endossava pontualmente os dividendos de todas as acções a suas tias, e também

aos outros beneficiários do financiamento, e aceitava e reconhecia que era em nome delas que devia efectuar-se o registo das acções ao portador, incluindo as de D. Albana, não obstante não ignorar, como ninguém ignorava em 1956, que Carlos era o herdeiro presumível da mesma D. Albana?

Os herdeiros testamentários de Henrique Sommer, que haviam conhecido, aceitado e acatado, todas as disposições emanadas de Henrique Sommer, deixando ficar a D. Palmira as acções que Henrique Sommer tinha em conta conjunta com esta, abstendo-se de reclamar como sendo da herança as 1000 acções deixadas por um simples cartão a D. Alice Vila Franca, e que nunca se lembraram de negar a transmissão para suas tias das acções da Empresa de Cimentos de Leiria, referidas na carta de Henrique Sommer de 20-10-42, nem de pagar o imposto sucessório que seria devido se as acções lhes pertencessem?

Ou D. Maria Luísa e D. Albana?

D. Maria Luísa, que levanta as acções em seguida à morte de Henrique Sommer (com a legitimidade de credora solidária) do Banco Nacional Ultramarino, do Espírito Santo, de «Sommer», e que as reparte com sua irmã D. Albana; ou ambas, D. Maria Luísa e D. Albana, que cobraram directamente os respectivos dividendos nos 2 anos imediatamente à morte de Henrique Sommer, que são reconhecidas como proprietárias das acções pelas sociedades «Sommer» e Montez Champalimaud, Lda., em correspondência delas emanada, que durante todos os anos que se seguem são as únicas que recebem a totalidade dos dividendos, que em 1956 as registam em seus nomes?

O registo das acções ao portador, em 1956 — acções de D. Maria Luísa e de D. Albana — não significou exactamente que eram elas que possuíam a qualidade de proprietárias das mesmas?

O anterior registo, feito na Empresa de Cimentos de Leiria, por D. Maria Luísa, quase logo a seguir à morte de Henrique Sommer, das acções nominativas dele providas, e o seu posterior endosso, feito por ela, das mesmas acções, não significa que era ela a proprietária delas, partilhando a totalidade dos dividendos com sua irmã D. Albana, em todos os anos que se seguiram?

PORQUE NÃO CONCORRERAM D. MARIA LUÍSA E D. ALBANA A 9.ª EMISSÃO

Entretanto, outro acto importante, pertinente à sua qualidade de possuidoras e proprietárias das acções, praticaram as senhoras D. Maria Luísa e D. Albana.

Efectivamente, não cederam elas a António Champalimaud, os seus direitos de subscrição às acções da 9.ª emissão, correspondentes às acções providas de Henrique Sommer?

E não reconheceram todos os interessados, o direito de elas não concorrerem a essa 9.ª emissão, cedendo, como fez, também Fernando Sommer, no que respeitou às dele, tais direitos a António Champalimaud, o mesmo fazendo ainda Afonso Sommer, embora não gratuitamente?

Foram as próprias D. Maria Luísa e D. Albana que explicaram, aliás durante a instrução preparatória dos autos, as razões pelas quais lhes não interessou concorrer à referida 9.ª emissão, com as acções providas de Henrique Sommer, duplicadas por força da 8.ª emissão, — o que tudo lhes daria direito à subscrição de cerca de 21.000 acções, operação que aliás lhe exigiria o dispêndio

de cerca de 2100.000\$00 que não possuíam, e que lhes acarretaria necessariamente encargos, que se não coadunavam com o estilo de vida a que estavam habituadas.

Disse D. Albana: «Que nem à declarante nem a sua irmã interessava a subscrição da 9.ª emissão, quer porque os bens de que dispunham eram suficientes, quer porque não desejavam meter-se em quaisquer operações especulativas. Por isso não tiveram qualquer relutância em permitir que fosse o seu sobrinho António a utilizar-se dos direitos de subscrição daquela emissão. Toda a família, aliás, esteve de acordo com esse facto, pois a ninguém mais interessou a aludida subscrição.»

Disse, por sua vez, D. Maria Luísa:

«Que na altura em que se verificou essa 9.ª emissão toda a família considerava pacificamente as referidas acções como propriedade da declarante e da sua irmã. De dessa família e designadamente de seus sobrinhos foi o sobrinho António o único que então se mostrou interessado no aproveitamento das acções para a subscrição da 9.ª emissão. Que tal subscrição nem sequer interessava à declarante ou a sua irmã, pois lhes bastava os valores que seu irmão lhes deixara.

Por esse motivo da melhor vontade... cederam a seu sobrinho António Champalimaud, o direito à subscrição da 9.ª emissão.»

REGISTO DAS ACÇÕES AO PORTADOR

O dr. Palma Carlos passou de seguida a tratar em pormenor a questão do registo das acções ao portador da Empresa de Cimentos de Leiria pelas senhoras D. Maria Luísa e D. Albana em 1956, para efeitos fiscais.

A introduzir a questão, disse: No decurso dos factos que venho relatando, e bastante tempo ainda antes do levantamento das acções do Totta, aconteceu ter sido publicado o Decreto-Lei n.º 40.788 de 28/9/56, que viria a determinar, nesse ano, o registo de acções ao portador, que há pouco referi.

Explicaria aqui, a V. Exas., com a autoridade indiscutível dos seus conhecimentos fiscais, a testemunha José Cruz Silva, o significado e consequência da publicação desse decreto.

«Anteriormente a esse decreto, as acções ao portador pagavam um imposto complementar na fonte, à taxa de 12 por cento; esse decreto aumentou a taxa para 20 por cento, mas permitiu que as acções ao portador fossem registadas nas respectivas sociedades, não sendo necessário o depósito dos títulos. As acções assim registadas passavam a ser incluídas no imposto complementar a liquidar por meio da declaração individual de rendimentos. Quer dizer, em vez do imposto complementar ser pago por retenção na fonte à taxa de 20 por cento, seria liquidado por meio da declaração individual, ficando portanto sujeito à taxa que resultasse do montante individual dos rendimentos. Nessa altura, para o contribuinte individual ser atingido por uma taxa de imposto complementar de 20 por cento em consequência da declaração, era necessário que tivesse anualmente cerca de 1200 contos, e daí para cima as taxas aumentavam vertiginosamente. De 1200 contos para baixo, as taxas eram muito menores. Por isso, de modo igual as pessoas tinham vantagem em registar as acções ao portador pelo novo sistema, porque passavam a pagar uma taxa de imposto complementar inferior a 20 por cento, que seria aplicável se as não registassem.»

O registo das acções ao portador nas sociedades era feito mediante o preenchimento de uma

declaração modelo 17, accionada pelo accionista e na qual se mencionavam os números dos títulos a registar.

O prazo para o registo das acções terminava em 31-12-1956.

D. Maria Luísa e D. Albana foram informadas das vantagens que para elas adviriam da efectivação do registo das suas acções ao portador, sucedendo até que foi Carlos Champalimaud conforme declarou na acçãoção na Polícia Judiciária em 6-8-1959 quem solicitou a José Cruz Silva, e como este também referiu «que se incumbisse de tratar do registo das acções ao portador de sua tia Albana.»

Cruz Silva reafirmaria mais adiante:

«O sr. Carlos pediu ao depoente que se incumbisse de tratar do registo das acções ao portador de sua tia Albana da Empresa de Cimentos de Leiria.

O sr. Carlos Champalimaud quando lhe pediu então para que o depoente tratasse do aludido registo das acções ao portador da sua tia Albana, mais o informou de que se devia dirigir ao réu António para ele lhe fornecer os elementos necessários.

O depoente por isso dirigiu-se ao réu António e transmitiu-lhe o que o sr. Carlos Champalimaud lhe dissera e pediu quanto às acções ao portador da tia Albana.»

«O réu António, imediatamente, e na presença do depoente, telefonou para o sr. Sobral, chefe de escritório da Casa Sommer, e deu-lhe ordem para que elaborasse as listas das acções ao portador das tias Luísa e Albana, para o efeito de serem registadas em nome delas, mais lhe comunicando que o depoente se a vistaria com o sr. Sobral para o resto que fosse necessário.»

«A testemunha avistou-se efectivamente com o sr. Sobral, e foi este quem elaborou as listas das acções ao portador das duas tias, precisando nos termos da lei os números e quantidades das mesmas, o dossier relativo ao referido empréstimo bancário era o Sobral que o tinha. E por isso, embora as acções estivessem no banco, do dossier constavam todos os elementos necessários para a identificação delas.»

Carlos, de posse dos exemplares da declaração modelo 17, a ele entregues como vem de ser dito, por Sobral, — entregou-as ele próprio, Carlos, a Cruz Silva, já assinadas pela tia Albana em duplicado.

De posse da declaração, Cruz Silva foi à empresa de Cimentos de Leiria, secção de Títulos, e fez o registo, — aí deixando um exemplar com a assinatura reconhecida pelo notário, e trazendo o duplicado, que devolveu a Carlos Champalimaud.

Note-se que, foi também Cruz Silva quem tratou do registo das acções ao portador da sra. D. Maria Luísa, mas aí a pedido de António: E foi das mãos de António, que Cruz Silva recebeu as declarações modelo n.º 17, já preenchidas e assinadas, uma delas com a assinatura de D. Maria Luísa reconhecida pelo notário.

Cruz Silva procedeu ao registo na empresa e entregou depois o duplicado a António.

D. Maria Luísa e D. Albana procedem, assim, em 31 de Dezembro de 1956, ao registo das suas acções ao portador — tendo cada uma delas registado como suas, não só as acções que já possuía anteriormente à morte de Henrique Sommer, mas também ainda, metade, cada uma, das acções ao portador providas de Henrique Sommer.

Ora os títulos correspondentes às acções que pertenceram a Henrique Sommer e que foram então registados encontravam-se todos integrados no lote em caução no Banco Totta.

Mas o registo no tocante a D. Albana, é feito, com conhecimento e com directa intervenção de Carlos Champalimaud, tal como aliás ele próprio confirmou, na acçãoção que teve lugar em 6/8/1959, perante o então inspector Araújo e Sá — acçãoção entre ele, Henrique Champalimaud, Vasco Sousa Jardim, António Champalimaud, D. Maria Luísa e D. Albana e onde Carlos afirmou:

«que em meados do ano de 1956, se bem se recorda, manifestou-lhe sua tia Albana, como aliás era do conhecimento geral, a vontade de lhe deixar à data da morte, todos os seus haveres..

que mais ou menos na altura em que teve conhecimento da vontade de sua tia já falecida, Albana, veio a saber que fazia parte dos bens da sua cília, segundo convicção desta; metade das acções que pertenceram a seu tio Araújo de Sommer..» 2

E como, mais adiante, na mesma acçãoção, António Champalimaud tivesse afirmado que fora ele, Carlos Champalimaud «quem mandou fazer o registo das acções da sua tia Albana, para efeitos de imposto complementar e nas quais se encontravam integrados o número daquelas que haviam pertencido a Araújo Sommer —, Carlos Champalimaud confirmaria «que procedeu ao registo, por mãos dum empregado da casa Sommer como medida de segurança tendente a evitar a sua apropriação por António Champalimaud, o que foi feito com conhecimento e instruções de D. Albana.»

Este empregado da casa Sommer era exactamente José Cruz Silva que, nos termos já atrás transcritos, confirmaria em julgamento ter sido Carlos Champalimaud quem lhe pedira para se incumbisse para tratar do registo das acções ao portador de sua tia Albana, referindo-lhe até na altura que essas acções tinham sido emprestadas pela mesma sua tia Albana «ao réu António», para o efeito de se nco Totta.

Temos, pois, que não foi em nome dos herdeiros testamentários de Henrique Sommer, que não foi em nome dos sobrinhos de Henrique Sommer, que em Dezembro de 1956, foi feito o registo das acções ao portador que Henrique Sommer em sua vida possuía.

E isto com perfeito conhecimento dos assistentes isto com conhecimento e até intervenção do sr. Carlos Champalimaud!

E tanto tempo antes da eclosão dos conflitos!

Da efectivação do registo das acções ao portador, hque haviam sido de Henrique Sommer, em nome de suas irmãs D. Maria Luísa e D. Albana — isso numa altura a em que fora de qualquer dúvida, ainda não havia surgido quaisquer dissídios entre os irmãos — não é evidentemente significativo e comprovativo, de que não obstante os títulos em causa estarem em poder de António Champalimaud, depositados no Totta, este se considerava como mero detentor deles, havendo-os recebido por simples empréstimo de suas tias, mas sendo estas que mantinham sobre as acções a propriedade, sendo estas que eram delas proprietárias, — qualidade sem a qual lhes não seria possível efectivarem em 1956 o registo das acções?!

pois, E indiscutivelmente falso o constante dos artigos 40.º e 42.º da pronúncia.

Por outro lado, é extremamente significativo que as Senhoras D. Maria Luísa e D. Albana tenham registado títulos que à data do registo se encontravam no Banco Totta, o que prova também que consideravam que as suas acções se encontravam naquele Banco, por empréstimo a António Champalimaud.

COINCIDÊNCIA?

Mas um argumento mais há,

Continua na página seguinte

DL/GERAL

O processo da marijuana

AUDIÊNCIA AGITADA CONTINUA AMANHÃ

O caso das «viagens de fumo» teve ontem a sua segunda audiência a partir das 15 horas, no primeiro andar da Boa Hora. O julgamento ficara interrompido segunda-feira ao princípio da noite, quando depunham três dos principais implicados, em acareação determinada por um dos juizes assessores: efectivamente, houve importantes contradições entre as respostas dadas ao cerrado interrogatório do tribunal, e sobretudo entre elas e as que a Polícia Judiciária reduziu a auto, durante a instrução preparatória.

A primeira audiência foi fértil em surpresas, e em primeiro lugar para as dezenas de curiosos que acorreram a ver os «drogados» e os «artistas» e que acabaram por sofrer em comum com eles um princípio de esmagamento e asfixia colectiva, quando cerca de cem corpos pretendiam ao mesmo tempo franquear, por um exíguo corredor, a meia porta aberta da sala de audiências do 4.º Criminal. Terão verificado então — conforme se comentava nos insterfícios da multidão — que os réus, suas testemunhas e seus amigos são pessoas de aspecto e reacções em tudo normais...

Os réus tomaram lugar em dois bancos que ocupam toda a largura da sala: estavam presentes, entre presos e caucionados, trinta e três dos quarenta e dois acusados, já que cinco estão ausentes no estrangeiro, dois faltaram à chamada por estarem doentes e outros dois responderão em tribunal militar. Muitos dos 24 advogados constituídos tiveram de ficar de pé, no princípio da sessão, sentando-se depois em cadeiras trazidas dos serviços da Boa Hora. A assistência superlotou os bancos que lhe foram destinados e acabou por encher as coxias laterais. Não se observaram quaisquer alterações da Ordem: durante os interrogatórios, por vezes agitados, por vezes naquele tom (raro nos nossos tribunais...) do «drama judiciário», nem uma vez se verificou a intervenção disciplinadora dos juizes ou dos agentes de policiação do tribunal.

Os interrogatórios foram dirigidos pelo presidente, dr. Alves Cortês, destacando-se, pelo rigor e método, as perguntas da advogada dr.ª Elsa Abreu, e pelo ímpeto e precisão, as do juiz-assessor dr. Beça Pereira.

A «PLANTAÇÃO»

O primeiro dos réus, acusado de cultivo e venda de cannabis, negou que a sua actividade revestisse carácter lucrativo e afirmou que não tinha, inicialmente, conhecimento da ilicitude dos seus actos. Esta tese foi corroborada por sua mulher, que depôs em segundo lugar. O arguido, médico e assistente da Faculdade de Medicina, afirmou que a «marijuana» serviria para o seu consumo próprio, como mais uma tentativa para debelar insónias perturbantes, dada a natureza sonífera do seu princípio activo. Como prova da sua boa-fé, veio a declarar-se em tribunal que os arbustos, altos de dois metros, estavam à vista de quem passasse na rua adjacente à vivenda de Albarraque onde foram plantados, num canteiro de seis metros quadrados.

A questão fundamental da primeira audiência foi precisamente a de determinar se o intuito lucrativo, na venda das

onças de marijuana, se teria sobreposto à cedência graciosa, meramente remunerada e em condições que a sentença final esclarecerá.

Nenhum dos três inquiridos, que em maior ou menor escala contestaram a validade jurídica das declarações prestadas na Polícia Judiciária, descreveu os efeitos do «fumo» de marijuana nas reuniões em que confirmaram ter participado, e que eram actos de simples convívio entre amigos. Interrogada sobre o que sentiu sob a acção do LSD, a terceira ré declarou «não poder explicá-los» ao tribunal.

A SEGUNDA AUDIÊNCIA

Mais duas réas, ambas presas, de 32 e 22 anos, foram prolongadamente interrogadas durante a audiência de ontem. A sala continuava superlotada. O ambiente geral, menos pesado do que na segunda-feira, alterou-se sensivelmente quando os advogados de defesa começaram a pôr em causa a instrução preparatória do processo, na Polícia Judiciária. Os requerimentos e despachos sucessivos ocuparam mais de metade da audiência, que se iniciou às 15 e 30 e só veio a terminar pelas 20 horas. A última arguida a ser interrogada (a quinta na lista de quarenta) ocupou a tribuna durante mais de duas horas. A sessão foi interrompida quando os juizes verificaram o estado de xanxação em que se encontrava.

Foi aliás a partir da tensão e do cansaço dos interrogatórios, alguns de sete e oito horas, a que a arguida disse ter estado submetida, sob prisão, na instância policial, que os advogados de defesa — entre os quais se destacaram os drs. Lopes de Almeida e Xencora Camotim — decidiram prosseguir as indagações sobre a forma como se processou a instrução preparatória do processo.

A arguida, que nunca tinha sido presa, disse não poder agora subscrever declarações prestadas sob o efeito conjunto de «interrogatórios intermináveis, teria sido vítima, por parte do agente Machado, da PJ. Por que os autos incriminavam o seu constituinte, também preso, o dr. Lopes de Almeida requereu que o Ministério Público (dr. Antunes Granchão) «tomasse perante a ilicitude revelada na audiência as adequadas providências, nomeadamente solicitando certidão do presente requerimento e dando-lhe o devido destino», pedindo depois, em segundo requerimento, a comparência em juízo do agente Machado, cujas declarações trariam novos elementos à prova processual. O tribunal, seguindo o parecer do Ministério Público, indeferiu o pedido.

O dr. Xencora Camotim, como «advogado presente na sala», pretendeu depois levar o Ministério Público a tomar conhecimento e a proceder adequadamente quanto a um «crime público» de que a ré teria dado conta, nas suas declarações perante o tribunal: ao dizer que um dos seus amigos e co-arguido fora encontrado morto, o que era falso, a Polícia Judiciária pretenderia com «dolorosa per-

suasão» e «abuso da autoridade» (crimes puníveis) levar a ré a reconhecer e confessar as acusações que contra ambos insinuava, relativas à transmissão de marijuana e LSD. O Ministério Público considerou «ser inoportuno para já tomar qualquer atitude».

O dr. Lopes de Almeida apresentou recurso do indefinido da requisição do agente Machado. O recurso subirá à Relação quando e se houver reclamação da decisão final da causa na 1.ª instância.

O julgamento prossegue às 14 e 30 de amanhã. O andamento dos trabalhos deixa prever que só em Junho o tribunal poderá lavrar a sentença.

O caso da herança Sommer

Continuação da página anterior

que se pode extrair, do exame atento das declarações modelo 17, respeitante às acções ao portador registadas respectivamente por D. Maria Luíza e D. Albana — no sentido de que foram efectivamente pessoas diferentes que entregaram as declarações assinadas, e com as assinaturas já notarialmente reconhecidas num dos exemplares, a Cruz Silva:

Esse argumento é o das diferentes datas em que se procedeu ao reconhecimento das assinaturas de uma e de outra, das duas senhoras.

Na declaração de D. Albana a assinatura dela foi reconhecida em 28 de Dezembro, mas na declaração de D. Maria Luíza o reconhecimento foi feito em 29 de Dezembro.

Ora, se as declarações proviessem ambas da mesma mão, se Cruz Silva as tivesse recebido ambas da mão de António como disse Carlos, e não como aconteceu, uma da mão de António (a de D. Maria Luíza) outra da mão de Carlos (a de D. Albana) não seria muito mais natural e lógico que ambas as declarações houvessem sido mandadas reconhecer notarialmente, (ainda por cima no mesmo notário) na mesma altura, e na mesma data?

A verdade é a que Cruz Silva expôs: que foi Carlos quem providenciou pela assinatura de D. Albana na declaração, e que foi este que lhe entregou com a assinatura já reconhecida num dos exemplares — daí resultando que a data do reconhecimento não coincida com a data do re-

conhecimento da assinatura de D. Maria Luíza, de que António, absolutamente à margem da acção de Carlos, tratou.

Mas ainda há outra «coincidência» reveladora!

Tanto António Champalimaud como Carlos Champalimaud, fizeram igualmente nesse mês de Dezembro de 1956 o registo das suas acções ao portador.

Ora, o reconhecimento notarial da assinatura de Carlos foi feito no mesmo dia de D. Albana: 28 de Dezembro!

O reconhecimento notarial da assinatura de António foi feito no mesmo dia de D. Maria Luíza, e em data diferente do reconhecimento das assinaturas de D. Albana e Carlos: em 29 de Dezembro!

Mais uma vez Carlos Champalimaud mentiu!

A POLUIÇÃO DAS ÁGUAS: UM PERIGO PARA A SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE

Os perigos para a saúde pública e até para a própria sobrevivência da humanidade, resultantes da poluição das águas, foram analisados a noite passada, no decurso da II mesa-redonda efectuada na Sociedade Portuguesa de Naturologia e integrada no ciclo sobre problemas do ambiente, promovido por aquela instituição.

Orientou a reunião o dr. Jorge Branco, presidente da direcção da A. P. N., tendo a ela assistido numerosos associados, entre os quais o eng. João Barros e o sr. Araújo Ferreira, director da revista de defesa do consumidor «Conteste».

Iniciado o debate, e depois de se ter referido que o problema da fome «não é de produção, mas especialmente de distribuição», o eng. João Barros, ao intervir, salientou que a poluição das águas é um problema com tendência a generalizar-se e que tem mais graves incidências do que a poluição atmosférica. Disse depois que as formas de poluição mais frequentes são devidas à suspensão de substâncias na água e à libertação de gases ou putrefacção. Terminou por afirmar que dentro em breve poderá acontecer que se comece a pagar um adicional sobre o consumo da água, para o seu tratamento ou saneamento. E enquanto esse saneamento não se generalizar, o

melhor será tomarem-se vacinas.

Neste debate, em que intervieram várias pessoas presentes, foram focados os mais variados problemas relacionados com a poluição das águas, tendo-se concluído que a medida mais eficaz para combater o mal seria iniciar-se, a nível geral uma

consciencialização das pessoas para a questão, da qual depende em grande parte a sobrevivência humana.

No final, o dr. Jorge Branco fez referência à comemoração do Dia Nacional do Ambiente, organizada pela Comissão do Ambiente e pela Câmara Municipal de Lisboa, e na qual a

Sociedade Portuguesa de Naturologia colabora. Fará parte do programa, que ainda não foi revelado, o encerramento de uma parte de Lisboa ao trânsito.

A S. P. N. volta a reunir-se no dia 5 de Junho, a fim de prosseguir o debate dos problemas de ambiente, integrados no ciclo que ali decorre.

Desobedientes do 1.º de Maio

Continuação da Pág. 1

de indemnização à P. S. P.

António Horácio Ribeiro Leal Barbas, de 25 anos, solteiro, empregado de escritório nesta cidade, foi o segundo réu a ser julgado e era acusado de fazer parte de um grupo de indivíduos que se manifestava na via pública (rua das Carmelitas) e que apupava a força policial ali em serviço. Não só se recusava a sair do local, depois de intimado, como ainda agrediu um agente de autoridade com um guarda-chuva.

Em sua defesa alegou que não fazia parte de qualquer grupo e que transitava naquela artéria para ir apanhar um «eléctrico». Admitiu que tivesse agredido o agente com o referido objecto, mas só o fizera depois de ter levado algumas cassetadas. Afirmou, ainda, que não ouvira qualquer ordem de dispersão.

Ao ler a sentença, aquele magistrado deu como provada a desobediência e a agressão, pelo que o réu foi condenado em 45 dias de prisão, substituídos por multa à razão de 30\$00 diários, em 200\$00 de imposto de justiça, em 100\$00 de procuradorias, em 100\$00 de honorários ao defensor oficioso, e em 200\$00 de indemnização ao agente de autoridade ofendido.

O último réu a ser ouvido foi o operário António Fernando Ferreira Soares, de 20 anos, solteiro, de Vila Nova de Gaia, que era acusado de igualmente fazer parte de um grupo de pessoas que se encontrava na rua do Almada e que foi intimado a dispersar. O réu não só desobedeceu, como ainda se recusou a acompanhar o agente de autoridade à esquadra, pelo que foi necessário usar da força, da qual motivou

a queda de António Fernando, que ficou ferido no nariz e por isso teve de receber tratamento no Hospital de Santo António, onde os agentes de autoridade verificaram que já era «cliente» assíduo, por ser muitas vezes acometido de crises nervosas — segundo o que os agentes de autoridade afirmaram em julgamento.

O réu confirmou a participação, bem como o facto de ser acometido muitas vezes de violentas crises de nervos. Foi condenado em 15 dias de prisão, substituídos por multa à razão de 20\$00 diários, em 110\$00 de imposto de justiça, em 100\$00 de procuradorias, e em 100\$00 de honorários ao defensor oficioso.

Atendendo ao bom comportamento do réu e à sua pouca idade, aquele magistrado suspendeu-lhe a pena pelo espaço de dois anos.



M/21 ANOS

1.ª classe — c/ utilidade turística

Rua Pinheiro Chagas, 1-D — Lisboa — Telefone 51 501

Direcção de RUY CASTELAR

O êxito continua no PORÃO DA NAU com espectaculares enchenes

Só até à próxima SEXTA-FEIRA

HOJE A extraordinária cantora inglesa

HAZEL SCOTT

(directamente do Hilton Hotel do Brasil)

Música para dançar, com o maior organista do Brasil

IZIO GROSS

(da TV-TUPI do Rio de Janeiro)

Ainda o espectacular conjunto:

«OS JETTERS»

e ALTA FIDELIDADE «GRUNDIG»

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Júlio L.S. Alipio VILA VERDE — SINTRA

DI/GERAL

E P U L Empresa Pública de Urbanização de Lisboa

Concurso público para arrematação da empreitada n.º 4/73 de terraplenagens, arruamentos, esgotos e muros de suporte na Encosta do Restelo.

Encontra-se aberto o concurso acima designado.

1. Consulta do Programa de Concurso e Caderno de Encargos e fornecimento dos elementos do mesmo:

Serviços Técnicos da Empresa, Alameda das Linhas de Torres, 198-200, Lisboa

Dias úteis: 9h30 — 12h30; 14h30 — 18h00
Sábados : 9h30 — 13h00

2. Entrega de propostas:

Sede da Empresa, Rua Braamcamp, 52-3.º, Lisboa até às 18h00 do dia 21 de Maio de 1973

3. Abertura de Propostas:

Sede da Empresa, Rua Braamcamp, 52-3.º, Lisboa pelas 16h00 do dia 22 de Maio de 1973

O depósito provisório, a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, ou nas suas filiais, agências ou delegações, mediante gula passada pelo próprio concorrente, é de Esc.: 250.000\$00 e o definitivo de 5 % sobre o valor da adjudicação.

Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, 1 de Maio de 1973. — O Presidente do Conselho de Administração, *Dinis Ribeiro Soares da Costa*.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Admissão de Pessoal

Conforme aviso publicado no «Diário do Governo», 2.ª série, de 20 de Abril de 1973, está aberto concurso para terceiros-oficiais desta Direcção-Geral entre indivíduos dos dois sexos, de idade não inferior a 20 anos nem superior a 35 anos, que possuam pelo menos o 2.º ciclo liceal ou habilitação equivalente.

Os interessados deverão apresentar o seu requerimento, que poderá ser feito em impresso próprio a fornecer pela Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, o qual será acompanhado do certificado de habilitações.

Para mais informações dirigir-se à citada Repartição, na Rua da Alfândega.

SENSACIONAL...

Enceradora	1000\$00
Secadores Cabelo	140\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Panelas Pressão	290\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

"Conteste": novo número

Saíu o n.º 2 de «Conteste», uma revista mensal que pretende, nomeadamente, «promover a função do consumidor ao

mesmo nível de todas as outras funções económicas». Profusamente ilustrada, «Conteste» visa, segundo as intenções que

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO AÇÚCAR E DO ALCOOL

Decretos-Leis n.º 47 338 e 425/72

RUA CASTILHO, 14-5.º — LISBOA

CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE 16 000 TONELADAS DE «RAMAS» DE AÇÚCAR

Está aberto concurso para o fornecimento de 16 000 toneladas de «ramas» de açúcar.

As respectivas condições estão patentes, durante as horas de expediente na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool.

As propostas deverão ser entregues até às 15 horas do dia 15 de Maio corrente, em carta fechada e lacrada, com os seguintes dizeres exteriores:

«Concurso para fornecimento de 16 000 toneladas de «ramas» de açúcar».

A abertura das propostas será feita na presença dos concorrentes, na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool, pelas 15 h. e 30 m. do mesmo dia.

Lisboa, 1 de Maio de 1973

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO AÇÚCAR E DO ALCOOL
O ADMINISTRADOR-GERAL
António Emílio de Tovar Faro
(Engenheiro-Agrónomo)



MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Tavira e S. Braz de Alportel em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o proc.º 8/49913, para o estabelecimento nas freguesias de Santa Catarina da Fonte do Bispo (Tavira); S. Braz de Alportel, concelhos de Tavira e S. Braz de Alportel, de uma linha aérea a 30 kV, com 2660 m do poste n.º 85 da linha Loulé-Tavira ao posto de transformação na Pedreira do Peral no lugar do mesmo nome.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

Nacionalizações

Foi concedida a nacionalidade portuguesa, por naturalização, aos cidadãos chineses Ho Sik, residente em Lourenço Marques, que passa a chamar-se Samuel Ho, e Shou Pack, morador me Mambone, Govuro (Moçambique), que passa a usar o nome de António Sou Pack.

Guarda Nacional Republicana

COMANDO-GERAL

1.ª Repartição

A N Ú N C I O

CONCURSO PARA ALISTAMENTO DE PRAÇAS DAS FORÇAS ARMADAS DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Está aberto concurso para alistamento de praças das Forças Armadas na Guarda Nacional Republicana, cuja Escola de Alistados terá lugar no dia 16 de Julho de 1973.

Os requerimentos e a documentação respectiva, cujas normas se encontram patentes na 1.ª Repartição do Comando-Geral da GNR em Lisboa, nos Quartéis Gerais das Regiões Militares e Comandos Territoriais e ainda nas sedes das Unidades, Subunidades, Secções e Postos da Corporação, em todo o País, poderão ser entregues a partir desta data até ao dia 10 de Junho de 1973.

Comando-Geral no Carmo — Lisboa, 30 de Abril de 1973.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR

Ángelo Ferrari
Coronel do CEM

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Casa Palma Bica», Praça do Brasil SETÚBAL

REGINA EXTRA REX REGINA

correntes normais,
transportadoras,
de passo longo,
de contrabalançar,
carretos, etc.

REGINA
EXTRA

REX
REGINA



auto lusitânia,lda. Av da Liberdade, 75-79, Lisboa-2

DL/NACIONAL

As caixas devem divulgar o direito a Assistência dos beneficiários no Estrangeiro

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência determinou que as Caixas de Previdência devem promover a divulgação entre todos os seus beneficiários das necessárias informações sobre as deslocações temporárias a países com os quais Portugal tenha assinado convenção sobre segurança social, para que os beneficiários tenham conhecimento dos direitos que lhes assistem e se munam sempre da necessária credencial antes de abandonarem o País.

O despacho do dr. Silva Pinto refere ainda que quando os interessados apresentarem facturas passadas por médicos ou instituições particulares dos países acima referidos, as caixas gestoras de acção médico-social reembolsarão das importâncias que liquidariam aos organismos estrangeiros pela assistência prestada ao abrigo das convenções.

Segundo o preâmbulo do despacho, «de um modo geral, as convenções internacionais sobre segurança social de que Portugal é parte contratante estabelecem que têm direito às prestações de acção médico-so-

cial, através dos organismos oficiais estrangeiros, os beneficiários da Previdência e seus familiares que se desloquem temporariamente aos outros países contratantes, bem como os que se encontrem temporariamente no país de origem, se forem imigrantes em Portugal.

«Dada a divergência de sistemas estabelecidos pelas diferentes convenções e

tendo em consideração o desconhecimento muito frequentemente existente entre os beneficiários quanto aos direitos que lhes assistem, torna-se necessário não só promover uma campanha de esclarecimento intensivo dos mesmos, como ainda estabelecer um regime de tolerância quanto ao reembolso das despesas efectuadas».

Vila Franca de Xira

...Realiza-se no próximo domingo, dia 6 de Maio, a tradicional Feira Anual de Gado, em que se farão representar as actividades Pecuária, Agrícola, Industrial e Empresarial do concelho. Para o efeito, a Câmara Municipal a que preside o ten.-cor. Febo Vargas de Matos, fez instalar no vasto Campo do Cevadeiro, onde decorrerá o certame, curraletas especiais onde os lavradores poderão expor os seus exemplares. Para valorizar o aspecto de presenças, serão atribuídas taças às Amazonas e Cavaleiros, juniores, seniores e infantis e ainda às equipagens que se distingam pela sua me-

lhor apresentação.

Esta feira, que muitos forasteiros atraindo a Vila Franca de Xira, tem como finalidade fomentar o interesse pelo desenvolvimento pecuário e agrícola desta fértil região ribatejana.

Integrado no programa da feira, realiza-se pelas 5 e meia da tarde na Praça de Toiros Palha Branco, uma corrida de toiros, concurso de ganadarias do Ribatejo, com os cavaleiros José Mestre Baptista, José Maldonado Cortes e Luís Miguel da Veiga, forçados do Montijo, Vila Franca e Alcochete, que em competição disputam um forçado de prata (troféu Fortunato Simões).

CONGRESSO DA UPEFE

Termina depois de amanhã o 14.º Congresso da Imprensa Económica e Financeira Europeia (UPEFE), organizado pelo «Jornal Português de Economia e Finanças» e que decorre no nosso país desde o dia 30 do mês passado. Em continuação da mesa redonda efec-

tuada em Varese, com a participação dos maiores técnicos europeus foram debatidas duas teses sobre a inflação, uma apresentada por L. Boccarda, administrador do Banco Nacional de Paris, outra pelo dr. Valdez dos Santos, director do jornal organizador.

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

AGÊNCIA VIAGENS CLASSE A

Pretende empregada / o Balcão, conhecimentos ticketing e reservas. Outras inf. e ord. pretendido. Resposta a este jornal ao n.º 787.

FEIRA INTERNACIONAL DE MOEDAS TOMAR

(Por ocasião da Peregrinação a Fátima)

12 e 13 de Maio de 1973 das 10 às 20 horas a realizar no imponente Pavilhão dos Desportos (junto ao Estádio Municipal)

Informações pelos telefones 32676 e 32827

Colaboração do Banco Pinto de Magalhães

ESTA SEMANA Nº 6
DA BIBLIOTECA UNIVERSAL UNIBOLSO

A queda dum anjo

de CAMILO CASTELO BRANCO

um livro apaixonante

TEXTO RIGOROSAMENTE INTEGRAL ALTA QUALIDADE GRAFICA 20.

Leia UNIBOLSO o grande livro de bolso

SAI ÀS 4.ª FEIRAS
UMA DISTRIBUIÇÃO REGIMPRENSA

INII INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO INDUSTRIAL

INFORMAÇÃO TÉCNICA / SERVIÇOS PRESTADOS

- Serviço de pergunta-resposta
- Difusão selectiva de resumos
- Difusão selectiva de patentes
- Difusão de índices de revistas técnicas recentes
- Reprodução de artigos
- Bibliografias comentadas
- Índices bibliográficos, clássicos e por computador
- Reportórios
- Monografias
- Boletins sinaléticos e analíticos
- Formação de especialistas e de utilizadores: cursos e estágios orientados
- Assistência técnica para organização de serviços de informação
- Jornadas, simpósios e conferências
- Missões
- Edição e difusão de trabalhos do INII

Informação técnica em geral

Divisão de Informação Técnica
Rua Garcia de Orta, 68 - Lisboa-2

Tel. 67 27 13 / 67 32 38 / 9

Informações específicas sobre

Química, Biologia e Ind. Alimentares
Metalurgia
Electroquímica e Corrosão e Protecção de Materiais
Madeira
"Management" e Ciências Sociais
Economia
Design

Tel. 38 43 01

Tel. 73 10 63 / 4

Tel. 67 66 49 / 67 40 05

Tel. 72 21 31

Tel. 67 20 96

Tel. 66 82 54

Tel. 69 13 40 / 67 47 28



Vista parcial do conjunto urbanístico da Reboleira-Sul - Amadora

J.P. IMENTA



Apartamentos Mobilados para Habitação ou Rendimento

Utilize os nossos apartamentos turísticos de CASCAIS e PAÇO DE ARCOS para umas férias inesquecíveis e económicas

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

LISBOA:
Pr. Marquês de Pombal, 15 - Telef. 45843-563083

AMADORA:
Av. Santos Matos, 10 - Telef. 931953-935115

QUELUZ:
Rua D. Maria I, 30 - Telefones 952021-952022

End. Teleg. SECUL

Edifício-Sede - Queluz,
Av. António Enes, 25 - Telef. 952021-2/3/4/5

Escritório em Lisboa:
Pr. Marquês de Pombal, 15, 1.º - Telef. 45843-47843

Escritório no Porto:
Rua Campo Alegre, 17, 3.º - Telef. 693271-78 58

Escritório na Praia da Rocha:
Sítio dos Três Castelos - Telefone 24332

AGENTES EM TODO O PAÍS

DL/DESPORTOS

BADMINTON

Portugueses num torneio europeu

Nove portugueses preparam-se para concorrer ao Torneio das Cinco Nações, de Badminton. Partindo do princípio, geralmente certo e apenas particularmente errado, de que o leitor anda a leste do movimento da modalidade, pedimos ao prof. Francisco Lemos que nos falasse a tal respeito, ao que ele prontamente aceitou.

E disse-nos, por exemplo, o seguinte:

— O Torneio das Cinco Nações efectua-se pela segunda vez. Participam nesta prova Portugal, Checoslováquia, vencedora da primeira edição, França, Bélgica e Suíça.

— Em que lugar ficámos da outra vez?

— No último. O nosso melhor resultado foi feito contra a França — derrotar por 5-2. Temos a esperança de conseguir melhor este ano.

— Como é constituída a representação nacional?

— Por seis concorrentes masculinos e três senhoras. A saber: Isabel Rocha do Benfica, campeã nacional; Helena Sousa, do Dramático de Cascais, e Margarida Cruz, do Badminton Clube de Portugal, que conta apenas 15 anos. As duas últimas são estreantes. Quanto a homens, temos: José Bento, do Benfica, campeão nacional; Pinto Alves, também do Benfica; Luis Quinaz, do Cascais; prof. Francisco Lemos, do Clif; Monge Dias, do



Graça Cruz, Isabel Pinto, Lurdes Ganho e Helena Sousa, venceram as recentes provas de Badminton, em singulares-senhoras. A última vai integrar-se na selecção portuguesa para o Torneio das Cinco Nações.

Benfica; e Jorge Cruz, do Badminton Clube de Portugal. Monge Dias e Jorge Cruz são internacionais pela primeira vez.

— Gostaríamos de saber as suas profissões...

— Isabel Rocha — professora de Educação Física; Helena Sousa — secretária; Margarida Cruz — estudante liceal. José Bento — empregado de

seguros; Pinto Alves — Companhia Shell; Luis Quinaz — estudante liceal; Monge Dias — professor de Educação Física; Jorge Cruz — estudante de Económicas, e Francisco Lemos — professor de Educação Física. É uma formação mesclada de veteranos e gente jovem.

— Onde se realiza o torneio e quando?

— Em Bruxelas, a 5 e 6 de Maio. O ano passado teve lugar em Lausana. Em 1974 será em Lisboa. Depois em Praga. E, por fim, em França. Para o ano comemoraremos assim o 20.º aniversário da Federação Portuguesa.

— Quem foi da ideia desta competição?

— Havia apenas uma prova internacional — a Thomas Cup, que era como a Taça Davis do Badminton. Verificava-se uma grande desigualdade de forças e, por isso, os países mais fracos neste desporto fundaram a Helvetia Cup, que tomou também notável projecção e levou, por sua vez, à organização do torneio em que nós participamos.

A terminar, o professor Francisco Lemos esclareceu-nos sobre outra importante prova que se aproxima:

— A 18, 19, 20 e 21 de Maio disputam-se no Pavilhão dos Desportos os Campeonatos Individuais Internacionais. Além dos jogadores portugueses de 1.ª categoria, teremos entre nós alguns dos melhores praticantes do Mundo: dois dinamarqueses, quatro ingleses, uma sueca, três inglesas, dois finlandeses, três noruegueses e três suíços. A Televisão transmitirá as finais.

Boa propaganda para a modalidade, que bem precisa disso...

FRANCISCO CAMILO

MOTONÁUTICA

Começa no domingo o torneio das barragens

Com a prova da Barragem de Montargil, inicia-se, no próximo dia 6, em Montargil, no distrito de Portalegre, o IV Torneio Nacional das Barragens.

Trata-se, como é já do conhecimento geral, de uma iniciativa da Secretaria de Estado da Informação e Turismo que assim tem vindo a incrementar o turismo e o desenvolvimento locais em zonas até então apenas confinadas às próprias barragens.

De resto, o espírito destes torneios é justamente o de alargar a um vasto núcleo de interessados a possibilidade de se integrarem na prática da motonáutica.

Tendo em conta esse pormenor, a actual direcção da Federação Portuguesa de Motonáutica, elaborou um regulamento que torna aquela prática acessível a todo e qualquer possuidor de embarcações de turismo de série, pondo ainda como limite de idade os 15 anos.

A classe SE (consagrados) reúne, este ano, o maior número de participantes. Assim, a equipa da Torralta (Fernando Azevedo Moreira e Américo Santos) e a da Autodril (António Feu, António Sousa Pinto e José Pinto Castelo Branco) apresentam-se em plena forma estando estes últimos equipados com barcos e motores, expressamente adquiridos em Itália. Nesta mesma classe destacam-se, ainda, outros valores, nomeadamente Fernando Cor-

reira e Fernando Nunes dos Santos, também equipados com novos conjuntos italianos. Por sua vez Luís Nobre da Veiga tripulará um barco de fabrico nacional (Navaltec).

Nas altas cilindradas e na classe ON regista-se a presença de Manuel Alves Barbosa, Carlos Mendes e Mário Gonzaga Ribeiro.

Na classe OI assinala-se a presença de Manuel Cotta Dias que ascende a um lugar de maior responsabilidade, assim como Manuel Martinho equipados com um barco accionado por um motor de grande potência. Estes alguns dos muitos pilotos de reconhecido mérito que o público vai ter o ensejo de ver em plena competição nesta primeira prova a contar para o Torneio Nacional das Barragens.

Os treinos oficiais para a prova da Barragem de Montargil efectuar-se-ão das 13.00 às 14.00 horas sendo o seguinte o horário das provas:

15.00 h — 1.ª mão das categorias TURISMO e classe SD; 15.40 h — 1.ª mão da classe SE; 16.20 h — 1.ª mão da classe OI e ON; 17.00 h — 2.ª mão das categorias TURISMO e classe SD; 17.40 h — 2.ª mão da classe SE; 18.20 h — 2.ª mão da classe OI e ON;

O percurso, triangular, com uma extensão de cerca de uma milha prevê o tipo de largada convencional com relógio.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 35 DE 6 DE MAIO DE 1973

Bondiazinho, 121 221 111 22x1; Brado Africano Desporto, 1x1 x11 112 xx1x; Brado Africano Ronga, 121 xx1 1xx 2x1x; Cidade 73, 111 211 x11 x21x; Domingo Alegre, 111 221 x11 1211; Passatempo, 121 221 11x 1211; Revista Desportiva, 121 212 1xx x21x; Roteiro Sonoro, 121 x11 x1x 22x1; 20 Ponto D, 12x x11 11x 2211; Terceiro Programa, 121 2x1 111 1211; Beira Baixa, 121 221 121 x122; Cavallada do Ritmo, 111 212 1xx 1xx2; Comércio de Portimão, 1x1 211 112 xx11; Correio de Coimbra, 121 211 122 111x; Correio do Vouga, 121 211 1x1 1112; Diário do Minho, 121 21x 11x 1xxx; O Distrito de Setúbal, 121 2x1 1x1 121x; Eco de Estremoz, 1x1 x11 12x x21x; Ecos do Desporto, 121 2x1 1xx 1x1x; Estrela da Manhã, 121 211 x1x 1112; Eu Sei Tudo, 121 2xx 1xx x11x; Folha do Domingo, 121 1x1 11x 1x1x; Imagens Piedenses, 1x1 xx1 121 2xx1; O Jornal de Felgueiras, 1x1 211 122 xx1x; O Jornal da Lixa, 121 2x1

11x 211x; Jornal de Santo Tirso, xx1 2xx 111 1x11; Jornal de Sintra, 121 xx1 x21 1x1x; Jornal do Sul, 121 xx1 1x2 2xx2; Jornal de Viseu, 121 xx1 112 x12x; Açores, 121 2xx xxx x21x; Brados do Alentejo, 121 1x1 212 1121; Colina Sagrada, 121 2x1 1xx 211x; O Comércio de Leixões, 121 211 1x2 111x; O Comércio do Porto, 121 2x1 121 121x; Correio do Minho, 121 2x1 1x1 221x; Às 10 espere por nós, 1x1 21x xxx xx11; Diário de Coimbra, 121 211 111 1x1x; Ecos de Cacia, 121 211 112 xx12; Dos fracos não reza a história, x11 x21 x11 22xx; A Ilha, 121 xx1 12x 1x1x; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; Jornal de Notícias, 121 2xx 1xx xx12; Manchete Desportiva, 121 2x1 11x 1211; Maria da Fonte, 121 2x1 112 1x12; Notícias do Douro, 121 211 xx2 1xx1; Notícias de Felgueiras, 121 21x 1xx xx1x; Notícias de Guimarães, 121 2xx 12x 11x2; Peça que não maça, 121 2xx xx1 xx1x; Penalti, 1x1 211 1x1 1212; Povo Algarvio, 121 1x1

122 121x; O Primeiro de Janeiro, 121 2x1 xx1 x11x; Programa Sem Nome, 121 21x 112 x111; Quadrante Desportivo, 121 221 112 2212; Quadrante Norte, xx1 1x1 11x x121; A Rabeca, 121 211 11x 1x12; Rádio Altitude, 121 211 12x xx1x; Reconquista, 121 211 12x 1212; Renovação, 121 2x1 x2x x212; Repórter do Dia-Angola, 121 2x1 x11 x212; Rádio Desporto, 111 12x 111 x112; Notícias do Totobola, 112 12x 2x1 2x11; A Nossa Chave, 121 2x1 12x 121x; Apostolado, 1x1 22x 12x 1x1x; Último Palpite, 1x1 1x1 122 x212; Auto Rádio, 111 111 111 1111; Estúdio 64, 121 211 1x2 1x12; Placard Desportivo, 121 x11 12x 22xx; Rádio Placard, 121 xx1 1xx 2x2x; Rádio Sports, 111 11x 11x 221x; Placard Desportivo Açores, 121 2x1 1x1 x1x2; Clube do Ar, 1x1 211 11x 111x; Diário do Porto, 121 211 121 211x; Ritmo e Amizade, 12x 211 1x1 x111; Diário de Lisboa, 1x1 22x xx2 1x1x; Epoca, 121 221 x11 xx2x; Notícias de Évora, 121 2x1 xx1 2x11; República, 121

211 121 xx12; Resenha Desportiva, 121 2x1 xx2 1x1x; Revista de Som, 121 211 x11 x211; O Sorriso da hora do almoço, 1xx

2x2 1xx x2xx; O Templário, 221 211 121 1112; Terra Alta, 121 211 111 2x12; Voz da Casa Pia, 121 2x1 11x xx11; A Voz do

Domingo, 121 21x 111 1xxx; Voz de Lamego, 1x1 211 1x2 1112; A Voz dos Ridículos, 121 2x1 122 1111; Litoral, 121 2x1 121 1x1x

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1 - CUF-UNIAO DE TOMAR	84	3	1	10	1	1	
2 - BARREIRENSE-SETUBAL	9	15	64	1	2	9	
3 - SPORTING-LEIXOES	84	3	1	10	1	1	
4 - FARENSE-PORTO	10	14	64	1	2	9	
5 - ESPINHO-BRAGA	37	38	13	5	5	2	
6 - VARZIM-FAFE	70	15	3	9	2	1	
7 - SALGUEIROS-PENAFIEL	66	18	4	9	2	1	
8 - TIRSENSE-GIL VICENTE	37	29	22	5	4	3	
9 - CALDAS-PORTIMONENSE	34	34	20	5	5	2	
10 - UNIAO DE LEIRIA-OLHANENSE	39	31	18	6	4	2	
11 - SINTRENSE-ORIENTAL	25	35	28	3	5	4	
12 - SACAVENENSE-TORRES NOVAS	69	13	6	9	2	1	
13 - TRAMAGAL-MARINHENSE	23	41	24	2	6	3	

a) Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

121 2X1 111ouX 1X1X

FUTEBOL

A equipa portuguesa de futebol baqueou frente à selecção da Bulgária (por 2-1) em jogo efectuado na capital búlgara e que contava para a classificação do Mundial de 1974. Ao intervalo a Bulgária já ganhava por 1-0.

A Bulgária marcou aos 38 e aos 60 minutos, por Denev e Bonev; e Portugal aos 74, por Nenê. Assistiram 80 000 pessoas. Com a derrota de Sofia, Portugal comprometeu a sua presença nas finais de Munique em 1974.

As selecções foram constituídas da seguinte maneira:

Bulgária: Yordano; Zafirov, Ivkov, Aladjov e Penev; Kolev, Vasilov (Dermendjiev) e Bonev; Michailov (Jekov) Stoyanov e Denev.

Portugal: José Henrique; Artur, Humberto, José Mendes e Adolfo; Toni, Quaresma (Nenê) e Simões; Artur Jorge, Fusébio e Jacinto João (Pavão).

Encontro disputado sob um tempo quente e em que a Bulgária impôs o ritmo desde o início, remetendo os portugueses a afluente defesa.

Aos 10 minutos, Bonev atirou um «petardo» que falhou a baliza lusa por três metros e no 22.º minuto o remate desferido

A Bulgária trouxe o desânimo

**SELECÇÃO A: 1-2, EM SOFIA
ESPERANÇAS: 0-0, NAS ANTAS**

por Stoyanov embateu contra o poste. Denev inaugurou o marcador aos 38 minutos, na transformação de um passe de Bonev.

A Bulgária manteve a cadência do jogo após o intervalo, mas o guarda-linha português José Henrique desfez os seus intentos, ao fazer várias intervenções excelentes. Mas no 60.º minuto, Bonev aumentou para 2-0 a vantagem da equipa búlgara, ao desviar o ressalto do remate de Michailov contra o poste.

Portugal reduziu a diferença aos 73 minutos, por intermédio de Nenê, quando interceptou um passe de uma defesa búlgara por a seu guarda-linha.

**LARANJEIRA:
A ÚNICA «ESPERANÇA»**

Verdadeiramente decepcionante (também) o encontro de

ontem, disputado no Estádio das Antas, entre as selecções de «esperanças» de Portugal e da Bulgária, a contar para o Campeonato da Europa. E dizemos decepcionante porque aos portugueses, faltou capacidade para levar de vencida uma turma ingenua, de pouco valor técnico quer de conjunto quer individual.

Mas, tão mal actuaram os portugueses que os visitantes, ao aperceberem-se disso, tomaram certas liberdades e, de quando em vez (especialmente na primeira parte) chegaram a causar sérios embaraços para o quarteto defensivo da equipa das «quinas».

Os búlgaros deram a sensação de que entraram no terreno dispostos a não perderem por muitos, e daí o terem-se remetido a uma defesa cerrada, mas fácil de ultrapassar. Mas nem disso se aperceberam os portu-

gueses, que continuaram a querer fazer «bonitinhos» e a perder oportunidades de fazerem funcionar o marcador (que as tiveram e até de jogadores isolados, que atiravam a bola para fora) com admiração do guarda-linha contrário. Perante isto, não podemos de forma alguma dizer que a selecção portuguesa actuou a contento. Teve, em certos momentos, bons apontamentos, mas que não chegaram para levar de vencida a fácil turma da Bulgária. O resultado acaba por estar certo, uma vez que os búlgaros trabalharam o suficiente para não saírem derrotados do terreno.

A arbitragem esteve impecável, num jogo muito correcto e de entre os portugueses salvou-se a actuação de Laranjeira, a única verdadeira «esperança».

Arbitros: Franco Martinez (Espanha). Equipas:

Portugal: Conhé; Esmoriz, Laranjeira, Baros e Pietra (Rodolfo); Vitor Martins, Matine e Chico; Jordão, Vala e Manuel Fernandes (Vitor Manuel).

Bulgária: Staikov; Vassilav, Todorov, Eugeniev e Stoskov; Yele, Voinov (Pritougov) e Alexandrov (Zheljakov); Dimitrov, Jankov e Sokolov.

FUTEBOL DE ONTEM PARA HOJE

Noutros jogos de futebol realizados ontem na Europa verificaram-se os seguintes resultados: Dinamarca, 1-Checoslováquia, 1 (eliminatória do Campeonato do Mundo, grupo 6); Suécia, 0-Checoslováquia, 3 (Campeonato Europeu de «Esperanças», eliminatórias preliminares); Holanda, 3-Espanha, 2 (jogo particular); Vassas, 4-Honved, 3 (Final da Taça da Hungria e que deu o triunfo na prova ao Vassas).

A.D.O.: Um exemplo a seguir

Com um agradecimento especial do «DL», («pela promoção feita às suas realizações»), publicou a Associação Desportiva de Oeiras o relatório e contas da sua direcção, referentes ao exercício de 1971/72, e que irá ser apreciado (e certamente aprovado) pela Assembleia Geral, marcada para o próximo dia 11 do corrente.

Nesse documento se refere a actividade do clube na época em questão, merecendo destaque especial a modalidade de hóquei em patins, sem dúvida aquela que maior projecção deu ao popular e simpático clube da linha do Estoril. Outro assunto tratado com relevo, relaciona-se com o pavilhão a construir, relatando-se todos os contactos já havidos com a Câmara Municipal de Oeiras. Pela pena do vice-presidente, é analisada a acção e a actividade desenvolvidas em todas as secções do clube, constituindo por isso, o relatório, um precioso documento para a vida do clube. Também o tesoureiro Joaquim Cotas desenvolve e comenta a situação económico-financeira, dando a notícia de que o clube nada deve hoje em dia, apesar de ter sido adquirida uma carrinha para o transporte dos atletas e de todas as secções terem sido devolvidas e eficientemente apetrechadas com o material indispensável.

Um exemplo que todos os clubes deveriam seguir.

"VUELTA"

Depois das duas etapas de ontem da «Vuelta», Joaquim Agostinho continua a ser o primeiro português, pois entrou sempre com o pelotão e está agora em 15.º lugar da classificação geral. Por seu lado, Fernando Mendes teve uma queda vertical: encontra-se em 69.º posto, apenas com sete ciclistas atrás de si, três dos quais (José Pereira, João Pinhal e Orlando Alexandre) são seus companheiros no misto Benfica-Coelima.

Aliás, o dia foi aziago para esse misto: Venceslau Fernandes (agora em 33.º), José Martins (37.º), Galdamez (44.º), Fernando Ferreira (50.º), Fandos (61.º) e Castellon (64.º) e Alexandre (último) continuam em prova, numa magnífica afirmação de brio mas, a avaliar

AGOSTINHO RESISTE

pelas suas próprias declarações, apenas para verem até onde podem chegar

As etapas de ontem foram ganhas por Karsten e Swerts, Agostinho (20.º e 17.º, respectivamente nas duas tiradas) agiu com prudência e aguarda o momento de lançar um golpe que o possa catapultar para junto das «feras», onde tem legítimo assento.

Desistiram Berckman e Santy, tendo chegado fora de controlo (mas sendo «refrescados») Boever e o português Orlando Alexandre. Há a salientar o profissionalismo de Galdamez, que corre com uma mão ainda mal refeita de fractura e, mesmo assim, é o primeiro no «combinado».

O espanhol Pesarradona man-

tém a «camisola amarela», seguido por Mereckx, Perurena, Karsten, Schoenmaeker, Ocan, Swerts, Liñares, Thevenet e Torrez, estando Agostinho a dois minutos e 27 segundos do «leader».

O «campioníssimo» português encontra-se em 5.º lugar na «montanha», a 6 pontos do «comandante» Abilleira. Continuam em prova 76 ciclistas e, hoje, está a correr-se a etapa Pueblo de Farnals-Castellon de La Plana (165 kms, com três contagens de «montanha»).

Na classificação por equipas, a «Bic» (de Agostinho e Ocaña) está em 3.º posto, enquanto o misto Benfica-Coelima se situa na cauda da tabela, já a 9 minutos e um segundo da formação comandante (a «Molteni», de Merckx).

NOTÍCIAS E FACTOS

GOLFE: No campo do Lisbon Sports Clube, na Carregueira, disputou-se mais um campeonato reservado a sócios da colectividade. Após várias eliminatórias, apurou-se vencedor o dr. Jorge Oliveira da Silva.

AMADORA: Para apresentação e aprovação das contas, reúne-se no próximo dia 11, pelas 20 e 30, a assembleia geral do Clube de Futebol Estrela da Amadora.

TÉNIS: A secção do Clube Internacional de Futebol vai realizar um torneio interno reservado aos economistas. Os vários encontros terão lugar, em princípio, de 2.ª a 6.ª feira a partir das 18 horas, com início em 14 de Maio próximo e as inscrições podem ser efectuadas nas instalações do Caramão da Ajuda ou pelo telefone 613534.

OLHÃO: O presidente da Câmara Municipal, encarregou o sócio n.º 1 do Sporting Olhanense de o representar no lançamento da primeira pedra para a construção do pavilhão gimnodesportivo da popular agremiação algarvia. Com a equipa de futebol praticamente na 1.ª Divisão, mais um motivo de alegria se depara agora aos associados do Olhanense.

GINÁSTICA: Pelas 22 horas de 12 do corrente, realiza-se, no Pavilhão dos Desportos, o sarau anual do Ginásio Clube do Sul que conta com a participação de 700 atletas.

ESGRIMA: Organizado pela Sala de Armas da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos e sob o patrocínio da Federação, teve lugar no Grémio Literário o Campeonato de 3.ª Categoria de Florete. A finalíssima foi disputada por João Pedro Faria e Pedro Levy, tendo o último alcançado o triunfo por 5-3 e 3-4.

BILHAR: A equipa de bilhar às três tabelas do Sporting, campeã nacional, disputará no sábado e no domingo, em Barcelona, com o Clube de Bilhar daquela cidade, uma eliminatória a contar para a Taça da Europa Interclubes.

MIRANTENSE: Em assembleia geral ordinária foram eleitos os corpos gerentes para a futura gerência da colectividade. Assembleia geral: Manuel de Conceição Horta; Direcção: José Alberto Ferreira Prieto; Conselho Fiscal: António Dias.

CONGRESSO: Para apreciação, discussão e votação do relatório e contas da direcção,

parecer do conselho técnico e do conselho fiscal relativos ao mandato de 1973, reúne-se em 11 do corrente (pelas 21 horas) em sessão ordinária, o Congresso da Federação Portuguesa de Ginástica.

VOLEIBOL: A direcção da Federação Portuguesa louvou «pelo apuro, esforço, dedicação, brio e irrepreensível comportamento desportivo e social» os directores, técnico e jogadores das selecções senior e junior que, recentemente, defrontaram idênticas representações do Luxemburgo.

CICLISMO: No próximo domingo disputam-se na pista do Ginásio Clube de Tavira, várias provas destinadas a profissionais, amadores-seniores, amadores-juniors e populares. Estarão presentes corredores do Sporting, do Louletano e, claro, do clube organizador.

HIPISMO: Uma comissão elvense leva a efeito, nos próximos dias 19 e 20 de Maio, o III Raid Hípico Internacional de Elvas. A prova terá uma extensão de 160 quilómetros, divididos em quatro etapas e decorrerá nos concelhos de Campo Maior, Monforte e Elvas. Os prémios atingem o montante de

vinte mil e quinhentos escudos.

NATAÇÃO: Encontram-se abertas aos associados do Clube Nacional de Nataçao, na secretaria (Rua das Gaivotas, 2), as inscrições nos cursos de Verão das escolas, que tiveram início no passado dia 1 de Maio nas piscinas municipais dos Olivais e Areeiro e compreendem classes de ensino elementar e aperfeiçoamento, para crianças dos 7 aos 12 anos, a partir dos 13 anos e adultos de ambos os sexos.

CONFRATERNIZAÇÃO: No posto náutico da Associação Naval de Lisboa realiza-se no próximo domingo, pelas 13 e 30, um almoço que reunirá praticantes de remo, vela e motonáutica, desportos aos quais se dedica há 117 anos aquela prestimosa agremiação.

CURSO: Promovido pela Secretaria de Estado da Juventude e Desportos realiza-se em Lisboa, no sábado e no domingo, um curso de ginástica desportiva masculina orientado pelo prof. Manuel Boa-de-Jesus e destinado a professores de Educação Física.

PUGILISMO: Foi hoje anunciado que está livre de perigo o pugilista mexicano Isaac

Quintas, submetido na sexta-feira a uma operação cirúrgica ao cérebro, depois do combate de meios-médios com o chileno Renato Garcia.

Quintas perdeu os sentidos no «ring», anunciada já a sua derrota aos pontos e, no hospital do centro médico da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, foi operado de urgência.

O informador do hospital declarou hoje que o seu restabelecimento será uma questão de tempo e que hoje já se levantou por momentos.

ATLETISMO: No sábado, nas pistas do Estádio dos Coqueiros, disputa-se o Torneio Internacional das Cinco Cidades, que engloba representantes de Portugal, África do Sul e da Rodésia.

Da metrópole são já conhecidos os nomes de José Carvalho (barreirista), Fernando Mamede (800 e 1500 metros), Carlos Cabral (800 e 1500 metros), Aniceto Simões (1500, 5000 e 10.000 metros), Fernando Silva (200 e 400 metros). Acompanham os atletas metropolitanos o eng.ª Correia da Cunha e o prof. Moisés Pereira, devendo a caravana metropolitana chegar hoje a Luanda.

Os rodésianos presentes são: Garry Harden (110 metros barreiras, comprimento e tri-

plo-salto), Treva (100, 200 e 400 metros), Tinos Maridza (400 e 800 metros), Chikona (peso, dardo e disco). Da África do Sul: Kaal (1500 e 5000 metros), Lyon (triplo-salto), Magoregi (400 e 1500 metros), Richard (400 metros barreiras), Snel (dardo).

PROFISSIONALISMO: O australiano Tony Benson, que há dois anos é o melhor atleta do seu país nas duas milhas, tornou-se profissional, assinando um contrato com a International Track Association (I.T.A.) - anunciou um informador da I.T.A.

Inaugura-se dia 6

Casa de Repouso das Avenidas

É moderna e tem máximo conforto. Recebe idosos, convalescentes e doentes crónicos (ambos os sexos). Ambiente familiar. Assistência médica e de enfermagem. Av. Conde Valbom, 83-3.º. Telef. 774637.

A língua e literaturas portuguesas ensinadas em 5 universidades italianas -declarou-nos o prof. Giuseppe Rossi

O interesse pela língua e literatura portuguesa está a aumentar em Itália — começou por nos dizer o prof. Giuseppe Rossi, catedrático de Português no Instituto Universitário Oriental de Nápoles, momentos antes de iniciar no Instituto Italiano a sua conferência sobre Manzoni na Península Ibérica — mas, por outro lado, as dificuldades também aumentam sob a pressão do inglês e do francês. Actualmente há regências de cadeiras relacionadas com a literatura portuguesa em várias universidades: a saber, Nápoles, Roma, Veneza, Bari, Perugia. Mas trata-se de um ensino muito diversificado porque há um ensino para licenciatura em 4 anos, um ensino de 3 anos como segunda língua optada e um ensino bienal que não inclui a literatura, pois se restringe à língua. Os alunos neste último caso são bastante mais.

Mas repare, nós temos 4 cátedras de português em Itália, e Portugal não tem nenhuma de italiano nas suas universidades. É para desejar que também em Portugal se crie brevemente uma cátedra de língua italiana.

Dissémos que, no entanto, o livro de autor italiano é por certo muito mais vendido em Portugal que o livro de autor português em Itália. Respon-

deu-nos: Fernando Namora, Cardoso Pires, estão traduzidos em Itália. Ferreira de Castro e Aquilino Ribeiro também o foram no seu tempo, assim como Alves Redol, Paço de Arcos e outros.

Voltámos às questões institucionais do ensino da literatura e da língua portuguesa nas escolas italianas:

Quando do meu regresso de Lisboa a Itália em 1948 fui encarregado do ensino da língua portuguesa na Universidade de Roma, sendo o primeiro doutor desta disciplina. Foi desta forma que se pôs a andar o motor, do ponto de vista universitário. Alguns anos depois recebi a mesma nomeação para o Instituto Universitário Oriental de Nápoles, que é a Universidade mais indicada em Itália para o estudo das línguas estrangeiras, e em 1956 fui promovido como catedrático desta língua e literaturas no próprio Instituto de

Nápoles. Nestas duas universidades criaram-se seminários e portanto discípulos e agora, como já fiz referência, há outros catedráticos e outras regências de cadeiras.

Quanto ao meu trabalho — foi continuando o prof. Giuseppe Rossi, que entre 1939 e 1948 trabalhou na Faculdade de Letras de Lisboa como leitor de italiano e espanhol — publiquei a primeira história de literatura italiana em português (1946), a primeira história de literatura portuguesa na Itália (1953), que recebeu o prémio Literário Marzotto e que tem uma edição alemã, feita em 1964. Entre outras obras fiz sair também uma história de literatura brasileira (1971) e um livro sobre a literatura italiana e a literatura de língua portuguesa (1967) que é uma história das relações que houve entre as literaturas italiana, portuguesa e brasileira e que vai sair em breve na edição portuguesa através da Editorial Telos, do Porto.

Na minha universidade tenho a meu cargo além do seminário de língua portuguesa, isto é, de Portugal e Brasil, também um seminário de língua espanhola que paralelamente diz respeito à Espanha e América Hispânica. Mais sou director dos Anais, secção românica da mesma universidade, nos quais sempre prefiro colaboração de italianos e estrangeiros que diga respeito ao mundo das línguas ibéricas.

A história do prof. Rossi é assim a história do actual ensino da literatura portuguesa em Itália. Ao manifestarmos o espanto perante tal actividade que cobre quase um continente e uma península, o prof. citou ainda outros trabalhos sobre literatura alemã, e a direcção de seminários na Universidade do Quebec.

Perguntámos-lhe para onde iam os seus interesses. O século que mais me interessa do ponto de vista dos estudos é o séc. XVIII, quer que respeita a Portugal, quer a Espanha, onde os assuntos que mais me têm interessado são a presença do teatro italiano do séc. XVIII em Portugal e Espanha.

Qual é o seu programa este ano? Estou a ler Camões e no seminário de Espanhol leio al-

guns autos Sacramentais de Calderon de la Barca. De resto, este ano já fiz conferências e escrevi artigos sobre Camões.

Que pensa da literatura portuguesa actual?

Preocupo-me por estar em dia com o que vai saindo e conheço pessoalmente alguns escritores: Urbano Tavares Rodrigues, Mourão Ferreira, Prado Coelho, Lindley Cintra, Sebastião da Gama, Maria de Lurdes Belchior foram meus alunos, quando estive em Lisboa.

Não quer destacar algum autor ou livro que lhe pareça mais importante nos últimos tempos?

O meu interesse é geral por todos. Penso o que a crítica hodierna portuguesa pensa da actividade literária do país.

Depois da nossa conversa, o prof. Giuseppe Rossi proferiu a anunciada conferência sobre «Manzoni e o Mundo Ibérico». Depois de ter colocado a prosa e a poesia do autor no seu tempo, com respeito às circunstâncias históricas e literárias europeias num sentido geral, e especialmente italianas, o conferencista fez a história da presença de Manzoni na cultura de Portugal e Brasil e da Espanha e América Hispânica, através das traduções da sua obra, das imitações e da crítica. Acabou chamando a atenção para o romance «I Promessi Sposi», pela lição cristã que dele se extrair.

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 23 de Abril e dias seguintes, a partir das 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los, até ao dia 20 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas. Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa. Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos.

A C. P. Informa:

SERVIÇO ESPECIAL PARA BARCELOS POR OCASIÃO DAS FESTAS DAS CRUZES NOS DIAS

3 A 6 DE MAIO DE 1973

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 2 a 6 de Maio.
Validade para regresso: de 3 a 7 de Maio.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Porto (São Bento) até Monção e até Braga, desde Porto (Trindade) até Guimarães e nas estações de Lisboa (Santa Apolónia), Santarém e Coimbra, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de BARCELOS.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)
NOITE DE TEATRO
«O GRANDE NEGÓCIO»

2.º Programa (22.00)
«OS VINGADORES»
Com o actor Patrick MacNee no protagonista.

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados, Alvin Show 13.00 Vária 13.15 Por favor não comam os mal-mequeres. 13.45 Teletornal 14.00 Um dia com... 14.15 Logo à noite 2.º Período 14.40 Ciclo Preparatório TV 19.00 Reportagem do exterior 19.30 Teletornal 2.ª edição 19.40 Crónica 20.10 Sangue na estrada 20.40 Em foco 20.55 Imagens da poesia europeia 21.30 Teletornal 3.ª edição 22.05 Noite de teatro 23.10 Museu do cinema 23.30 Teletornal 4.ª edição 23.40 Meditação e fecho.	1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados 13.00 Feminino Singular 13.15 Os meus genros e eu 13.45 Teletornal, 1.ª edição 14.00 Conheça o Portugal desconhecido 14.15 Logo à noite 2.º Período 14.40 Ciclo Preparatório TV 19.00 TV Educativa, Física Moderna 19.30 Teletornal, 2.ª edição 19.45 Cartaz TV 20.00 Presença do Brasil 20.30 Falando de ópera 20.55 Cinemateca 21.30 Teletornal, 3.ª edição 22.05 Noite de Estreia «A Guerra do Amor» 23.30 Teletornal, 4.ª edição 23.45 Meditação e Fecho
2.º Programa 20.30 Abertura e desenhos animados, Alvin Show 20.45 Um dia com... 21.00 Por favor não comam os mal-mequeres 21.30 Teletornal 3.ª edição 22.05 Os Vingadores 22.55 Amara! Neto 23.40 Fecho.	2.º Programa 20.30 Abertura e desenhos animados 20.45 Vária 21.00 Os meus genros e eu 21.30 Teletornal, 3.ª edição 22.05 Variedades, A nova geração 22.45 Encontro com o mundo, «Operação Barba Roxa» 23.45 Fecho

urgência

E emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Agas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado com excepção de Algarve onde a neblina era fraca o vento era moderado de Sudoeste e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO		—
P. DOURADAS		—
COIMBRA		18.º
PORTALEGRE		19.º
LISBOA		17.º
FARO		19.º
FUNCHAL		18.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima 24,2.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 3,8.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 15,7.º
Atmosfera 17.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.10 3,0 m	9.51 0,6 m
16.32 4,0 m	22.15 0,6 m

Dia 4

4.57 3,9 m	10.33 0,6 m
17.17 4,0 m	23.00 0,6 m

Dia 5

5.45 3,9 m	11.17 0,8 m
18.04 4,0 m	23.48 0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado; vento moderado de Sudoeste podendo soprar com rajadas fortes; aguaceiros em especial nas regiões do Norte e Centro e possibilidade de trovoadas nas regiões do Norte.

MISSORA 1. PROGRAMA

16.05 Ao encontro da melodia.
16.30 Convívio, programa da juventude.
18.05 O convidado de hoje, Joe Tex.
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros.
18.40 Música portuguesa.
19.10 Selecções de Zarzuela: «La Terna del Puerto» (Soroza) «Gigantes e Cabeçudos» (Gallardo/Echegaray)
20.20 O conjunto The Golden Earring.
20.30 29.º episódio do folhetim «A Passagem».
20.50 Melodias.
21.00 Momento 73.
21.20 Música só música.
21.50 Dia a dia com a ciência, por Marques da Costa.
22.10 Fados por Julieta Brigue e Manuel Murteira.
22.30 Ritmos de todo o mundo.
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria.
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
24.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir? programa coordenado por Margarida Brandão.
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas.

MISSORA 2. PROGRAMA

20.20 Concerto de câmara: Obras de Bach e Bach-Busoni.
21.00 Arias de ópera pelo meio-soprano Tereza Berganza.
21.20 Tempo literário.
21.45 Sinfonia n.º 26, em dó maior («Lamentação»)
22.00 Teatro dos nossos dias, por Leopoldo de Araújo.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras.
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE Onda Média

16.00 Noticiário.
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21.00 Noticiário.
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo.
21.08 Será musical.
21.30 Quando o telefone toca.
22.03 Antiquário.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens bíblicas.
23.19 Grandes orquestras.
23.30 PBX.
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Modulação de frequência

16.00 Noticiário.
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice.
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; Programa à gô-gô (Continuação)

MISSORA 3. PROGRAMA

00.02 Em Orbits-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário.
16.05 Radiorama.
18.00 Melodias na tarde.
18.20 Boletim litúrgico.
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires.
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença).
19.30 Página 1.
21.04 Meditando.
21.07 Poesia é diálogo.
21.15 Poente.
21.30 Curso de Língua Alemã.
21.45 Pentagrama.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

6.00 às 10.00 e 22.00 às 2.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR

12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA

14.30 às 19.30

III EXPOSIÇÃO

DE

ANTIQUARIOS



4 A 13 DE MAIO

ATENEU COMERCIAL DO PORTO

● cinemas ●

■ LISBOA

TURNO E-1
Até às 22 horas

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (Tel. 269)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (Tel. 843571)

ALVALADE
Nova Torque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658); Marbel, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)

AVENIDAS NOVAS
Lungenit, Avenida da República, 55 (Tel. 772132); Sã da Bandeira, Rua Marques Sã da Bandeira, 42 (Tel. 54672)

BAIRRO ACTORES
Lusa, Av. Almirante Reis 199-A (Tel. 41269)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenai, Rua A 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata 115 (Tel. 362350)

BENFICA
Bañiluz, Estrada de Benfca, 444 (Tel. 782606)

CAMPO DE OURIQUE
Firdor, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-A (Tel. 869831)

CONDE BARRO
Marcos do Nascimento, Calçada Marques de Abrantes, 36-A (Tel. 664238)

ENTRECAMPOS
Nova Torque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658)

ESTEFANIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel. 702226)

GRILLO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel. 382470)

LAPA
Alba, Rua de Santana à Lapa, 156 (Tel. 663562)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Tel. 791131)

OLIVAIS
Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

TURNO D-2
Toda a noite

ALCANTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515)

ALVALADE
Libia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Ceita, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)

ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)

AREIRO
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)

■ BELEM

Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697)

CAMPOLIDE
Nova, R. de Campolide, 297-C (Tel. 687475); Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)

ESTEFANIA
Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5 (Tel. 54808)

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361)

JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

LAPA
E. Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)

LUMIAR
Pateia, Rua do Lumiar 122 (Tel. 790332)

MOURARIA
Ferra, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464)

PEDROUÇOS
Higiluz, Rua de Pedrouços 52 (Tel. 610280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua do Vriato, 29-A (Tel. 48966-553601)

SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

■ LINHA DE CASCAIS ■

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PARADE
Aisir, Av. Gago Coutinho B.º das Caixas de Previdência (Tel. 247248)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL
Lopes R. Hangar, 3 (Tel. 260008)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

■ LINHA DE SINTRA ■

AMADORA
Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Dias, Av. Marques de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 9710231)

QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 950123

MEM MARTINS
Químia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 1910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, Tel. 980456

SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

■ OUTRA BANDA ■

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 270076)

■ BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2073023)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA
União Moitense, Av. dr Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTEJO
Moderna, R. Buñão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA
Lopes, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coe-atthh.wd15i15

■ PORTO ■

6.º TURNO

SUB-TURNO A

Correia de Araújo, R. de Santa Catarina, 259, Nova Avenida, Av. F. de Megalhães, 692, Pinheiro Manso, R. S. João de Brito, 25-29, Santa Teresa, P. Guih G. Fernandes, 00, Silva Pereira, Rua Costa Cabral, 293

SUB-TURNO B

Alves, P. Exercício, Libertador, 62, Barros, R. do Loureiro, 104, Boa Hora, R. da Boa Hora, 80, Cameira, R. de Heroísmo, Confiança, R. de Santa Catarina, 980

■ COIMBRA ■

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348, r/c (Tel. 24410); Miranda, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); Batista, Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

■ LISBOA/Cinemas ■

PARIS
21.00 (10 anos)
Jerry 8 3/4

CINEARTE
21.00 (18 anos)
História de um delito

RETELO
21.30 (18 anos)
Calibre 9

MAYER
21.00 (14 anos)
O Comediante

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
O Golpe

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
Ansia de viver

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
A Morte chega do passado

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
Se disparas matos-te

■ LINHA DE CASCAIS ■

OEIRAS
Oeiras-cine

21.00 (14 anos)
O Santo desafia os assassinos da Mafra

PARADE
Royal-Cine

21.15 (10 anos)
Gigantes no Inferno

ESTORIL
Palácio

21.30 (17 anos)
O Assunto era rosas

ESTORIL
Casino

17.00 e 21.30 (14 anos)
Os Profissionais

■ CINEMA CASTIL

(Tel. 530194)
15.00-19.00 e 21.45
(Grupo C-14 anos), colorido
CLOWNS DE FELLINI, «Estacionamento Parque Castil»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
«GETAWAY» (Tiro de escape) Steve McQueen, Ali MacGraw - um filme de Sam Pechinplan - Color

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Um filme de António Pedro Vasconcelos, «PERDIDO POR CEM...» com José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins. Amanhã e sábado Sessões especiais às 00.15 h.

APOLLO 70 (Tel. 763319)
Hoje estreia às 21.45
(Grupo D-18 anos)
Grande Prémio Festival de Cinema Fantástico 1973. Technicolor. «UM ASSASSINO PELAS COSTAS» com Dennis Weaver. Hoje às 15.15 e 18.30. Últimas exhibições do filme «O HOMEM DAS MULHERES» de Jerry Lewis (Grupo B-10 anos). Hoje às 24.00 o Cassino à meia-noite (Grupo D-18 anos) «VERÃO DE 42» de Robert M. Muijan

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15 16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana. Colorido. A obra-prima de Eric Rohmer «O AMOR ÀS 3 DA TARDE» Snack-bar-pub «the flag» o melhor encontro gastronómico.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana
CONTINUARAM A CHAMAR ME RINITA Terence Hill e Bud Spencer

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo D-18 anos)
«CALIBRE 9», com Gastone Moschin, Barbara Bouchet e Philippe Leroy.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Eastmancolor. Realização de Terence Young «O CASO VALACHI», com Charles Bronson e Lino Ventura.

■ MUNDIAL

(Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Robert Shaw, Annie Bancroft e Simon Ward na mais ousada e extraordinária das reconstituições «O JOVEM LEÃO», super-produção colorida de mestre Carl Foreman. (Metro: Picoas)

VOX
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Um filme de Claude Chabrol «A CASA DOS DESEJOS» com Jean-Paul Belmonde e Mia Farrow

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
21.30
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Yves Robert «O LOIRO DO SAPATO PRETO» com Mireille Darc e Pierre Richard. Eastmancolor. As 15.15 «A PONTE DO RIO KWAI» (Grupo B-10 anos) (Metro: Alameda)

ESTUDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
Colorido. Um filme de Jan Kadar «MULHER A DERIVA» com Rade Markovic e Milena Bravic. (Metropolitano: Alameda)

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 7.ª Semana
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular com nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Um filme de Luis Buñuel «LABIRINTO INFERNAL» com Simone Signoret, Michel Piccoli e Charles Vanel

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana
Alegria a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss «A GRANDE VALSA» com Horst Bucholz, Mary Costa e Nigel Patrick - Panavision - Technicolor

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
«OS PROFSSIONAIS» Panavision - Technicolor com Burt Lancaster e Lee Marvin

■ EDEN

(Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
6.ª Semana. Cantinflas em «JOM QUIXOTE» (Cavalgada do novo)

S. JORGE (Tel. 54151)
15.15 18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana de invulgar êxito «PARIS MANICOMIO DO AMOR» com Marthe Keller

IMPERIAL (Tel. 82189)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«AS NOITES DE PARIS» com JER-RL» em homenagem ao PRES-SO DE FRANKLIN D. Roosevelt. Arriscado e Chou

ROMA (Tel. 72.776)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana
CONTINUARAM A CHAMAR ME RINITA Terence Hill e Bud Spencer

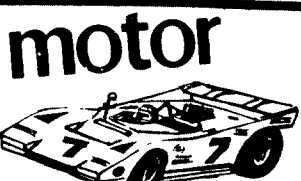
POLITEAMA (Tel. 326303)
15.15 18.15 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana
Terence Hill e Bud Spencer «CONTINUARAM A CHAMAR ME RINITA» Gargalhada e um abraço de san-cadaria o melhor momento da vida

BERNA (Tel. 776046)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. Um filme de Jean Pierre Melville «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE» Alain Delon, Catherine Deneuve

ROYAL (Tel. 865077)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«AVENTURA E AVENTURA» Em complemento «LUZ QUE CEGA»

TIVOLI (Tel. 505950)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido. Dustin Hoffman em «CAES DE PALHA» o filme de Sam Parkinph.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor «A ALIANÇA» Anna Karina, Jean-Claude Carrière. Amanhã e sábado às 00.30 h. «Cinema Fora de Horas» «LABIRINTO INFERNAL» (Grupo C-14 anos)



Outros estabelecimentos

■ LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.45 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os amigos»

VILLARET
21.30 (18 anos)
«Gaspar», de Peter Handke

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«O Príncipe e a corista»

A. B. C.
21.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

■ CAPITÓLIO

20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

■ LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (10 anos)
Jerry 8 3/4

CINEARTE
21.00 (18 anos)
História de um delito

RETELO
21.30 (18 anos)
Calibre 9

MAYER
21.00 (14 anos)
O Comediante

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
O Golpe

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
Ansia de viver

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
A Morte chega do passado

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
Se disparas matos-te

■ LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-cine

21.00 (14 anos)
O Santo desafia os assassinos da Mafra

PARADE
Royal-Cine

21.15 (10 anos)
Gigantes no Inferno

ESTORIL
Palácio

21.30 (17 anos)
O Assunto era rosas

ESTORIL
Casino

17.00 e 21.30 (14 anos)
Os Profissionais

■ Esplanada

21.30 (14 anos)
As 4 penas brancas

##

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICAS A R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

INTERVALO

...Com o encerramento da Assembleia Nacional e também termo da X Legislatura, entrou-se num período de expectativa ou período pré-eleitoral, como quiserem.

...Com as futuras eleições gerais abre-se um novo processo, que não pode deixar

novas esperanças e desilusões e o País aguarda, perplexo, que suba o pano e soem as trombetas, de recolher os ensinamentos e experiências do anterior.

M. de A.



Trucidado por um comboio

Foi apanhado por um comboio, ontem, pelas 20 e 48, na estação de Santos, o jovem Carlos Alberto Correia Nascimento Costa, de 25 anos, solteiro, filho de Abel Nascimento Costa e de Irene de Conceição Correia. O corpo do jovem, que teve morte imediata, foi transportado para o Instituto de Medicina Legal, onde ficou depositado.

Soldado morto em Moçambique

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate no Estado de Moçambique, o soldado n.º 802 271/71, Pedro Alvaro Gomes Barbosa,

natural da Ilha do Fogo, Cabo Verde, filho de António Barbosa Andrade e de Iva Gomes Barbosa.

ONTEM À TARDE NO CHIADO

Ribeiro de Mello ofereceu cultura

Ribeiro de Mello é um cabotino — dizem. Mas então é um magnífico cabotino. Porque dar cultura — no sentido de dar, de oferecer o que contém cultura, que são os livros — não será coisa vulgar na nossa terra. Foi o que ontem, entre as seis e as sete, fez Ribeiro de Mello na velha «Brasileira»: distribuiu, como grito de lançamento, nada menos de cerca de cento e cinquenta volumes de dois livros agora atirados para os escaparates pela sua editora, ou seja, a já célebre «Afrodite». Distribuiu-os, como? Pelos amigos e compadres de tertúlia? Nada disso. Todos os que àquela hora, foram tomar tranquilamente a sua bica à velha «Brasileira», habitués ou não do borbórinho do Chiado pelos fins de tarde, receberam, cada um, dois volumes oferecidos por «Afrodite» e acabados de sair da máquina: «Antologia do Humor Negro», de André Breton e «De Fora Para Dentro», uma colectânea de textos cujo interesse se refere essencialmente a narrativas de um Portugal passado.

Mas Ribeiro de Mello queria fazer mais. Queria dizer coisas aos frequentadores da «Brasileira» na altura da oferta. Estabelecer diálogo. Não o deixaram. O sr. gerente da dita «Brasileira» ficou assustado com os «montões de livros» que o Ribeiro tinha levado debaixo do braço e pressionou para que a sessão de lançamento e a oferta propriamente dita, não se realizassem. Inclusivamente, convidou, o Ribeiro de Mello para descer com ele à cave do café. Para conversarem — disse o homem. Ribeiro de Mello não falou, mas também não desceu à cave.

No entanto, Ribeiro de Mello e «Afrodite» não esmorecem. Noutro dia, foi a banheira. Agora o escândalo da «Brasileira». Pessoas há que pensam que isto não é forma — ou é forma antiquada — de servir a cultura. Não vamos discutir. Mas entre uma forma antiquada e generosa e mesmo dialogante de trazer livros à rua e outras formas mais modernas, menos genero-



Ribeiro de Mello distribui os seus livros, com uma certa alegria de dar.

sas (e mais lucrativas), preferimos a do Ribeiro.

Na «Brasileira», ontem, houve quem ficasse espantado. Uamsenhora já entrada, exclama, ao ver-se na posse de dois grossos volumes (ou era só um?).

É a primeira vez que tal me acontece. Eu vinha só para tomar a «biquinha». Ah, mas vou ler, vou ler.

A apresentação gráfica dos dois volumes — marca Ribeiro de Mello, onde o bom gosto se casa com o exótico, o invulgar, uma certa tendência surrealista — chamou a atenção imediata de muitos dos contemplados.

Um deles murmurava para o amigo, igualmente contemplado:

Isto é uma maravilha, pá! Não achas?

Sete horas da tarde, a «operação lançamento «Afrodite»» tinha terminado. Ribeiro de Mello diz-nos:

Gostaria de oferecer todos os livros das edições que lanço. Dá-me uma certa alegria.

Paradoxo num editor. Pelo menos, paradoxo, em relação ao que costuma pensar o editor português.

J. DA S.

FESTIVAL BEETHOVEN

O sr. Presidente da República assistirá, esta noite, ao concerto de abertura do «Festival Beethoven» que, como se sabe, terá lugar no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Educação e Cultura
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO DE 1973
(de 30 de Maio a 3 de Junho)

BATSHEVA DANCE COMPANY

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA

Hoje - Amanhã e dia 5 ...	Antigos Assinantes (noite)
Dias 6-7-8	Antigos Assinantes (tarde)
Dia 9	Bilheteira Encerrada
Dias 10-11-12	Novos Assinantes
Dia 13	Bilheteira Encerrada
Dias 14 e seguintes	Venda Avulso

Bilheteira aberta das 13 às 19 horas — Telef. 36 86 64

MELHORIA DO TEMPO DE 6 A 15

Apesar da sua violência, o temporal que ontem assolou o País de Norte a Sul, não causou grandes prejuízos. Apenas em Alcains o vento abateu alguns palares e os telhados da fábrica Sobetão (ainda em construção) e da fábrica de queijos Platinício, tendo ainda quebrado os vidros de um posto de abastecimento de gasolina da zona.

Em consequência do vento, que soprava de sudoeste, a uma velocidade superior a 100 quilómetros, as carreiras dos cactários estiveram interrompidas até ao princípio da noite. A costa de Peniche foi a mais martirizada, tendo causado prejuízos nas embarcações. As ligações telefónicas com o Cabo Carvoeiro, que foram interrompidas pelo temporal, só devem ser restabelecidas amanhã.

Entretanto, segundo previsão do Serviço Meteorológico Nacional, a partir de domingo o tempo vai melhorar, mantendo-se esta situação até ao dia 15, devido à acção de uma crista anticiclónica que se estenderá da região dos Açores ao sul da França.

HOMENAGEM

A Comissão do Ultramar da Assembleia Nacional ofereceu ontem num restaurante da capital, um almoço em honra do ministro Silva Cunha e dos secretários de Estado da sua pasta, comandante Sacramento Monteiro e dr. Martins dos Santos.

NOTAS POLÍTICAS

REUNIÃO DA E.F.T.A.

A fim de presidir à 26.ª reunião da Comissão Consultiva da E.F.T.A., na qualidade de presidente do Conselho de Ministros daquela organização, partiu ontem para Genebra o secretário de Estado do Comércio, dr. Alexandre Vaz Pinto. Os trabalhos decorrem hoje e amanhã, presidindo, igualmente, o dr. Vaz Pinto, a uma reunião de chefes de delegação da E.F.T.A., preparatória da próxima sessão ministerial, a realizar nos dias 24 e 25, também em Genebra. A Comissão Consultiva da E.F.T.A. foi constituída em 1961, com o objectivo de apresentar aos Conselhos sugestões sobre assuntos respeitantes à Associação. Na sua composição, apenas se incluem pessoas que não pertençam aos sectores governamentais. A delegação portuguesa é constituída pelo dr. Bernardo Mendes de Almeida (conde de Caria), prof. Bento Murteira, eng.º Caldas de Almeida, Miguel Sttau Monteiro e Manuel Lino.

SECRETARIADO PARA A JUVENTUDE

O secretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Valadão Chagas, visitou ontem o edifício do Secretariado para a Juventude, onde apreciou os diversos serviços em funcionamento, e observou uma exposição documental das actividades dos Centros Piloto. Reuniu-se, em seguida, com o director do Secretariado e seus colaboradores, a fim de se inteirar da acção que o organismo está a desenvolver ou tem em projecto. Entre o programa de actividades para o período de Verão promovido pelo Secretariado para a Juventude, conta-se a organização de campos de trabalho em Vila Viçosa, Tavira, Azambuja, Moimenta da Beira, Santa Luzia, S. Martinho do Bispo e Moncorvo, destinados a jovens dos 14 aos 18 anos e compreendendo trabalhos agrícolas, beneficiação de instalações juvenis, restauro de valores culturais e actividades recreativas e formativas. Anteriormente, o dr. Valadão Chagas visitara o Instituto de Acção Social Escolar.

AGENCE DO ULTRAMAR

No gabinete do director-geral de Administração Civil, tomou ontem posse do cargo de agente-geral do Ultramar o dr. José Fernando Nunes Barata, que desempenhava as funções de inspector superior do Fomento e da Economia do Ministério do Ultramar. Sucede no novo cargo ao dr. Francisco da Cunha Leão, exonerado a seu pedido.

ARMADA INGLESA

A flotilha da Armada britânica que se encontra no Tejo integrada no programa das comemorações do 6.º aniversário da Aliança Luso-Britânica, prestou ontem homenagem aos navegadores portugueses, durante uma cerimónia a que assistiram o embaixador do Reino Unido em Lisboa e o ministro português da Marinha.

1973 6.º CENTENÁRIO DA ALIANÇA LUSO-BRITÂNICA

VERÃO BRITÂNICO 73

VIAGENS EM GRUPO

LONDRES INGLATERRA E ESCÓCIA

De Julho a Setembro de 1973
Viagens de 4, 5, 6, 7 e 10 dias
PARTIDAS SEMANAIS

* Modernos aviões a jato
(BAC III Serie 500)
especialmente fretados
* Hotéis de 1.ª classe
* Todos os quartos com banho
* Viagens acompanhadas

PREÇOS A PARTIR DE

3.100\$

bônus especial

TRATAMOS DE PASSAPORTES

VIAGENS RAWES

LISBOA: Correio da Manhã, R. Bernardino Costa, 47
Especialidade: Trav. do Corpo Santo 15 Tel. 370231
FARO: Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195 6

A. SOUSA GOMES
E RUI VILAR

SEDES:

DOSSIER 70/72

COL.
«ACTUALIDADE PORTUGUESA»

MORAES

EDITORES

PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO

EM TODO O «STOCK» DE TAPETES
POR REMODELAÇÃO DO ESTABELECIMENTO



A PERSIA ANTIGA

R. da Imprensa Nacional
116 B (a Esc. Politécnica)
Lisboa 2 — Telef. 674493

DIALOGOS CONFIDENCIAIS



Cesariny

de Sade

SUPLEMENTO LITERÁRIO



Folhetim-artístico

de José-Augusto França

O ROSSIO SEM AUTOMÓVEIS...

...O Rossio sem automóveis, o Rossio sem automóveis — três vezes se repete a insólita frase!

Foi o caso que, atravessando a praça num itinerário que me não é habitual, dei por que nenhum automóvel jazia já. D. Pedro IV estava solitário no alto do seu castiçal, as duas fontes jorravam águas entre ninfas catitas — e havia bancadas de floristas. E pombos — só.

Lisboetamente desconfiado, não acreditei; disse-me que era sssim mesmo. Continuei a não acreditar e telefonei para a Câmara. Assim era realmente por postura do actual presidente. Postura de efeito provisório — ou experimental.

Excelente experiência cujo resultado está á vista, com a reabilitação de uma das duas grandes praças de Lisboa pombalina, desde há pouco afogada de automóveis, reduzida à mísera condição de garagem diurna, o seu espaço devorado por uma floresta de latas luzentes...

Eu sei, como toda a gente sabe, que há dificuldades enormes para «arrumar o carro» por toda a parte, e na Baixa principalmente — e em todas as Baixas do mundo onde os automóveis crescem, crescem, crescem, como uma personagem de Ionesco. **Comment s'en débarrasser?** — é a questão lógica a pôr; e não como os acolher e arrumar. A progressão geométrica do crescimento do parque automóvel não pode ser compensada pela progressão aritmética das ruas citadinas — assim o diria uma lei de Malthus — ca que o bom-senso impõe formular.

Acolher carros no Rossio não resolve nada, como nada resolve alargar as ruas,

reacção por de mais imediata em que um urbanismo ingénuo acreditava ainda há pouco. A solução é não «trazer carro» para o centro da (s) cidade(s), deixá-lo mesmo nos seus extremos, se fora da cidade se vive e usá-lo só para circular — e não para parar. Preferindo, é claro (como por toda a parte europeia se sugere em cartazes mentalizados) os transportes em comum. Assim será em breve, assim terá que ser — e não são os x carros que o Rossio acolhia que resolvem ou salvam ou sequer facilitam a circulação.

Autorizar o seu estacionamento parece apenas melhorar a dita circulação — mas antes a piora, por atrair para o centro mais automobilistas iludidos...

Consequentemente, impedir esse estacionamento acaba por ser vantajoso para a própria circulação, considerada de um modo global — e para além da «sorte grande» de um lugarzinho que saia a um ou outro automobilista, individualmente.

...Mas não é desta vantagem que a lógica demonstra e a estatística poderá provar que me compete falar aqui. O que a mim interessa (que á baixa venho de autocarro ou de eléctrico ou a pé) é o Rossio — esta praça de tradições urbanas, cuja imagem se foi perdendo nos



O Rossio há cinquenta anos. Será possível recuperá-lo?

últimos cinquenten anos.

Nos últimos cinquenta anos, exactamente: cerca de 1920 um presidente da Câmara que tal decisão condena, permitiu que se recortasse o passeio empedrado que desde 1848-49 atapetava a praça, deixando-o reduzido aos dois «napérons» em que assentam o monumento e as fontes. O asfalto substituiu o resto, para uso e actual abuso dos automóveis.

Ora o passeio oitocentista, com o padrão ondulado do seu desenho de basalto e calcário era uma criação de extremo interesse artístico e

urbanístico. Tal como aos azulejos das fachadas seus contemporâneos, cabia-lhe um papel de modulação espacial, particularmente importante numa vasta área como o Rossio. Ideia do general Cândido Pinheiro Furtado, que a experimentara com êxito na esplanada do Castelo que governava então, foi recebida com entusiasmo pela população romântica — e foi logo **Imagem da cidade**, aliás exportada para outros locais e até para o Rio de Janeiro. Eu estou em crer que a ideia do desenho veio ao general Furtado da observação das

ondas do mar; com efeito, ele foi director dos faróis do Reino e alguma relação simbólica, até, pode estabelecer-se entre os dois fenómenos. De qualquer modo, o ondulado da pavimentação do Rossio foi totalmente destruído em 1920.

Porque não restituí-lo agora?

A postura actual com certeza que dará resultado positivo na vida da cidade. Não mais os automóveis te- rão que macular a praça. E já que assim é, ou será a reintegração da traça oitocentista do Rossio parece dever seguir-se naturalmen-

te.

Com tal decisão não só se impede que os automóveis (ou alguém por eles...) «pensem» em voltar a anexar a área — como se refaz o Rossio de Lisboa com a sua **imagem autêntica e culturalmente necessária**. Assim esta abertura na malha apertada da cidade tumultuosa poderia voltar a ser lugar de estar, de encontro de repouso psicológico de que o centro da capital tanto precisa, como bem se compreendia em tempos menos angustiantes.

Esse papel cabe ao Rossio representá-lo. Mesas de esplanada que a Avenida poluída já não pode comportar, encontrarão ali o lugar necessário — ao abrigo (enfim!) dos automóveis perturbadores... Ao lado, bancos de florista. E os pombos!

(Não, não pode ser a Praça da Figueira a representar esse papel — que não é praça de «loisir» nem nunca o foi; nem praça de definição urbanística, sequer... Quanto ao Terreiro do Paço — um dia se tratará dele, entendendo o magnífico espaço que se está perdendo numa simples função urbana «de passagem»!)

...E, sobretudo, não se pense que arrumar automóveis é serviço prestado aos cidadãos. Como o lembrou há pouco um grande economista e sociólogo norte-americano, tal serviço presta-se, sim, aos construtores de automóveis, aos seus vendedores e às companhias de gasolina. Cujos interesses, bem feitas as contas, não são os dos cidadãos nem das cidades autênticas e humanas.

UM FILME DE ARTUR, UM CINEMA PERDIDO POR CEM

«O homem que ri não conhece ainda a horrível verdade»

BERTOLT BRECHT

É possível que lendo as declarações godárdicas da primeira fase do realizador, vendo o filme e tornando a ler as declarações godárdicas da primeira fase do realizador se possa ficar com uma impressão clara do que no filme existe de malogrado e até, em última síntese, entendê-lo como justificação **a priori** e **a posteriori** do malogro, digo: para si próprio e para os outros que são o público. Porque é muito entre estes dois polos que o filme se faz e se pode entender: a qualidade da realização e o conforto do público, coisas que, como já foi descoberto há alguns anos, são apenas um e o mesmo teorema com uma infinidade de corolários.

As cartas são mostradas desde o princípio e toda a gente fica imediatamente a saber que as regras do jogo não serão transgredidas em caso nenhum: não há cartas marcadas nem ases na manga. Um jovem é um jovem, a vida é uma coisa séria, no meio está a virtude, uma história é uma história. O jovem chama-se Artur, tem 20 anos de minoridade e com ele se identifica totalmente o realizador — já porque foi ele o médico que combinou os reagen-

tes químicos que o criaram, já porque ao longo de todo o filme ele nunca perde realmente o controle do seu **enfant sauvage et terrible** de trazer por casa, através da sua própria voz em «off», que assim adquire a categoria de personagem invisível mas sempre presente. Se convencionarmos que o filme tem muito de autobiográfico, como ele mesmo é o realizador nos pretendendo fazer crer (e é com a consciência total da crueldade do acto que, por momentos, separa o filme do autor), e se admitirmos que o Artur tem 20 anos e o autor tem 30, poderemos abalançar-nos com algumas hipóteses de êxito a crer que, se a voz «pff» é por um lado uma inflexão sobre um passado real ou fictício, é também a outro nível a voz conselheira da consciência paternal (porque de paternalismo se trata) e compreensiva que explica o personagem perante os outros personagens e, doutra maneira, perante o público. E explicá-lo aqui significa transmitir uma secular mensagem de sensatez que, desde o fundo dos tempos, as velhas gerações vêm legando às novas, como um segredo de mediocridade que passa de pais para filhos e que, de resto, é do conhecimento público. E explica-o enquanto lhe faz **cócegas** na cabeça. António-Pedro revisited chama-se Artur, não tem safa possível. Artur é o ponto morto do filme, à volta do qual tudo acontece. E o que acontece é sempre muito pouco. «Roma, Paris, Londres...

O mundo...» E depois estas coisas resultam sempre tão pacíficas, têm tanto aquele ar característico de aperto de mão à rapaziada: a passividade faz as vezes de linguagem universal. A Arte e o Espectáculo podem dormir descansadamente pois não há nada que venha perturbar o seu sono sem sonhos. Descobrir constantemente a imaginação crítica e prolongá-la para lá das Montanhas Azuis é uma proposta concreta.

«Perdido por Cem» é precisamente o contrário: é ampliar um certo real (ou um real certo?) até o tornar suficientemente engraçado ou ridículo (nunca monstruoso) para se poder ver agradavelmente. O riso não tem aqui um papel libertário ou sequer corrosivo, mas é tão-somente divertido e colaborante.

Manter galhardamente na retaguarda os tradicionais estandartes da tradição, as qualidades místicas do cinema de qualidade, a coerência naturalista do «décor» e dos personagens, da intriga (que mais não é do que a relação entre um e outros) com pés e cabeça nos seus respectivos lugares biologicamente predestinados por Deus parece ter sido a intenção e o resultado final. Resultado pobre que mesmo visto pelo lado da «mise-en-scène» não escapa ao ridículo das pequenas ambições falhadas.

LUÍS FILIPE GRENHA

QUEM TEM MEDO DOS GOLIARDOS?

Tal como Eduardo Prado Coelho tem procedido a uma denúncia teórica exemplar da situação actual nas páginas deste suplemento, através da montagem criadora de um discurso próprio, a partir daquilo que não cabe na noção clássica da citação de autores, gostaríamos hoje de lhe pegar no processo e na palavra para nos continuarmos a dirigir ao leitor com a liberdade máxima que requer, a todos os níveis, um discurso da libertação.

Assim, servir-nos-emos hoje, incansavelmente, porque por gosto o faremos de trecho do autor a que neste momento nos temos mais intensamente dedicado — Henri Lefebvre.

Posto isto, comecemos: com a acusação justiceira de revisionismo — é certo e sabido — a ameaçar-nos a cabeça.

Em entrevista, ainda recentemente, concedida ao «Nouvel Observateur» e publicada sob o título «Socialismo ou Barbárie», Herbert Marcuse vincava o facto de estar por fazer a história que da história revelaria afinal a face oculta porque ocultada: a história das heresias, dos grupos dissidentes, das formulações alternativas para os princípios de realidade social consumados.

De facto, se a história tem até hoje avançado sempre pelo seu lado mau, como diria Marx, importa proclamar que a função do revolucionário é transformar radicalmente esta situação. E importa não confundirmos o reconhecimento das possibilidades objectivas que hoje se oferecem à libertação com uma justificação do sentido da história tal como ela foi. O revolucionário é o que anula a predestinação. É portanto, o herdeiro das heresias e movimentos heterodoxos que, ao longo de toda a história da civilização ocidental, se bateram contra a imposição do pecado original. De todos os que da necessidade não fizeram virtude e se recusaram a ver virtude na manutenção teórica e prática da necessidade.

Na verdade, reparamos agora que o texto que publicámos neste suplemento a propósito de uma obra de Le Goff, podia ter com proveito explorado as figuras dos goliardos, essa estranha criação da sociedade medieval que se propunha acolher em Paris — Cidade, por excelência — a rosa do mundo.

Os goliardos, estudantes e «intelectuais» vagabundos que aceitam o jogo da roda da Fortuna, desinteressando-se ousadamente do tempo futuro, do plano providencial da história, celebrando na música o vinho e o corpo da mulher, os goliardos, dizíamos, nascem com o surto urbano e filosófico da Idade Média, a que na semana passada nos referimos.

No meio intelectual onde surgem, com efeito, a filosofia impera. E aqui é preciso notar, para podermos prosseguir que a filosofia como sistema é sempre ancilar — de uma teologia e ou de um estado.

Ora, sob o império ético desta filosofia medieval, que fazem os goliardos que de modo algum são filósofos? **Superam a filosofia.** Que outra actualidade nos podia parecer maior que a desta superação?

Agora que a afirmação superam a filosofia — está feita, assumamos o desafio.

Dissémos que toda a filosofia como sistema era ancilar. Esclareçamos. Citemos os nossos autores. Citemo-nos, dando a palavra a Henri Lefebvre: «O discurso filosófico configura e desenvolve, segundo as regras do discurso (a retórica e a sintaxe), uma palavra inicial. (...) Pretendendo-se expressamente verdade, e verdade realizada sobre o realizado, fazendo-se sem o saber mimesis (imitação do já feito e já

dito), a filosofia, no entanto, não poderia prescindir de poesis, isto é, do projecto. (...) O discurso filosófico, portanto, não atingiu nunca o seu objectivo formal: tornar-se puramente discurso, puramente filosófico. Há, no interior da filosofia e nas suas relações com o exterior, ambiguidade e mal-entendido (...). Feliz confusão, vivificante, que deve acabar por um regresso à poesia e por uma nova aliança entre o discurso e a palavra (parole); entre os conceitos e a imaginação. («Metafilosofia, Civilização Brasileira»).

Assim, estamos a vê-lo, a filosofia medieval é o comentário de uma palavra inicial. E que palavra é essa, senão a do Pai, a divina?

Esta palavra divina são as Escrituras. Esta palavra divina é a **escrita**. Com efeito, quando Moisés desce do Sinai, mostrando ao povo as tábuas escritas pelo dedo do Senhor, acaba de inventar o Pai eterno. O seu gesto inaugura os séculos, Moisés «cumpria o acto, ao mesmo tempo, mágico e funcional por excelência. A pedra dura e fria simbolizava perfeitamente o carácter intemporal (...), portanto trans-histórico das Escrituras. A escrita é a **anti-parole**. Depois de ter escrito durante os séculos e para os séculos, Deus cala-se. Os seus representantes não têm já nada a fazer senão interpretar as Tábuas da Lei».

Não valerá a pena desenvolver agora este ponto, mas anotá-lo-emos à margem desta citação e aprofundando o seu sentido: o dedo com que o Senhor escreve é um dedo fálico. Voltemos, porém à questão que nos ocupa. O comentário que é a filosofia medieval privilegia-se entre as demais actividades sociais, não perdendo, por isso, o seu carácter ancilar, mas reforçando-o. Esta filosofia é e prescreve uma moral a das Tábuas da Lei. É uma filosofia sacerdotal e Nietzsche ensinou-nos o carácter ancilar de toda a moral de tipo sacerdotal — o que vale dizer: o carácter ancilar desse tipo de dominação.

Simplesmente, este círculo vicioso não chega a fechar-se nunca completamente.

Se o mundo todo é um discurso divino, o comentário pode tornar-se no seu contrário. A interpretação pode tornar-se crítica, relativamente aos próprios princípios iniciais.

Se a filosofia deve reflectir sobre as demais actividades, em princípio para as fixar hierarquicamente em relação a si própria, o filósofo pode arriscar-se a descobrir que a actividade filosófica não é soberana. E, se deve, como moral, estabelecer e julgar os valores deste mundo, em princípio, para os sacrificar ao Valor SUPREMO, arrisca-se a ver alterados os seus pressupostos iniciais e a transformar-se em julgador do sacrifício do mundo num mundo de sacrifício.

Este, um dos aspectos iniciais para nos ajudar a compreender a «revolta dos goliardos»: o meio filosófico pode tornar-se meio de contestação. Só que esta contestação, cujas origens não são exclusivamente filosóficas, tende a formular-se também como filosofia. Isto não acontece, porém, com os goliardos que, precisamente, não são autores de qual-

quer sistema filosófico. Perguntemos então: que documentos nos deixaram os goliardos? Canções, os **carmina burana**, a imagem de uma versão hedonista de Roda da Fortuna. De facto, a revolta dos goliardos é uma revolta contra as Escrituras, contra uma **escrita** (a filosófica ou teológica) vinculada ao terrorismo anti-libidinal da paternidade.

Os goliardos deixaram-nos canções. Que cantam estes cantores? O mundo sensível: mulher, natureza, aspecto de fruição de relações humanas esteticamente e não esteticamente estabelecidas.

O que é importante notar é que, com tudo isto, o que os goliardos recusam é a realização filosófica da vida humana. Neste caso, uma realização filosófica «cristã», isto é, teologicamente subordinada, sendo neste sentido que os goliardos, a partir do meio que a produz, superam a filosofia. Quanto ao resto, vimos já no artigo anterior quais eram as origens não filosóficas da filosofia medieval.

Da interpretação do mundo, passam os goliardos para a sua transformação, diria Marx. Com efeito, o que é transformar o mundo, senão realizar a decisão de mudar a vida? E que fazem os goliardos se não transformar a condição a que, segundo a ideologia dominante, estariam socialmente (isto é, utilmente) votados? Os goliardos foram de facto uma espécie estranha de intelectuais. Que produziram eles? Não livros, não um sistema intelectual de interpretação (justificação) do mundo, mas um estilo de vida.

Cremos justificada a nossa afirmação.

Podemos, portanto, reconhecer-lhes limites. Para repouso al. Embora o que interesse não é sabermos que os goliardos não foram «proletariado», que não lograram alterar as bases da sociedade repressiva contra a qual se afirmaram, que esta acabou por tornar um gueto neutralizável a sua situação relativa, que a sua (promessa de) felicidade pereceu e que eram, entretanto, outras as classes que (nos) faziam a história. Coisas, na verdade, tristes o bastante para consolaremos os que da história tiram lições morais da existência dos goliardos.

Esclareçamos agora que hoje, entre outras coisas e neste texto estamos a tomar partido na controvérsia entre Eduardo Prado Coelho e os que zelam, como outrora dizia Cesariny, para que nada seja escrito.

De facto, os que se justificam pela ficção de um «processo histórico» entificado e — explícita ou implicitamente — desligado da vida quotidiana são os actuais glossadores da Lei. São os perpetuadores da dominação do(s) Pai(s), os que se empenham (cf. Marcuse) em manter o pecado original da(s) história(s) dos homens, isto é a justificação da dominação do **princípio de realidade** (consumado) sobre o **princípio de prazer** (possível). Têm, portanto, por trás de si um Sinai, isto é uma filosofia. Não libertam a história, impõem-na ao que a transborda, justificam-na. Justificam-se. Que transborda da história como destino ou **fatum**? A quotidianidade. Porque «a quotidianidade é insuperável. E intolerável, inadmissível. Encontram-na, desmentem-na, ignoram-na. Ninguém a aceita. A crítica, e somente a crítica da vida quotidiana poderia, portanto, reunir num feixe as múltiplas contestações (...). A

Continua na página quatro

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

José
Gomes
Ferreira:



"O que é difícil é criar o caos"

Quer o formulário tradicional da entrevista que ela comece por dar uma apresentação do entrevistado, para que, chegadas as palavras que ele disse, tudo se organize de uma maneira supostamente harmoniosa, graças à qual o leitor (no caso presente) entraria na plena posse do artista do escritor, da pessoa, em suma. Não se negam certas vantagens do método, mas ocasiões há em que mais vale infringi-lo e entrar directamente na matéria. E anunciar, muito simplesmente, que o entrevistado desta semana se chama José Gomes Ferreira, o que nem sequer seria necessário, pois o retrato aí ao lado fala como gente...

Ponha-se a primeira pergunta (já sacramental nestes diálogos) e deixemos que a conversa corra mais como José Gomes Ferreira quiser do que em obediência do esquema, unicamente à vista para enquadrar as palavras.

Tem algum método de trabalho?

Com mais de meio século de vida literária, tive, como é óbvio, não um, mas vários métodos de trabalho. E até um **método de preguiça** com que construí as linhas fundamentais do meu perfil literário. Pois nos anos de 20, de 30, de 40, etc., trabalhava: num ofício que poucos contactos tinha com a literatura, agarrado a uma moviola de escravo.

A minha vocação de escritor, que só à custa de muitos sacrifícios e teima consegui preservar, exerci-a nos intervalos desse trabalho, aproveitando a preguiça das horas de descanso para rabiscar papéis, papelinhos e Diários, sempre com a sensação de que estava a roubar tempo e dinheiro ao meu bem-estar e ao da família. Era, em resumo, um escritor de horas roubadas.

Valia-me também o mês de férias anuais em que tentava pôr em ordem os versos sarrabiscados durante o ano, ou cumprir alguma encomenda que ousava muitas vezes aceitar com uma coragem que ainda hoje me deixa pasmado. Por exemplo: o prefácio às **Folhas Caidas** de Garrett escrevi-o nos quinze dias de férias passadas em casa do João Cochofel, no Senhor da Serra.

E hoje?

Bem. Hoje abandonei a moviola, estou reformado, vivo quase exclusivamente dos livros e das minhas colaborações nos jornais e fui obrigado a estabelecer um método de trabalho adaptado à minha idade, sem horários, claro. (Mesmo nos tempos do trabalho-tortura sempre me defendi dos horários).

Actualmente o meu método resume-se a evitar escrever de noite, para escapar às insónias. Não tive outro remédio senão habituar-me a trabalhar de manhã, servindo-me, como já, dos materiais que reuni pacientemente durante os árduos anos da preguiça. À tarde, leio, converso com os amigos nos cafés, visito os editores, e à noite volto a ler e, às vezes, até a jogar as cartas, para me deitar o mais tarde possível. Pois continuo a ser noctívago, embora transpusesse as vagabundagens para o corredor da minha casa, onde ando quilómetros de ruas desertas imaginárias.

Obedece ou cumpre conscientemente qualquer ritual que considere propiciatório do trabalho?

Rodeio-me de livros, de pastas, de apontamentos, de Diários, de cadernos, de improvisos e todos esses **caos** de papel de que lhe falei e donde arranco, ou tento arran-

car, as linhas harmónicas da criação do meu mundo. Porque, como sabe, o que é difícil é criar o caos.

Aliás, nos últimos tempos, ensaiei um novo método de criá-lo. E o que eu chamo, no calão íntimo do meu laboratório-oficial, a **planificação da cabeça**. Assim: estendo na mesa uma folha de papel de máquina e começo a cobri-la, ora em linha recta, ora obliquamente, umas vezes em baixo, outras ao lado, palavras, frases, desenhos mal feitos, pensamentos, ideias, tudo o que me acode à cabeça, que ligo, desligo, formo, deforme, e risco, até apurar não sei o quê quase sempre coisa nenhuma. Porque o que este jogo tem de mais fascinante é o parecer que não serve para nada, pelo menos imediatamente. Só mais tarde, quando junto esses mapas e os analiso, descubro coisas extraordinárias que me surgem ideias importantes. Flores incríveis enroscadas num silvado de teias de aranha incoerentes que depois simplifico em frases e versos aparentemente fáceis. Planificar o cérebro eis a minha última descoberta.

Emenda, reescreve, ou fixa-se na forma inicial? Por outras palavras: é um «elaborador» ou um «impulsivo»?

Como se subentende do que já disse, sou ao mesmo tempo um **impulsivo** e um **elaborador**. Improviso em rajadas, nos tais papelinhos. E depois trabalho-os com afincado paciente e teimoso, às vezes durante anos. Sim. Corto, emendo, reescrevo, copio, recolo. E até às vezes conservo religiosamente a forma inicial, sem tocar na mínima palavra para não desmoronar o poema. Gosto também de trabalhar em coisas diversas na mesma ocasião. Agora, por exemplo, publicada a **Poesia - V**, em que o século XXX continua a viajar em mim, preparo quatro livros. A **Poesia - V**, que encerrará porventura o meu ciclo poético, **O Sabor das Trevas**, longa narrativa alegórica, **Gaveta de Nuvens**, complicação dos meus escritos de aparántica crítica, e **Face em espelho torto**, biografia inexacta de um homem exacto. **O Sabor das Trevas** já vai na segunda versão. E um livro difícil. Uma espécie de **João Sem Medo nocturno** numa atmosfera insólita de realismo fantástico.

Considera que progrediu desde que começou a escrever?

Como é natural, a experiência da vida enriqueceu-me (a outros empobrece) e, sentindo-me mais rico, a minha linguagem de raiz barroca simplificou-se, embora cada vez escreva com mais dificuldade e suor. Mas (em arte não há progresso. Há às vezes traição) continuo basicamente o mesmo de sempre, a cantar o que me apetece, ou o que posso apetece-me cantar, cada vez mais livre e ajustado à minha sinceridade.

Mas há quem o considere sectário...

Nunca o fui nem sou. A não ser que se queira chamar sectarismo à intransigência e fidelidade visceral ao que há de mais profundo em mim mesmo: ao que penso, ao que sonho, ao que desejo, ao que não acredito...

Aqui se concluiu a entrevista, mas antes de fechá-la ainda José Gomes Ferreira fez questão de acentuar que a expressão «ao que não acredito» diz exactamente o que quer dizer. O que igualmente se deixa registado, para informação dos bons entendedores, de longa data habituados a bastarem-se com meia palavra...

OPINIÕES CRÍTICAS

ANTOLOGIA DOS MODERNOS FICCIONISTAS CUBANOS

Um simples título pode levantar um mundo de interrogações e de problemas. É o caso deste. Qual a literatura que uma alteração de estruturas políticas produz? Em que medida pode a literatura contribuir para essa alteração? Quais os factores que numa obra literária a reflectem mais radicalmente? Que tipo de obras origina? Quem produz ou quem deve produzir essa nova (?) literatura? Novas formas e novos conteúdos políticos (se existem) criam necessariamente, novas formas e novos conteúdos artísticos? Neste campo, as perguntas são piores do que as cerejas...

Esta Antologia integra alguns escritores novos e menos novos que traduzem, nas suas obras, como dificilmente podia deixar de ser, problemas, incidências, temas que dizem respeito a um novo tempo cubano (com os seus erros. Diria, para já, que o volume carece de elementos que permitam ao

leitor situar esta amostragem de forma a poder entender o que significam os trechos escolhidos em relação ao passado e em relação ao presente. As notas biográficas que antecedem cada texto são nitidamente insuficientes para que se possam retirar ilacções desse tipo.

Mesmo assim, através dessas notas, é possível extrair algumas conclusões que não deixam de ser curiosas, embora, na verdade, seja provisórias pois o tempo não pára e as transformações que implica também não. No que diz respeito à idade, por exemplo, que vai dos sessenta e nove anos de Alejo Carpentier — um dos nomes mais ilustres aqui incluídos — até aos trinta anos de Reinaldo Arenas, autor já conhecido do público português através da tradução do romance «Mundo Alucinante», temos um espectro bastante lato. Em relação a extractos sociais dos autores antologados

... o que é muito mais significativo — deparamos com professores, jornalistas, outros licenciados, diplomatas, teatralógicos, um ex-empregado bancário, um ex-fotógrafo — ou seja, encontramos os níveis sociais que poderemos encontrar numa lista de qualquer outra literatura. Será justo concluir que outras classes ainda não têm acesso à criação literária?

E que tipo de preocupações, de ordem formal e ideológica, é possível discernir nestes textos? Passam por aqui, naturalmente, factos e acontecimentos de um período inquietante da vida cubana; num ou noutro texto é possível descobrir uma tentativa de ultrapassar o nível de evidência das coisas: esses autores tentam prospectar as raízes, as motivações de um comportamento que se distingue tão fortemente do normal. Em vão, no entanto, se procurará uma daquelas páginas capazes de nos dar a síntese

da história vivida — até talvez porque estas páginas não foram, na sua maioria, escritas por aqueles que à viveram. E raros são os casos em que verificamos uma tentativa de fugir ao estereotipado, ao nível modesto da crónica. Mesmo assim, algumas páginas resgatam o volume de aspectos medíocres de textos que inclui não sei se por deficiência de selecção, se por indigência do material a seleccionar: é o caso das páginas de Lezama Lima em que vemos uma situação clássica da literatura objecto de uma reela-

boração formal que sublinha certos significantes. E o caso também do texto de José Lorenzo Fuentes, uma interessante intrusão do fantástico na literatura política; do texto de Jaime Sarsuky, «Rebelião na oitava casa», no qual assistimos a uma tentativa de renovação estilística pela aglutinação dos vários tempos das personagens. Saliento ainda o conto de Cesar Lorez «Pedaços e Despedaçados» cujo interesse, no entanto, quase é destruído pelo excesso de hermetismo. Outro conto fantástico é o de Reinaldo Arenas,

mas não me parece de grande interesse. Uma das operações curiosas que se podem fazer com alguns destes textos é tentar ler o que por vezes há neles de nostálgico em relação a um outro tempo. Outra coisa curiosa é o facto do conto de Cabrera Infante — cujas atitudes anticasstristas são bem conhecidas — ser um fresco, terrível na sua secura de crónica, de acontecimentos ligados muito de perto a esse período de transição em que todas as actividades eram possíveis.

CARLOS PORTO

TISANAS (40-102)

ANA HATHERLY

Ao publicar as primeiras «39 Tisanas», declarara Ana Hatherly desejar pesquisar a realidade, pesquisando as estruturas da narrativa e através das estruturas da narrativa investigar as estruturas da linguagem e as suas correspondentes estruturas lógica e psicológica.

Neste segundo volume, encontram-se muitos dos símbolos que surgiam já no anterior. Vejam-se os animais (não só os reais sapos, cães, cara-

cóis, porco, vitela, mosca, elefantes, libélulas, lagartas, serpentes, melro, águias, peixes, zangãos — como os imaginados: o papa-sombras e o mono-asa, lembrando o *Goofus Bird* que, no «Manual de zoologia fantástica», Jorge Luis Borges introduzira na Fauna dos Estados Unidos e os vegetais (grainha da uva, ervilha, maçã, tomate) e também o facto de a expressão «era uma vez» aparecer nitidamente realçada, (textos 65 a 68, 70 a 95 e 97 a 102) embora, muitas vezes refira termos não concretos, tais como «uma ausência», «uma idade», «uma língua», «uma ocasião», outras se ligue a objectos fantásticos: «um esparguete em sangue», «um relógio anacrónico», «uma escada mole», «um mono-asa», «um mar de esparguete», «um esparguete azul turquesa», «um regato de cristais de gesso», «uma ilha onde se perdia o tempo» etc., ou se sempre mesmo, ritmicamente do tecto que se segue (101). Notem-se ainda aqui a utilização do *non-sense* (65), a reabilitação dos objectos vulgares e o emprego do duplo-sentido, muito bem conseguido na Tisana 50: «encostar a cara mesmo à gravidade». Estas constantes, aliás, tornam exemplarmente nítida aquela «segunda língua a libertar as entregas da linguagem» referida por Roland Barthes e que citei ao escrever sobre «39 Tisanas». Neste livro, no entanto, parece-me já

ultrapassada a fase da pesquisa, pelo menos da estrutura narrativa, pois estas fábulas, que muitas vezes como que se debatem entre a feroz agonia de dois pontos finais, constituem importantes pontos de encontro da autora com essa mesma estrutura, sendo mais uma consciente e hábil manipulação do que uma interrogação do artífice com a matéria com que trabalha, para usar os termos de Ana Hatherly. Concludentes a este respeito, são estas passagens: «não existe história alguma que não seja uma descrição mais ou menos completa de qualquer batalha» (56). «o significado é o que ficou no sinal» (57) e, principalmente, a fábula da serpente infinita sempre, mesmo que dela se levassem bocados para casa (68) e a do texto seguinte onde se diz: «a história é infinita, podemos interceptá-la em qualquer ponto».

Obra a ter em conta, estas *Tisanas* não esperam do leitor, passividade nem inércia, mas uma participação interessada e lúcida, a fim de se transformarem naquela «história tão impressionante que quando alguém a lia o livro começava a transpirar pelas folhas. Se o leitor fosse muito bom o livro soltava mesmo algumas pequeninas gotas redondas de sangue».

ANTÓNIO REBORDÃO
NAVARRO

Os goliardos

Continuação da página três

totalidade das contestações e a contestação da totalidade, isto é, a negatividade, só se reconstituem a partir do quotidiano. É, de novo, Lefebvre quem (deles?) diz: «Que ancestrais ou que retardatários de mau agoiro poderam escrever: o filósofo será o chefe? Na verdade, nada se aproxima mais do pai e da atitude filosófica do paternalismo. Como o pai carnal, o pai de família, o filósofo engendra; educa com força e doçura, mão de ferro (o sistema) num luva de veludo (O discurso persuasivo, a retórica). (...) Os discípulos situam-se entre a repetição obstinada das fórmulas apreendidas e pouco compree e ndidas, e a contemplação do modelo inacessível: o mestre, e, por seu intermédio, o Verdadeiro. Situam-se em plena *mimesis*. (...) Assim, a paternidade filosófica e a paternidade familiar apoiam-se reciprocamente há séculos. (...)»

Voltemos, porém, aos goliardos uma última vez. Diz Le Goff: «A Alta Idade Média tinha-se esforçado por prender cada um ao seu lugar próprio, ao seu trabalho, à sua ordem, ao seu estado. Os Goliardos são uns evadidos (...). Por vezes, para ganhar a vida, fazem-se jograis ou bobos, don-

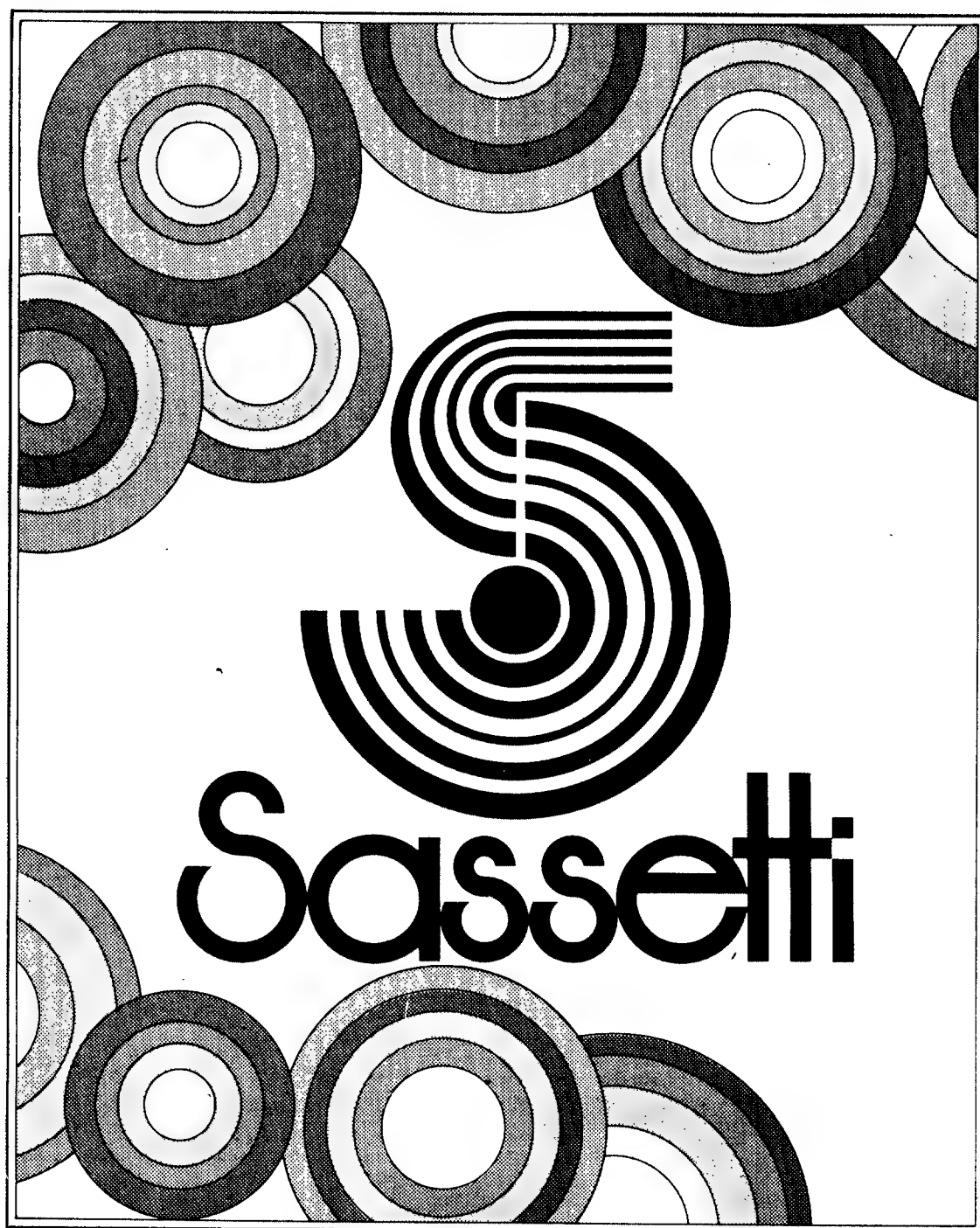
de vem, sem dúvida, o nome com que frequentemente aparecem. Mas lembremo-nos também de que o termo *joculator*, *jogral* é o epíteto que na época se lança na cara de todos aqueles que se acham perigosos, que se quer eliminar da sociedade. Um jogral é um «vermelho», um rebelde...»

E são de Nietzsche estas últimas palavras: «Não é o problema do que advirá à humanidade na sucessão dos seres que ponho aqui (... o homem é um fim —): mas o problema que ponho é o de que tipo de homem se deve produzir, se deve querer como o ser do de qualidade superior, mais digno da vida, mais certo perante o futuro.»

«Este tipo de qualidade superior, já existiu por mais de uma vez: mas como um acaso feliz, como uma excepção, nunca como qualquer coisa de *deliberado*. Melhor ainda, foi ele justamente quem inspirou o mais belo dos medos; era, por assim dizer, o terrível — e do fundo do medo, foi o tipo inverso que foi querido, produzido *obtido*: o animal doméstico, o animal gregário, o animal doente homem — o cristão...»

Quem tem medo dos goliardos, eis a questão.

MIGUEL SERRAS PEREIRA



há muito tempo que a música é o nosso ofício...

completamos 125 anos
de constante renovação musical.

ALCIDES BAGO DE MILHO OU A ASTÚCIA DA VIDA EM ALVES REDOL

Contra uma primária percepção — oposta à tese de que a arte ganha mais com a presença de heróis positivos — permito-me recordar uma afirmação que vem a pág. 274 do meu livro «Teatro, Vanguarda, Revolução e Segurança Burguesa».

Fora de dúvida, a crítica da sociedade burguesa pode ser feita mercê do drama de um determinado herói negativo. Temos, nesse sentido, o exemplo nítido da «Mãe Coragem» de Brecht. Na estrutura desta peça concorrem personagens negativas, a par de outras de carácter ou comportamento actuante. Trata-se de um contraste que, na verdade, pode ser utilizado para a maior evidência, para a maior pujança para toda a força possível das oposições «mais-menos», «tudo-nada», «acção-reacção» — ou, no caso que agora nos importa, «boa consciência-má consciência».

Alcides Bago de Milho — a personagem (negativa) principal do romance com que Alves Redol atingiria talvez a maturidade de ficcionista — segue, ao longo de **A Barca dos Sete Lemes**, uma trajectória de desumanização. Constitui, em Redol, mais um «tipo» perfeitamente concretizado, uma individualidade de traços definidos ao nível da sua existência.

Bago de Milho fala por si (chega aqui e acolá a discordar do ficcionista, nos diálogos que com ele trava na prisão). Não se afirma representando outros, abstractamente, metaforicamente, único meio pelo qual poderia vir a constituir uma entidade ou personagem alegórica. Já no meu artigo anterior rejeitava a ideia de que em Alves Redol se encontrasse uma ficção de algum modo simbolizada, ou de feição alegórica. Por isso, antes de mais, rejeitaríamos aquela afirmação de Alexandre Pinheiro Torres (que o leitor pode encontrar no seu prefácio a este romance de Redol), segundo a qual «**A Barca dos Sete Lemes** será o romance alegórico da progenie dos Alcides». A analogia que se estabelece entre vários «tipos» é uma relação de semelhança entre individualidades distintas, não o simples e esquemático reflexo de modelos exemplares.

Bago de Milho, pelo seu concretismo real, é assim muito mais (ou melhor, coisa muito diferente) de uma simples alegoria. **A Barca dos Sete Lemes**, que se situa no meio do itinerário que vai de **Gaibéus** a **Barranco de Cegos**, não vale já somente um documentário,

como acontecia no primeiro texto da ficção de Redol.

A Barca dos Sete Lemes põe em causa, dinamiza, um outro problema. Neste romance a contraposição é diferente, mas não menos crítica ou dramática. Digamos que ela se verifica entre polos pessoais de uma mesma classe. Enquanto em **Barranco de Cegos** se irão contradizer subtilmente as concepções, passadistas, da vida, contra um mundo cuja alvorada se adivinha, em **A Barca dos Sete Lemes** o conflito moral estabelece-se entre a classe a que pertence Bago de Milho e ele próprio. Alcides será o «judas» e depois o verdugo da sua própria classe.

Já se considerou a história de Bago de Milho um romance antítese da história de Diogo Relvas. Em **Barranco de Cegos** o herói é um obsessivo pelo seu universo de conceitos velhos, de preconceitos pelo tempo. Diogo Relvas considera-se um aristocrata no plano moral. Ao contrário, porém, Alcides Bago de Milho vale o típico oportunista, que não tem nenhuma consciência de ordem social. Cheio da sua indignidade, orgulhosamente até, ele deixa-se ir ao sabor das conveniências de cada momento e das necessidades de todos os momentos. Enquanto Diogo Relvas está e quer estar onde sempre esteve, e daí não pertence (nem concebe que venha alguma vez a pretender) arrear pé, opostamente Bago de Milho procura alcançar o lugar onde nunca esteve, a posição em que nunca se ergueu. Ele é o desmascarado exemplo do arrivista.

Alcides mata sem a menor dúvida de sentido reprobatorio. «Mas o que é um crime?» — chega a ele a pergunta com a maior indiferença pela resposta. E eu sempre diria que analisando-se cuidadosamente este terrível tipo de desinibido que é Bago de Milho, e as causas que estão na génese da sua má personalidade, nos tornamos muito mais capazes de enter que, na verdade, como reflexo artístico do real, a arte consiste efectivamente em representar a «astúcia» da vida. Com um fim porém. O de descobrir (dissolvendo a «astúcia») a ingenuidade das coisas e das pessoas — descobrindo a verdade, em suma.

Não direi que em **A Barca dos Sete Lemes** se represente, de maneira tão excelente como a de Shakespeare em «Timón de Atenas», o poder modificador do dinheiro.

É evidente que um Alcides Bago de Milho — semi-analfabeto, no entanto orgulhoso do seu saber de poucas letras — nada conhece destes problemas de economia política. Basta-lhe a referida astúcia da vida para maquinar sobre as suas conveniências de transfuga e de futuro carrasco da sua classe. Bago de Milho não se promove. Vende-se, afoga-se. É um exemplo concretíssimo, típico. O homem de má consciência julga-se promovido na razão inversa do grau da sua consciencialização. No entanto, ele está a ser esmagado num processo de relações de produção que correspondem a determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas materiais.

Como se diz em certo passo de «A Ideologia Alemã», as ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada época. Por outras palavras: a classe que exerce o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder «espiritual» dominante. Neste sentido (por ironia, evidentemente) diríamos que Alcides Bago de Milho se «espiritualiza» progressivamente ao

longo deste romance de que é a personagem capital. Alcides tem um começo miserável de existência (o asilo); depois vêmo-lo no mercantilismo astucioso da mercearia do Lobato; finalmente, mercê daquele poder transformador dos valores materiais (simbolizados, todos eles, no dinheiro), encontramos-lo todo entregue, à classe que tem à sua disposição nos meios para a produção material e que, por isso mesmo, organiza uma certa produção «espiritual» a seu sabor.

Levando Bago de Milho ao nível mais concreto das suas contradições internas, quando Redol o faz sair de casa do Mula Brava coloca-o à beira de se integrar num grupo de valadores. E a busca do contraste que enriquece, realisticamente, o contexto da ficção.



Redol no tempo em que escrevia «A Barca dos Sete Lemes» (fotografia inédita, tirada em Julho de 1957).

Bago de Milho, porém, tem outro alvo na mira. Não se deixa «contaminar» pelas preocupações profissionais e pelos designios sociais dos valadores. Almeja um caminho diferente, se bem que desajustado da sua origem. Decerto, ele carece de meios para a jornada, semidignos que sejam. Superados, então, com outros totalmente indignos.

Eis aqui bem patente a diferença radical entre **Barranco de Cegos**, **A Barca dos Sete Lemes**. O seu ponto de convergência está, naturalmente, naquilo que ambos têm de comum: — ainda que por caminhos diferentes, os dois mostram, ou revelam criticamente, distintos (porém, conorrentes) processos que conduzem à destruição das rela-

ções de convivência.

Este parece, na verdade, ser o remate lógico do presente texto. Alcides configura outro, nele mesmo — não como expressão puramente arbitrária de um desdobramento psicológico ou artificial, antes como tradução de um processo real de contradições. Alexandre Pinheiro Torres defini-lo-ia assim, lucidamente, no seu jogo dialéctico: «Alcides é o carrasco das causas que o aniquilam: torna-se, paradoxalmente, o carrasco de si próprio».

FERNANDO LUSO SOARES

A propósito de um notável e recente concerto de Música e Danças Coreanas na Juventude Musical de Lisboa e Porto, que lamentavelmente não possuía qualquer esclarecimento ou notas explicativas válidas sobre a Música.

Se geograficamente a Coreia é uma península montanhosa e isolada, a meio caminho entre a China e o Japão, do ponto de vista musical a situação é paralela.

Com efeito, aquele país foi o «local-museu» onde se preservaram e subsistem antigos estilos musicais desaparecidos hoje da China e, em particular, a música da dinastia T'Ang (618-906 D.C.) e a Orquestra Ritual Confucionista da dinastia Han (206 A.C. a 220 D.C.).

Por outro lado, através da Coreia passou ao Japão a maior parte dos instrumentos musicais chineses. Ainda por esta via, no século VI da nossa era, penetrou igualmente no Japão o Budismo com todas as implicações musicais daí resultantes.

A música coreana é, contudo, não só muito diferente da música chinesa, como também, pós de parte algumas semelhanças com a arte musical nipónica, nos mostra uma individualidade própria. Assim, o uso do tambor acompanhando a voz humana representa reminiscências do «chamanismo», o que, contrariamente ao que se verifica na China, relaciona directamente as bases da música coreana com o fundo cultural do Leste asiático (Esquimós, Ameríndios, Tunguses, etc.).

A influência musical do Sueste asiático, faz-se sentir também, bastante mais acentuada na Coreia do que na China, embora venha a ser no Japão que a mesma atinge aspectos verdadeiramente notórios.

Uma característica fundamental dos países orientais está na existência paralela de uma música folclórica e duma arte musical palaciana, assente numa teoria bem determinada. Este facto também se verifica na Coreia. Porém, enquanto na China a diferença entre estes dois tipos de música é relativamente reduzida, na península coreana e no Japão é, pelo contrário, muito acentuada. A posição paralela das

A MÚSICA COREANA

músicas, palaciana e popular, nestes dois últimos países, é contudo inversa.

Na Coreia é a música palaciana que se assemelha um pouco à arte musical chinesa, sendo o folclore totalmente diferente. No Japão dá-se precisamente o contrário. O género palaciano da música coreana possui, além de vários aspectos profanos, uma faceta ritual confucionista e budista, mais vincadamente chinesa. No género popular (folclórico) salienta-se como mais notável as «danças aldeãs da colheita do arroz» (com oboés e tambores) inteiramente autóctones.

E sabido como a teoria musical chinesa (sistemas tonais, intervalos, etc) foi modificada pela existência, na Coreia, duma prática musical diferente de origem popular. Assim, não existem ou não parecem existir na música coreana as consonâncias de quarta e quinta, tão características da arte musical coreana. Por outro lado, e embora o esqueleto-base da melodia coreana seja, como na China, a escala pentatónica sem meios tons, o certo é que é também frequente o emprego do pentatónico com meios tons, com ou sem cromatismos, tal como é característico do Sueste asiático (Indonésia) e especialmente do Japão. A rítmica coreana, ainda que quase

sempre simples, como na maior parte dos modelos chineses, apresenta contudo a particularidade curiosa duma acentuação sistemática do tempo fraco (pulsção rítmica sincopa).

Os instrumentos musicais são os mesmos da China e do Japão, mas possuem, quase sempre, uma forma mais arcaica. E o caso, por exemplo, do «tambor em forma de ampulheta» de duas faces (Chang-Ko) já caído em desuso na própria China, mas cujo protótipo se encontra ainda entre os Papuas da Nova Guiné e os Timores. Entre os instrumentos de corda destaca-se um tipo de cítara sobre prancha convexa semi-tubular (forma exclusiva do Extremo Oriente) correspondente ao modelo chinês «Shê» (grande). Na Coreia existe uma forma reduzida com 12 cordas «Kaya-Kum» que corresponde ao «Cheng» dos chineses e ao «Jō-nō-kōtō» japoneses.

A guitarra de braço curto «Wol-kum» é idêntica à «P'i-p'a» chinesa e à «Biwa» dos japoneses. Também a viola de arco com duas cordas «Hae-kum» é muito semelhante ao tipo chinês «Hu-Ch'i'in». A Coreia possui aerófonos, de sordirecto (vários tipos chineses e japoneses de flautas verticais e horizontais) e de sopro com palheta batente dupla (Oboé cónico do tipo japonês «Hichiriki»). Possui também aerófonos de sopro com palheta livre do tipo «órgão de boca», idênticos na forma e textura ao «Shêng» dos chineses e ao «Sho» dos japoneses. Os idiófonos são principalmente vários modelos de gongos e sinos com correspondência em exemplares chineses e japoneses. A maior parte destes instrumentos podem ser, como na China, no Sueste asiático e no Japão, agrupados em orquestra. Na Coreia existe uma orquestra de corte «Ah-Ahk» da época da dinastia chinesa T'Ang, a que corresponde no Japão uma das formas do «Gagaku».

No que respeita ao teatro coreano, ele é semelhante ao teatro chinês, mas por vezes possui ainda vestígios da época da dinastia T'Ang.

LUÍS MONTEIRO

TEATRO E LINGUAGEM

Não têm estas páginas intenções críticas: pretendemos apenas chamar a atenção dos leitores para a presença num teatro de Lisboa, durante a semana que decorre, de um espectáculo que constitui certamente uma das mais rigorosas e perturbadoras experiências do teatro contemporâneo. «Tortura Verbal», chamou Peter Handke à sua peça «Gaspar» e essa expressão denuncia o teor de um texto poético, tanto sob o ponto de vista ideológico como estético, texto que o encenador e actor espanhol José Luís Gomez transformou num notável espectáculo. Queremos, ao mesmo tempo, alertar os possíveis interessados para a actividade que o Instituto Alemão em Lisboa tem vindo a exercer desde há alguns anos. Graças ao dinamismo, amor pela

cultura como forma de entendimento entre os homens, incansável esforço de Curt Meyer-Clason (e utilizados nestas circunstâncias, aqueles chavões readquirem toda a sua força expressiva) — o Instituto Alemão transformou-se num dos raros centros vivos cuja irradiação representa uma autêntica dinamização da vida cultural da cidade.

Dado o esforço exigido pelo espectáculo, não nos foi possível obter, de momento, uma entrevista com José Luis Gomez. Por esse motivo, tomamos a liberdade de recolher algumas declarações que aquele homem de teatro fez há escassas semanas à revista «Triunfo» numa entrevista excelentemente conduzida pelos redactores daquele semanário espanhol, Fernando Lara e Diego Galan.

O ESPECÍFICO TEATRAL EM "GASPAR"

Peter Handke é peremptório: a sua peça é um objecto de teatro e só como tal deve ser tratado. Basta ler a minuciosa descrição do cenário; a maneira como coloca a personagem em cena e como estrutura a peça; as referências concretas a objectos cénicos — para não termos dúvidas sobre isso.

Atente-se, sobretudo, no facto de as personagens que rodeiam Gaspar, que o manipulam, serem «personagens» de teatro: os «pontos» que, habitualmente metidos num buraco do palco ou escondidos entre os cenários, «sopram» as falas aos actores.

Vemos assim, como a peça se realiza a dois níveis: o nível «sociológico», em que nos é mostrada a maneira como o homem pode ser manipulado através da educação que recebe; o nível específico teatral em que essa amostragem se assume (não é o actor um ser profissionalmente manipulado?).

Assistimos, durante o decorrer da peça, à evolução sofrida pela personagem que surge como um ser amorfo, opaco, vazio (ler: disponível), e pouco a pouco se vai abrindo ao mundo que o rodeia; aos objectos; vai entendendo os fenómenos (aliás, primários) com que depara. O seu entendimento das coisas, no entanto, será sempre superficial, repetitivo, quase maquinal, pois não é consequência de um acto de reflexão sobre os fenómenos; não é o resultado de um aprendizado consciente e voluntário, único capaz de impedir a alienação do indivíduo.

Pouco a pouco, insensivelmente, Gaspar vai sendo assumido pelas palavras que lhe projectam; transforma-se, sem dar por isso, no objecto que essas palavras pretendem criar e moldar. Como um homem que escolhe determinada marca de cigarros não por ser aquele de que mais gosta, nem conscientemente influenciado pela publicidade, mas condicionado por «mensagens» de que não se apercebe — Gaspar recebe e reage aos estímulos que o envolvem e que o forçam a um comportamento pré-determinado.

Saber os nomes dos objectos ou das sensações é — na peça de Handke — o único caminho possível para os tornar aceitáveis: **As palavras que escutas e as palavras que dizes fazem-te sofrer. Nada te faz sofrer pois tu não sabes o que é sofrer; tudo te faz sofrer porque de nada sabes o significado; porque não sabes o nome do que quer que seja, tudo te faz sofrer, mesmo se não sabes que sofres porque não sabes**

o que a palavra sofrimento significa.

Desde que Gaspar adquiriu a capacidade de apreender a palavra — significante — é possível enchê-lo de um conteúdo — significado — orientado. «Gaspar» começa com uma frase que a personagem profere sem compreender o sentido e parte para o (falso) entendimento de frases supostamente eloquentes mas, como a sua frase (que para ele não tem sentido), esvaziadas de qualquer conteúdo: **Cada homem é responsável pelo seu progresso; o trabalho desenvolve no homem a consciência do dever; aquele que nada possui, substitui a palavra pelo trabalho; todo o sofrimento é natural; todo o homem que trabalha tem direito ao repouso necessário para recuperar as forças que dispendeu no trabalho.** ETC.

Estas frases-clichés, atiradas pelas vozes que submetem Gaspar a uma autêntica «tortura verbal», como diz Handke, são acompanhadas pela acção deste no palco. Essa acção não pretende reconstituir cenas da vida nem imagens do real. Handke sublinha constantemente no seu texto a especificidade cénica do comportamento da sua personagem: Gaspar põe em ordem o palco que é um palco povoado de adereços de teatro (os adereços são colocados sem que haja qualquer relação entre eles; há uma vassoura que tem a inscrição «palco» ou o nome do teatro; e um cesto de papéis vazio com a mesma inscrição).

Como em «Insulto ao Público», Handke quer que o espectador assumia a sua concreta condição de espectador de teatro de forma a poder aperceber-se de que aquilo que está a ver é uma determinada proposta crítica que ele, como espectador, é convidado a discutir, a negar ou a aceitar.

Levando-se esta proposta até às suas últimas consequências, poder-se-á dizer que, mesmo assim, o simples facto de Handke apresentar o seu tema de determinada forma implica um princípio de manipulação do espectador. Pela mesma razão, se poderá dizer que este jornal ao propor ao leitor esta dupla página sobre um espectáculo que entendemos ser do interesse do leitor, está a tentar convencê-lo, a manipulá-lo embora esse espectáculo proponha um rigoroso questionamento desse tipo de comportamento social.

O que acontece, contra Handke, é que as coisas são mais complexas e o homem dispõe de recursos que o habilitam, pelo menos em determi-

nadas circunstâncias, a resistir a essa manipulação. Se, porventura, no caso extremo, focado em «Gaspar», as coisas poderiam passar-se como o dramaturgo o indica, o ser histórico que o homem fundamentalmente é reflecte a sua capacidade de consciencialização e de questionamento opostos, naturalmente, à passividade que Gaspar revela.

Por isso «Gaspar» só se pode aceitar a partir de um mínimo de circunstancialização histórica. Se o homem em condições normais é o resultado do meio ambiente, age também sobre ele. E embora, como o defende Lewis-Strauss, a infância da humanidade não possa ser comparada à situação destes seres que viveram fora

da civilização, a verdade é que para se transformar naquilo que hoje é, o homem teve que travar sozinho, uma longa, terrível batalha.

A esta observação crítica à peça de Handke poder-se-á responder que é o reflexo de um aprendizado que é também, por mais livre e dialéctico que se pretenda, uma manipulação — o que não nos levaria a parte nenhuma.

Era do específico teatral de «Gaspar» que pretendia falar. Mas a riqueza desta peça é de tal ordem que na sua própria condição permite e justifica constantes prolongamentos para o real que, aliás, também absorve.

CARLOS PORTO



José Luís Gomez: «O Pupilo quer ser Tutor»



José Luís Gomez conversando com Meyer-Clason

PALAVRAS DE JOSÉ LUIS G.

Que é exactamente «Gaspar»?

J. L. G. — (...) «Handke coloca num espaço absolutamente neutro um ser que não sabe nem andar nem falar, e faz com que vozes atiradas por altifalantes o ensinem a falar. E, da mesma maneira que aprende a falar, também aprende a andar. O traçado da obra não é realista, mas sintético ao nível estrutural. Gaspar começa a designar os objectos mediante a linguagem, a estabelecer relações lógicas entre eles, e, sobretudo, a conceber uma ordem. É este, resumidamente, o tema central da obra: linguagem, ordem e, logo dor. Com todo um processo de manipulações que surge em níveis muito diversos.

Neste sentido, «Gaspar» apresenta-se como uma investigação das estruturas da linguagem, um corte nos significados lógicos e ideológicos que essas estruturas implicam. Handke incide na problemática dos «mass-media», na forma como o homem recebe uma série de comunicações que normalmente mascaram e deformam a realidade.

Se a peça foca estruturas de linguagem como concebete a tua encenação? Também sob um ponto de vista estrutural, pondo também, por teu lado, em questão determinadas estruturas das formas cénicas?

J.L.G. — Sim, pois o problema principal consiste na necessidade de levantar através da encenação imagens muito claras e, ao mesmo tempo, saber quais os signos mais adequados. Para mim, a única forma de abordar a obra é uma forma concreta: procurar saber perfeitamente o que a obra oculta e comunicar ao público um conteúdo igualmente concreto. Formalmente, isto não funciona ao nível dos signos tradicionais do realismo, não pode ser feito dessa maneira. Por isso, um dos meus principais problemas foi encontrar equivalências formais para esse

escrita. Como dar formalmente a carga que a obra contém, como dizê-la? Este foi, repito, o nosso problema maior pois a estrutura da obra é tão rigorosa ao nível formal que não poderia traduzi-la em termos realistas. Ser concretos e não utilizar os esquemas tradicionais do realismo que é o problema de qualquer pretexto poético ou de qualquer pretexto teatral, foi insistir a nossa obsessão.

A nível de dicção, «Gaspar» põe também problemas que são semelhantes aos de «Relatório para uma Academia», mas, claro, muito mais sintéticos, porque no texto de Kafka se trata de um símio, uma coisa muito real, muito concreta, muito clara, um senhor que se move como um símio. Aqui não, aqui trata-se de um ser praticamente inventado por Handke, ou seja, que não se sabe onde vem, não vem de nenhum lugar, não te dizem que acaba de descer do comboio nem que herdou a casa de campo da prima, ou que acaba de chegar a Polícia... Não, não, não há nenhum esquema de anedota nem de fábula, apenas uma personagem que está ali e que se move por impulsos. Handke faz, por exemplo, uma descrição abso-

PETER HANDKE: AS DEZASSEIS FASES DE GASPAR

1.ª fase — Pode Gaspar, que tem uma frase, começar com essa frase e fazer algo com essa frase?

2.ª fase — Pode Gaspar, com a sua frase, conseguir algo contra outras frases?

3.ª fase — Pode Gaspar, pelo menos, afirmar-se com a sua frase contra outras frases?

4.ª fase — Pode Gaspar defender-se contra outras frases e manter-se calado, embora as frases o incitem a falar?

5.ª fase — Pode Gaspar só aperceber-se daquilo que fala, pelo facto de saber falar?

6.ª fase — Pode Gaspar, que tem frases, conseguir algo com essas frases, não somente contra outras frases, mas também contra os assuntos de outras frases?

7.ª fase — Pode Gaspar, com o auxílio de frases sobre a ordem, ou melhor: com frases ordenadas, pôr ordem em si próprio?

8.ª fase — Pode Gaspar formar, da ordem de uma só frase, toda uma série de frases que representem uma ordem dominante?

9.ª fase — Pode Gaspar aprender o que, em cada caso, é o modelo, com o qual se pode produzir um número infinito de frases sobre a ordem?

10.ª fase — Pode Gaspar tornar os assuntos acessíveis, com os modelos de frases aprendidos, ou pode ele ser tornado acessível aos assuntos?

11.ª fase — Pode Gaspar dar, com frases, a sua contribuição para a grande comunidade das frases?

12.ª fase — Pode Gaspar



GOMEZ

lutamente absurda e sintética da sua maneira de andar, uma maneira de andar que ninguém utiliza. Desse modo, é necessário encontrar uma equivalência poética de como traduzi-la. Para conseguir esse tipo de coisas tivemos que trabalhar muitíssimo, horrorosamente, primeiro, devido aos vícios normais do actor que são quase os mesmos vícios da dicção no que se refere à emissão de voz ou à linguagem articulada — a nível da informação na linguagem. Por exemplo, os clichés da rádio, da televisão, os clichés disto e daquilo... todos. Porém, ao mesmo tempo, estes não existem a um nível consistente suficiente para que os possamos utilizar como veículo, com o pleito de uma expressão que procura mostrar as armadilhas quotidianas da linguagem.

Aqui estamos, pois, perante um problema de comunicação: descobrir numa obra tão árida os necessários estímulos para o espectador. Para resolver este problema, foram muito importantes as conversas que tive com Alberto Corazón (...). Pusemo-nos o problema de a obra precisar, a nível teatral, de uma série de estímulos, e tínhamos que dizer que tipo de estímulos (sonoros, luminosos, ópticos, iconográficos) se devem dar ao espectador num momento determinado para que possa ser receptivo. Estou certo de que a receptividade da obra está em proporção directa com essa sensibilização. Estou a falar, talvez, de maneira demasiado abstracta, mas sei, antecipadamente, que há um público que não é receptivo ante «Gaspar». E assim, não se

pode modificar. Nem o pretendo porque essas modificações dependem de outras alterações estruturais.

Por isso, pela nossa parte fizemos um trabalho que pretende ser muito sóbrio, muito fiel à obra de Handke, tendo em conta o facto de que as nossas necessidades (as do grupo, os quatro actores que intervêm e eu) tendiam para o concreto. Quer dizer, sentimos a necessidade de expressar vivências concretas, iniquidades concretas, feridas concretas, reflexões concretas, e, por isso, em nenhum momento deixámos que «Gaspar» — que parece mera estrutura de linguagem, acumulação da palavra, chuva linguística — seja mera chuva linguística e mero jogo de artifício verbal, pois estamos bastante dominados pelo concreto e ajudados por uma solução o mais profunda possível dos problemas que a obra levanta. Não se trata já «falar bem» em teatro, mas de tratar a linguagem de um modo determinado.

(...)

Um pouco de acordo com a análise que Handke fez da linguagem — e que tu assumiste e traduziste tecnicamente — que pensas que aconteceria ao ser humano se essa linguagem fosse depurada, libertada dos conteúdos vazios, do seu carácter alienante? Como viveríamos? Como seríamos?

J. L. G. — Não posso sabê-lo, pela minha parte. O que possível é essa libertação... Vem a ser um pouco como no «Relatório para uma Academia»: todos sabemos que existiu um estado, digamos, de coincidência, do homem com a sua possível natureza, maior do que a actual. Quero dizer, todos admitimos de que podemos coincidir de uma maneira mais profunda com nós próprios do que agora acontece, de que há uma cisão maior ou menor, de acordo com a situação, a idade e outros motivos — entre o que se é e o que se aparenta ser, ou entre aquilo que se poderia ser e aquilo que de facto se é, etc. Assim, parece possível que cada um de nós se expresse, utilize a linguagem com mais espontaneidade, de forma mais adequada ao que quer dizer, aos respectivos conteúdos, sobretudo em público, que é o que mais nos interessa. Adequação às necessidades reais do indivíduo, adequação à sua vocação comunitária... A linguagem é comunicação, não se trata de uma descoberta minha, mas é manipulada, é utilizada com determinados objectivos. Insisto em que, resumidamente, parece possível que o ser humano se exprima com um grau muito maior de espontaneidade e adequação a um objectivo de convivência adaptada às suas necessidades autênticas.

No que se refere a isso de «necessidades autênticas», re-

meter-me-ia simplesmente para a ciência. Ou seja, a ciência conhece-nos, conhece o que o ser humano necessita de facto, o que realmente é, biológica e psicologicamente. Já sabemos bastante, sabemos tanto já sobre nós próprios que estamos — no que se refere a estruturas sociais que correspondam, que satisfaçam essas necessidades reais — anos-luz atrasados. Quer dizer, se leio um estudo sobre a necessidade real de um tratamento psiquiátrico para enfermos adequados à enfermidade, se existe a necessidade real de uma educação que seja adequada às necessidades biológicas e do desenvolvimento coerente do indivíduo, com o menor número de peias possíveis; se já conhecemos coisas a respeito de tudo isto (e, evidentemente, conhecemo-lo ou, pelo menos, há material suficientemente extenso para possuímos referências concretas), e observamos depois o que temos à nossa disposição no que se refere a estruturas públicas para satisfazer essas necessidades, bem, há um desfasamento colossal; parece-me evidente, não? Era disso que falava Monod no «Acaso e Necessidade», de que a ciência está a ser utilizada pela sociedade industrial para o que a esta interessa, para o seu crescimento contínuo. Enquanto se despreza aquela parte da ciência que melhor poderia servir o ser humano, ficando assim por satisfazer uma série de necessidades reais e concretas do indivíduo. Reais por um conhecimento objectivo, está claro.

Que se passaria nesse caso, se o homem se pudesse exprimir? Haveria uma transformação, haveria um «eureka», voltar-se-ia ao Paraíso? Não diria tanto, mas espero que o conhecimento objectivo me venha elucidar. Chegar a poder colher os dados suficientes que me possibilitem entrever essa hipótese. Imagino que seria algo como viver com mais sensatez, viver mais honestamente, conviver mais... De qualquer forma, deveremos ser totalmente realistas neste campo e não largar nunca os dados do conhecimento objectivo. Já sabemos tanto sobre certas coisas, que não vale a pena pensar num paraíso extraterrestre; por mim, prefiro agarrar-me a coisas muito concretas. E antes que «paradise now», escolas que possibilitem um «paradise now» ou uma «paradise tomorrow». Escolas muito abertas, centros de formação muito abertos, uma potenciação da comunidade do indivíduo a um nível muito tangível, muito racional, muito concreto.

E noutro campo, mas em conexão com este, existe o problema momentâneo da transformação das estruturas económicas que sofre a situação do actor em Espanha, com os salários, as reivindicações, e tudo o mais. E evidente que a situação do actor é socialmente uma situação péssima. Não deve o homem numa sociedade civilizada viver arrastando-se, como o actor vive nove meses por ano. As suas exigências, as suas reivindicações são absolutamente justas, é necessário transformar esta situação social — ou se não se puder transformar — melhorá-la, pelo menos. Apesar disso, dá-me a impressão (é um reflexo que faço para mim mesmo) de que a adequação à profissão e aos objectivos da profissão não está suficientemente integrada em muitas das exigências que se fazem. Quero dizer, que se o actor se limita única e exclusivamente a exigir mais dinheiro e não melhores condições de trabalho, é que a coisa anda mal. Porque se o actor não se preocupa, para além de receber pelos ensaios e de ver os ordenados aumentarem, com a qualidade do seu trabalho, se não tem em conta as condições objectivas em que

se move o teatro e não equilibra exactamente as suas exigências económicas com a melhoria das condições do seu trabalho, nesse caso isto está muito mal. Porque nesse caso, haverá uns tantos senhores que trabalharão muito, que serão os que trabalharão sempre, haverá menos peças com muitos personagens, gastar-se-á muito menos tempo a ensaiar, e o actor — não tenhamos ilusões — não está preparado para fazer uma peça em vinte dias e as coisas não vão mudar, apenas vamos ganhar mais dinheiro.

E como o «slogan» da esquerda francesa nas recentes eleições: «Pour vivre mieux». Creio que «vivre mieux» é também trabalhar «mieux», se esse trabalho não é alienante, e não apenas ganhar mais. Enquanto os actores por eles próprios, pela sua criatividade e pelo seu trabalho, pela sua conjugação e pelas suas cooperativas ou pelo que quer que seja, não consigam criar um trabalho com mais qualidade que conteste o actual estado de coisas, continuaremos assim, quando a luta principal deve incidir sobre o conseguinte de condições de trabalho mais adequadas.»

(...)

Parte da entrevista feita em gravador por FERNANDO LARA E DIEGO GALAN. «TRIUNFO» N.º 549-7/4/73

Três peças sobre a aprendizagem

Os textos interpretados por José Luís Gomez nesta sua vinda a Lisboa, são marcados por um dominador comum: a aprendizagem como objectivo primeiro da vida humana.

Em «Relatório para uma Academia», de Kafka, é-nos proposta a imaginária confissão de um ser que participa simultaneamente da natureza animal e da natureza humana (se a distinção é justa). Trata-se de um símio educado, capaz de se exprimir correctamente e que possui a «cultura média de um europeu». A educação que recebeu foi-lhe ministrada sem que se tivesse em conta as suas estruturas biológicas, as suas necessidades, a sua natureza. O ser construído por essa educação, é um ser desenraizado, infeliz, definitivamente impossibilitado de recuperar a sua autenticidade — é, por isso, um ser destruído.

No mimodrama de Peter Handke, «O Pupilo quer ser Tutor», assistimos à aprendizagem aparentemente voluntária de um ser dominado pela força e pela personalidade de outro indivíduo. Verificamos como é auto condicionado o comportamento do indivíduo, como a sua conduta implica a sua total alienação. A peça coloca-nos muito concretamente, o problema do povo alemão, fascinado pela perspectiva do domínio que o nazismo lhe oferece, incapaz de reagir a essa fascinação, preparando-se metódica e persistentemente para exercer essa mesma função ditatorial em relação a outros tutelados.

«Gaspar» torna explícito o que surgia de forma mais latente naqueles textos. Aqui, encontramos uma amostragem crítica da manipulação do indivíduo através da linguagem. «Gaspar» é o produto de uma envolvimento e de um domínio pela palavra: existe apenas ao nível da palavra que lhe é imposta Gaspar não aprende a ser, aprende aquilo que os outros querem que seja

C.P.

“GASPAR” EM LISBOA



Peter Handke

Pede-me Carlos Porto uma palavra acerca da peça que o Instituto Alemão vai apresentar no Teatro Villaret para os lisboetas interessados na evolução do teatro contemporâneo. Infelizmente, não sou crítico teatral nem literário, a matéria não me pertence. Além disso, ao pisar solo português (em Outubro de 1969), passei de uma vida relativamente contemplativa à vida activa que visa o diálogo com a gente lusa.

No entanto, considero importante salientar: «Amanhã digote com música», peça que vi naquele mês daquele ano, e o talento panto(mímico) de Rui Mendes sugeriram-me que Fernando Gusmão fosse o encenador de «Gaspar». Conversemos, mandei vir a tradução

francesa, mas o homem de teatro, com a sua mania de perfeição, de exactidão, com a sua modéstia de artista escrupuloso, achava «irrealizável, por ora, uma interpretação congenial daquele espectáculo». Entrementes, porém, e porventura em seguimento e estu-

dos handkianos, Fernando Gusmão lançou há pouco, com êxito, «Insulto ao público», primeira peça do autor.

Assim é que, finalmente, vem a Lisboa «Gaspar», na língua irmã e mais vizinha do português, como ponte de ligação entre «Insulto» e a última peça de Peter Handke, «Cavalgada sobre o Lago Constância», teatro que, com a minha admiração pelo Grupo 4, eu queria recomendar a Fernando Gusmão, para um espectáculo próximo, a fim de continuarmos uma cooperação no sentido de actualizar o movimento teatral contemporâneo nesta capital, em conformidade com a observação de Handke: «O meu último pensamento sobre «Gaspar» converteu-se em meu primeiro pensamento sobre «Cavalgada», daquele Peter Handke que, numa entrevista recente, declarou: «Desde que o teatro torne o espectador consciente de que existem funções de violência de um sobre o outro, das quais ele nada sabia antes e aceitava como habituais, desde que tudo isto lhe seja apresentado como fabricado e não como dado natural, e, bem entendido, através do teatro, através de uma revelação da língua, através de deduções gramaticais, mostrando-lhe de repente que funções de domínio não são dados divinos nem dados estatais, o teatro bem pode ser uma instituição ética. (Aqui, Handke emprega o termo filosófico de Schiller no seu ensaio de 1785: «Die Schaubühne als eine moralische Anstalt Betrachtet», isto é, «O teatro considerado como instituição ética».

É nesta expectativa que me regojizo pelo espectáculo de José Luís Gomez, que me declarou estar ansioso por voltar a Lisboa, revivendo a calorosa participação dos amigos do teatro moderno, experimentada por ele durante a sua primeira actuação no acolhedor ambiente português

CURT MEYER - CLASON

ser induzido a fazer, com frases que rimam, uma ideia sobre o assunto das frases?

13.ª fase — Pode Gaspar formular perguntas a si próprio?

14.ª fase — Pode Gaspar, com frases desembaladas que ele emprega nas suas velhas frases embaraçadas, inverter o mundo perverso destas frases?

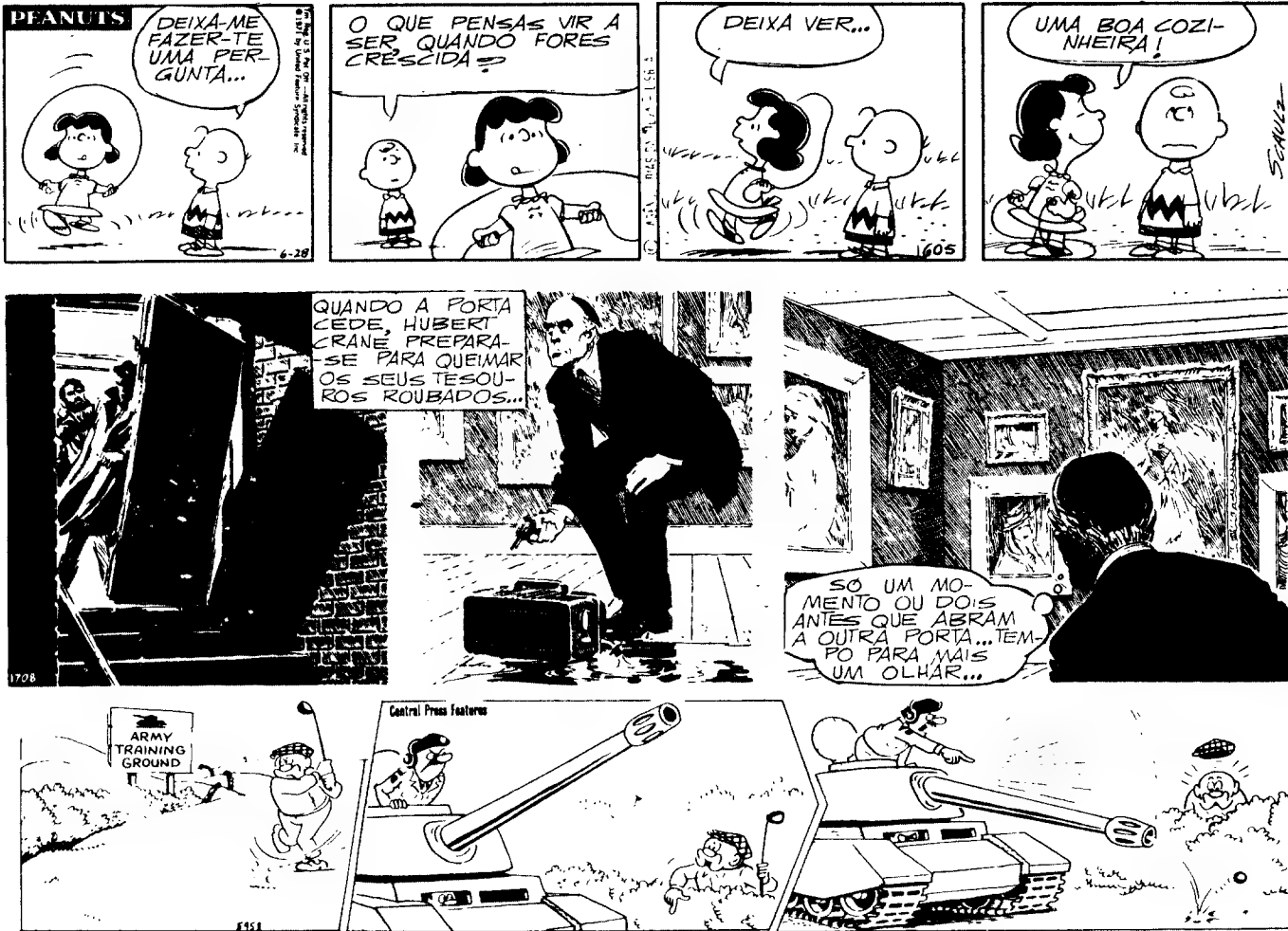
15.ª fase — Pode Gaspar pelo menos afirmar-se, com o mundo perverso de frases, contra frases perversas do mundo? Ou: pode Gaspar, invertendo frases invertidas, evitar pelo menos a falsa aparência da exactidão de frases?

16.ª fase — Quem é Gaspar agora? Gaspar quem é agora Gaspar? O que é agora Gaspar? O que é agora Gaspar, Gaspar?





Clifford Gloves, de 10 anos, morreu vítima de um tiro disparado por um polícia que o tomou, e ao padrasto, por assaltantes. O chefe da Polícia de Nova Iorque instaurou um processo contra o subordinado acusando-o de homicídio.

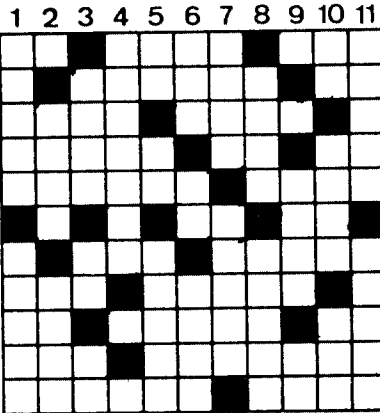


Problemas de palavras

COM PROVÉRPIO PROBLEMA N.º 10415

HORIZONTAIS:

- 1 Reis. Pronome relativo. Pronome pessoal.
- 2 Tempo do verbo ser. Processar. Abreviatura que se usa em música.
- 3 Cure. Corpo gordo produzido pela saponificação da cetina ou espermato (Quim). Artigo definido.
- 4 Nome de mulher. Antes do meio dia. Crômo (s.q.).
- 5 Guarnecer de arames. Serra de Portugal.
- 6 Pequena ilha francesa do Mediterrâneo. Nota musical.
- 7 Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca. Pernão.
- 8 Pronome demonstrativo. Farpela.
- 9 Caminhar. Madeira. Preposição.
- 10 Preposição. Dividir em tocos.
- 11 Madrugada. Formar as abas.



VERTICAIS:

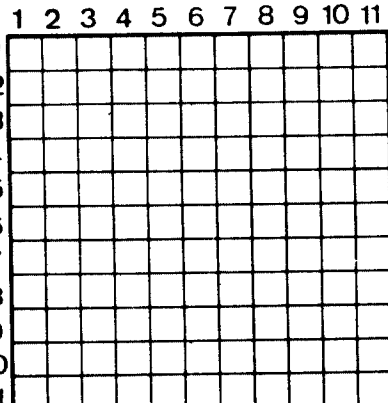
- 1 Quinhentas folhas. Incita (fig.).
- 2 Ilha do Pequeno Belt. Lavrou.
- 3 Rã (pop). Cloro (s.q.). Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 4 Calcinhar.
- 5 Nome antigo da nota musical dó. Em partes iguais. Desmontar.
- 6 Cidade da Alemanha. Troça. Freguesia do concelho de Esposinho.
- 7 Folha de ferro estanhada. Descendente.
- 8 Bebida alcoólica. Dera mios.
- 9 Solução. Prefixo que designa afastamento.
- 10 O lado do vento. Educa. Época.
- 11 Afie. Mover os remos.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6572

HORIZONTAIS:

- 1 Centímetro. Região montanhosa do Sarai habitada pelos tuaregues. Cento e um em romano.
- 2 Pista. Olhar atentamente.
- 3 Tratar por tu. Esqueço.
- 4 Filtrado. Ramadas.
- 5 Oterece. Ruim.
- 6 Cálculo (s.q.). Nome de um jogo. Pronome reflexo.
- 7 Atmosfera. Ecoara. Rado (s.q.).
- 8 Costures. Cidade de Espanha.
- 9 Empregas. Ovarios dos peixes.
- 10 Prendo. Caminhai. Pedra de altar.
- 11 Grande árvore da Núbia, espécie de mimosa. Estado de espírito.



VERTICAIS:

- 1 Planta leguminosa. REcuas.
- 2 Laroo. Códex.
- 3 transpirada. Sadios.
- 4 O mesmo que atação. Saudáveis.
- 5 Gorgulho tropical. Uma das Esporadas. Tempo do verbo ir.
- 6 Época. Espera deferimento (abrev.).
- 7 Grande atação. Preposição.
- 8 Versejam. Para barlavento.
- 9 Montões. Vila e conselho do distrito de Aveiro.
- 10 Pesquisa. Vagueara.
- 11 Furiosa. Referente ao nariz.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10414

HORIZONTAIS:

- 1 Oc. ANTES. Be.
- 2 Sarai. Gelar.
- 3 Nu. Aqui.
- 4 Má. Aluata.
- 5 Olmo. Arga.
- 6 Asa. Asa.
- 7 Tas. MMM. Pua.
- 8 Ois. Uai! Dra.
- 9 Ramal. Atro.
- 10 Temor. Sião.
- 11 Aseia. Arosa.

VERTICAIS:

- 1 Os MORTO. Ta.
- 2 Canal. Aires.
- 3 Ru. Massame.
- 4 Aa. Aos. Mói.
- 5 Nial. Amuara.
- 6 QUE. MAL.
- 7 Egua. Ami. Sã.
- 8 Seitas. Air.
- 9 Arapatão.
- 10 Bar. Urros.
- 11 Er. CASADO.

PROVÉRPIO Antes morto que mal casado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6571

HORIZONTAIS:

- 1 Atracar.
- 2 Atire. Aviso.
- 3 Samorim.
- 4 Ba. Raras. Po.
- 5 Orçar. Salir.
- 6 João. Suor.
- 7 Ama. P.M.O. Sra.
- 8 Azar. Satir.
- 9 Eras. Urdo.
- 10 Lapim. Grãos.
- 11 Aos. Rãs.

VERTICAIS:

- 1 Cambaja. Ele.
- 2 Aromara.
- 3 Ais. Caazapa.
- 4 Trarão. Asio.
- 5 Remar. Pr. Ms.
- 6 Or. Mm.
- 7 Caras. Os Gr.
- 8 Avisas. Aura.
- 9 Rim. Lustras.
- 10 Piorado.
- 11 Gorrora. Os o.

os kolans



CONCURSOS PARA ADMISSÃO DE MÉDICOS DOS QUADROS CLÍNICOS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Estão abertos de 2 a 21 de Maio de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Aguada	Pediatria
	Avanca	Clínica Médica
	Aveiro	Estomatologia Pediatria
	Oliveira de Azemeis	Clínica Médica
	Vila da Feira	Otorrinolaringologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Braga Av. Marechal Gomes da Costa, 491 BRAGA	St.ª Maria de Lamas	Cirurgia
	S. João da Madeira	Pediatria
	Barcelos	Ginecologia Obstetria
	Braga	Ginecologia Obstetria
	Fafe	Ginecologia Obstetria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira BRAGANÇA	Gerez	Clínica Médica
	Guimarães	Ginecologia Obstetria
	Queimadela	Clínica Médica
	Ribeira	Clínica Médica
	Espinhosela	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo Largo 5 de Outubro, 69 VIANA DO CASTELO	Freixo de Espada à Cinta	Clínica Médica
	Mirandela	Clínica Médica
	Serra da Nogueira	Clínica Médica
	Viana do Castelo	Oftalmologia
	Vila Franca	Clínica Médica
Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associadas R. D. Francisco Manuel de Melo, 3 LISBOA	Centrol de Lisboa	Oftalmologia
	Portimão	Clínica Médica
	Gonçalo	Clínica Médica
	Covilhã	Estomatologia
	Valado de Frazes	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 34-1.º FARO	Turquel	Clínica Médica
	Nisa	Cirurgia Estomatologia Obstetria Oftalmologia Otorrinolaringologia Pediatria Psiquiatria
	Mação	Estomatologia
	Póvoa de Varzim	Clínica Médica
	Área de Lisboa	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito da Guarda Palácio das Corporações GUARDA	Loures	Estomatologia
	Queluz	Cirurgia Pediatria
	Sintra	Ginecologia Obstetria
	Viscu	Estomatologia
	Pinheiro de Lafões	Clínica Médica
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios Av. João Crisóstomo, 67 LISBOA-1		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av. Heróis de Angola, 59 LEIRIA		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre Rua de Olivença, 33 PORTALEGRE		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 49 SANTARÉM		
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO		
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. Estados Unidos da América, 39 LISBOA-1		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu Av. 28 de Maio, 31 VISEU		

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18, do dia 21 de Maio de 1973, na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos, n.º 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 16 de Maio de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

NOTICIÁRIO EDITORIAL

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Panjamon, de Jean-Yves Domalain, conta-nos a experiência científica e humana vivida por um homem desde sempre apaixonado pelo estudo dos animais. Jean-Yves Domalain tem menos de 30 anos, mas a sua vida de viagens e pesquisas constitui uma aventura exemplar e cheia de curiosidades. Das muitas viagens e aventuras de Domalain, foi esta a mais marcante: viveu ele com as famosas tribos selvagens de Bornéu, mundialmente faladas pelas colecções de cabeças humanas que possuem. São os famosos caçadores de cabeças. Domalain chegou mesmo a casar com a filha do chefe dos «Ibans», de cuja tribo fugiu tempos depois. São os seus dias, experiências e pesquisas, alegrias e sofrimentos, estudos sobre animais e homens pré-históricos, que Domalain nos conta em **Panjamon**, agora lançado em Portugal por Publicações Europa-América.

Marketing, de Fernando Namora, é uma obra rica de facetas e contrastes, estranha, sarcástica e magoada, que aponta uma nova direcção na carreira literária de Fernando Namora. Perfeitamente integrado nas correntes mais vivas da inquietação e do pensamento contemporâneos, Namora dimensiona nos poemas de **Marketing** todo o painel de uma sociedade dominada pelas técnicas da comunicação de massa, hoje, sem dúvida, um verdadeiro poder que actua determinante na vida de cada um de nós. Nesta nova incursão no campo da poesia, Fernando Namora penetra na problemática do mundo moderno, focando todo o seu ritual de ridículo, de alienações e de vedetismo, onde a imagem do poeta atinge as proporções de espectador atento mas nauseado ante uma realidade que nos choca e nos torna quase impotentes.

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES 70

VERSOS

Carlos Fradique Mendes
Recolha, prefácio e notas de Pedro da Silveira
Colecção Textos Breves

EDITORIA ARCÁDIA

O DIREITO ROMANO

Michel Villey
Tradução de Maria Helena Nogueira
Colecção Universo do Estudante

REGRESSO A PEYTON PLACE

Grace Metalious
Tradução de José Maria de Almeida
Colecção Encontro Especial — N.º 12

EDITORIA ULISSEIA

BOSQUE PROIBIDO

Mircea Eliade
Tradução de Maria Leonor Buescu

OS MICROBIOS E O HOMEM

John Postgate
Tradução de José Cardoso Ferreira
Colecção Pelicano — N.º CA 80

O CASAMENTO

Lucy Mair
Tradução de Rafael G. Gomes Filipe
Colecção Pelicano — N.º IRS 82

EDITORIAL VERBO

A ECONOMIA NA EUROPA MEDIEVAL

Robert-Henri Bautier
Tradução de António Gonçalves Mattoso
Colecção História Ilustrada da Europa

PORTUGAL ROMANO

Jorge de Alarcão
Colecção História Mundi — N.º 33

RENOIR

Francisco Fosca
Tradução de Isilda Robin de Andrade
Colecção Grandes Artistas

INICIATIVAS EDITORIAIS

INQUERITO À INFORMAÇÃO

M Vázquez Montalbán
Tradução e prefácio de Mário Ventura
Colecção Século XX-XXI

LELLO

O PONTO E O RUMO DO ENSINO ULTRAMARINO
Manuel Ferreira Rosa

MORAES EDITORES

O TEMPO DAS PALAVRAS

António Alçada Baptista

CHAVES PARA UMA NOVA IGREJA

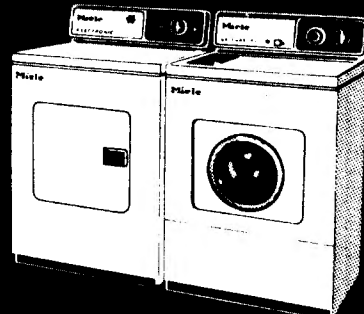
Bernard Besret
Tradução de Ruth Delgado
Colecção Linha de risco

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

AVENTURA COM OS GORILAS

Willard Price
Tradução de Leticia Dionísio
Colecção Europa-América Juvenil — N.º 32

Conjunto de máquina de lavar roupa automática e secador electrónico



Uma união perfeita de duas máquinas excepcionais da MIELE. Máquina de lavar roupa automática 421-S e o Secador Electrónico 460.

Miele

AGENTE OFICIAL:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 27 — Telef.: 370806 — LISBOA

MERCADO DA PRIMAVERA
MOEDAS

Visite o nosso stand
Tel. 321677 LISBOA



A VERDADEIRA HISTÓRIA DE GASPAR HAUSER

A história regista dezenas de casos de crianças que, por razões diversas, foram criadas em condições anormais, fora do contacto com a civilização e com os outros homens. Lucien Malson no seu livro «Les Enfants Sauvages (Mythe et Réalité)» regista qualquer coisa como 53 casos. Ainda de acordo com aquele especialista, os exemplos mais típicos e célebres foram o das irmãs Amala e Kamala, encontradas em 1920 pelo padre Singh, numa floresta da Índia, onde viviam na companhia de uma matilha de lobos; o de Victor de Aveyron, encontrado numa floresta francesa em 1797 e objecto de dois notáveis relatórios do professor que o educou — Jean Itard —, os quais inspiraram François Truffaut para o argumento do seu filme «O Menino Selvagem». O terceiro caso é, exactamente, o de Gaspar Hauser.

Em 26 de Maio de 1828, cerca das cinco horas da tarde, aparece numa rua da cidade alemã de Nuremberg, um jovem vestindo pobremente que dá provas de grande perturbação e caminha hesitantemente. Agarra uma carta dirigida ao «capitão de cavalaria da 4.ª divisão do 6.º regimento de Nuremberg». O homem que encontra Gaspar condu-lo ao quartel da cidade. Eis o teor da carta: «Este rapaz quer servir o seu país. A mãe dele confiou-o à minha guarda. Nunca saiu de minha casa. Ensinei-o a ler e a escrever. Trouxe-o perto de Nuremberg, de noite. Num bilhete junto a esta carta, lê-se: «Esta criança foi baptizada. O seu nome é Gaspar. Nasceu no dia 30 de Abril de 1812. Quando tiver 17 anos, deve levá-lo a Nuremberg, onde seu pai — já falecido — foi oficial. Sou uma pobre rapariga.» Conduzido à Polícia, o jovem garantiu o seu nome: Gaspar Hauser.

Brinca só, como se tivesse a mentalidade de uma criança de 3 anos; não é capaz de utilizar as mãos para segurar os objectos. Dorme desde o pôr do sol até ao amanhecer. De dia, senta-se no chão, com as pernas direitas. Tem grande dificuldade em andar de pé e alimenta-se sobretudo de pão e água. A carne dá-lhe vômitos e a cerveja faz-lhe terrivelmente mal, chega a ter febre e a desmaiar. Chora frequentemente, grita, tem medo de tudo. Não sabe falar a não ser uma frase que diz de vez em quando: «Quería ser um oficial como foi meu pai». Feuerbach vai visitá-lo e descreve-o assim: «Poderíamos tomá-lo por um habitante doutro planeta que por milagre tivesse nascido na Terra, ou pelo homem, de que falava Platão, que, criado debaixo da terra, só adulto conheceu a luz do dia». Em Julho de 1828, Gaspar é entregue aos cuidados do prof. Daumer que se vinha interessando pela sua sorte.

Gaspar vai-se transformando fisicamente no seu novo ambiente embora continue a queixar-se de violentas dores de cabeça. Leva semanas a aprender a subir uma escada. Absolutamente dócil, começa, contudo, a querer saber o que se passa com ele, quem são os seus pais, porque não usa roupa de rapariga que prefere ser. Continua a sofrer com a luz do dia e tem dificuldade em avaliar correctamente as distâncias. Aprende com dificuldade, embora consiga já exprimir-se, «é abúlico, terno, desprovido de humor». Procura recordar o passado. Havia, antes de Nuremberg, um buraco, uma gaiola; vivia de pão e água. Todos os dias, alguém o procurava para o alimentar e lhe dar alguns rudimentos de leitura e de escrita. E aquele a quem Gaspar chama simplesmente «o Homem».

Talvez, Gaspar Hauser consiga finalmente recordar-se e revelar o seu segredo. «De onde veio? Quem é?». No dia 17 de Outubro de 1829, Gaspar aparece, na cave da casa de Daumer, gravemente ferido. Diz uma única palavra: «o Homem».

Em 1833, Gaspar Hauser acaba de fazer 22 anos e está a passar uns dias em casa de Anselme von Feuerbach. É atacado no parque de Aurbach: não resiste aos golpes de punhal com que foi atingido. Morre no dia seguinte. No sítio onde foi atacado, ergue-se uma estela com a seguinte inscrição: «Aqui, um desconhecido foi morto por um desconhecido». Investigações posteriores concluíram que Gaspar Hauser seria filho putativo de Stéphanie de Beauharnais e do príncipe Charles de Bade e que teria sido raptado quando do seu nascimento e confiado a um guarda-florestal, Franz Richter — a quem Gaspar chamava «o Homem» — para desviar a herança da coroa para uma linha morganática. No entanto, para muita gente, mantém-se envolto em mistério o caso de Gaspar Hauser sobre quem o escritor brasileiro Adónias Filho escreveu: «Se houve uma alma que a vida conheceu em agonia e tristeza, e pode chorar todos os momentos com a própria inocência do coração — essa alma foi a do nobre Gaspar Hauser. Os seus olhos, quando as janelas que davam sobre o mundo foram abertas, possuíam um passado de trevas muito intenso para saber compreender e perdoar a maldade e a traição humanas. E, por culpa dessa fidelidade, ao que devia ter sido a nossa vocação primitiva, seu terrível destino ficará na história do sofrimento humano como o episódio de uma consciência morta».

Gaspar Hauser inspirou, além do romancista Jacob Wasserman, que escreveu sobre a sua história um longo e fascinante romance, poetas como Verlaine, e Georg Trakl:

A cidade descobriu os seus silenciosos passos ao entardecer, a enigmática expressão da sua boca: Quero ser um cavaleiro. Seguiam-no animal e arbusto, Olhava a neve caindo sobre os ramos nus e viu a sombra do assassino na penumbra dos corredores. E tombou a cabeça prateada não nascida ainda.

(Continuação do número anterior)

Na Primavera de 1939, Picasso muda-se: deixa a Rua de La Boétie, pelo n.º 7 da Rua des Grands-Augustins. Passa o Verão em Antibes, onde pinta *A Pesca noturna em Antibes*, o primeiro grande fresco depois de *Guernica*.

EM PARIS DURANTE A OCUPAÇÃO

Quando a guerra rebenta em Setembro de 1939, o pintor está em Royan, onde permanece até Outubro de 1940. Regressa a Paris durante o Verão, imediatamente antes da chegada das tropas alemãs. Alfred Barr faz notar que a Grande Guerra não aparece na sua obra: *Não tenho pintado a guerra* — disse Picasso em 1944 — *mas não duvido que a guerra está nestas pinturas...*

Insistem com ele para que emigre para os Estados Unidos, em Outubro de 1940. Prefere regressar ao seu enorme casarão da Rua des Grands-Augustins, onde vive durante a guerra. Esquecido pelo s.º nazis é, não obstante, violentamente posto à margem pelos pintores e críticos que estavam no galarim durante a ocupação.

Durante este período, Picasso consagra-se muito à escultura. Foi em 1942 que desenhou *O homem com o camelo*, mas não pôde terminar a escultura senão em 1944.

Quando da Libertação, os correspondentes americanos e ingleses precipitam-se para o n.º 7 da Rue des Grands-Augustins, que se torna um centro cultural visitado pelos G. I. intelectuais. Picasso é uma personagem importante: embora não tenha participado na Resistência, Eluard traz-lhe um livro de ouro que artistas, poetas e escritores querem apresentar ao general De Gaulle: à cabeça, um desenho de Picasso.

Seis semanas depois da Libertação, em 25 de Agosto de 1944, o Salão de Outono toma o nome de Salão da Libertação. É a primeira grande manifestação de arte livre, após quatro anos de ocupação alemã. A obra de Picasso ocupa toda uma sala com setenta e quatro pinturas e cinco esculturas, entre as quais *A cabeça de touro* (1943) feita de um guiador e de um selim de bicicleta.

Acabava de aderir ao Partido Comunista do qual faziam parte todos os seus melhores amigos: Paul Eluard, Aragon, etc. Não fará, porém, nenhuma concessão sobre a inteligibilidade da sua obra, apesar das críticas do Partido Comunista de Moscovo. A exposição provoca, todavia, manifestações de jovens estudantes da direita que despenduram as suas telas.

Em 1945, pinta *O depósito de cadáveres*, essa obra, que reage aos horrores dos campos de concentração, lembra *Guernica*, exprime directamente a Grande Guerra. *Não, a pintura não é feita para decorar as residências, é uma arma de guerra para lutar contra a brutalidade e a obscuridade.*

Em 1947, Jean Cassou, que acaba de ser nomeado conservador-chefe do Museu Nacional de Arte Moderna, faz a chamada dos grandes pintores modernos desdenhados nas compras para as colecções do Estado. Léger, Miró, Picasso, Braque... O seu renome é grande, maior do que podiam ter previsto os animadores dos museus nacionais no tempo em que podiam ainda adquirir as suas obras com os magros recursos de que dispunham. Presentemente, são inabundáveis. Jean Cassou dirige-se a Picasso, é seu amigo, e o pintor oferece-lhe dez telas, todas elas de primeira importância. Porém, a época «cubista», dos anos 14, não está ali representada. Todas as suas telas estão dispersas por colecções parti-

PICASSO —O MAIOR INVENTOR E DESTRUIDOR DE FORMAS DO SEU TEMPO

culares, especialmente nos Estados Unidos.

O contributo de Picasso para os museus franceses não se limita somente ao Museu Nacional de Arte Moderna. A convite de La Souchère, conservador do Museu de Antibes, Picasso instalou-se no antigo Palácio dos Grimaldi para aí pintar à vontade e daí saírem grandes frescos onde correm faunos, centauros, ninfas e sátiros. Aí deixa em depósito várias obras que pintou. O Palácio Grimaldi devia tornar-se seguidamente Museu Picasso, com litografias, cerâmicas e esculturas, que ele mais tarde acrescentou.

O seu encontro com o casal Ramie, Galeria Madoura, trouxe a renovação da cerâmica e, ao mesmo tempo, fez de Vallauris um centro de criação que, seguidamente, viria a degradar-se. Vasos, infusas, com potes, vasos-aves e pratos-peixes sucederam-se na obra de Picasso.

Outra actividade nova para ele: a litografia. Nas suas primeiras obras, feitas em colaboração com Mourlot (que conheceu em 1945), vê-se aparecer o rosto de uma jovem cujo rosto forma um belo oval: tinha o nome de Françoise Gilot. O pintor viria a fazer dela a sua nova companheira um pouco mais tarde. (Françoise Gilot publicou no princípio de 1965, uma obra escandalosa, em que contava, frequentemente com impudor, a sua vida privada com o pintor. O livro devia ferir Picasso, que pediu a sua apreensão).

Comunista, Picasso começou a contribuir para o Partido Comunista. Pede-se-lhe para falar no Congresso da Paz, em Wrocław (Agosto de 1948) ao qual vai em companhia de Eluard. Antes de partir para ali, o Governo francês concedera-o com a medalha do Reconhecimento francês. No ano seguinte, no Congresso da Paz que se reuniu em Paris, desenha, no meio da guerra fria, a sua pomba de paz que deu a volta ao mundo.

Oferece *O homem com o camelo* à cidade de Vallauris, para a sua praça pública, onde foi inaugurada na presença de Laurent Casanova, de Paul Eluard e de Tristan Tzara. Vallauris, reconhecida, nomeia-o cidadão de honra e oferece-lhe uma capela desafecta para a decorar, no momento em que Rouault, Léger, Braque e Matisse pintam nas igrejas. Porém, o comunista não podia aceitar decorar uma capela; transforma-a, portanto, em templo de paz, com dois grandes frescos, «a Guerra» e «a Paz» (1952), sobre os quais Lucien Emmer rodou um filme. Pouco depois, Clouzot roda um outro sobre «o mistério Picasso», que apresentou no Festival de Cannes, em 1956.

Picasso, que reagiu à guerra com *Guernica* (1937), *O depósito de cadáveres* (1945), à guerra fria com a *pomba da Paz*, dá uma outra contribuição para a tomada de consciência popular no momento da Guerra da Coreia. O seu *Massacre da Coreia* (1951), que mostra autómatos a disparar sobre mulheres e crianças nuas, é inspirado nas cenas de execução de Goya.

Quando da morte de Estaline, Picasso, que, por outro lado, jamais havia feito concessões sobre as suas con-

cepções estéticas, desenha um retrato perfeitamente convencional, mostrando um Estaline jovem, de traços esquematizados. Aragon havia-lhe pedido para fazer qualquer coisa, mas a obra é reprovada pelo Partido Comunista. Uma cabala, montada por pintores oficiais do Partido, desencadeia uma vaga de repressão.

Para Picasso, este retrato, tinha o valor de um *telegrama de condolências*. Não se explica pelas reacções que levantou. Aragon teve de dar uma explicação embaraçada em *Les Lettres Françaises*. E durante claro, escreve ele, que *adecussão, no ponto a que chegou, ultrapassa e deve ultrapassar de muito um desenho de Picasso*. (...) *Este problema é o de todos os criadores, incluindo os pintores, que devem colocar-se resolutamente nas posições da classe trabalhadora se querem partilhar completamente o seu combate à frente do povo de França pelas liberdades democráticas, a independência nacional, a paz, o socialismo*. Três anos mais tarde, apesar da sua filiação no Partido Comunista, protestará com nove outros intelectuais comunistas, contra «o silêncio» e «as ambiguidades» do Partido sobre a repressão na Hungria e far-se-á repreender por... Roger Garaudy.

E em 1958 que se instala o grande fresco da UNESCO, primeira grande construção moderna de Paris. Picasso, no auge da glória, dá uma obra bastante desenvolvida que não conquistou a unanimidade. Sir Charles Wheeler, presidente da Academia Real de Pintura, mostra-se desconcertado: *É uma inépcia... 800 pés quadrados de absurdidade...*

Picasso, que é festejado por todo o lado, instala-se no castelo de Vauvenargues, propriedade de 1500 hectares. Na Primavera de 1959, inaugura-se um monumento dedicado ao seu amigo Apollinaire, na pequena placa da praça de Saint-Germain, à sombra da igreja. É o busto de Dora Maar, uma das suas companheiras e um dos seus modelos preferidos, saído do estúdio de Boisgouloup.

A RENOVAÇÃO DOS ÚLTIMOS ANOS

Quase octogenário, Picasso, cuja legítima mulher Olga Koklova, morreu em 1955, desposa Jacqueline Roque, e pinta uma sequência magnífica de retratos, entre os quais *Jacqueline de Vauvenargues*, exibido no Grand Palais.

O seu octogésimo aniversário, em 1961, é motivo para festas populares e corridas de touros em Vallauris. No ano seguinte, recebe o Prémio Lenine da Paz.

Picasso, que enriqueceu as colecções francesas com os seus dons, não podia ignorar os museus espanhóis, apesar da sua posição radical ao regime franquista. Em 9 de Março de 1963 é inaugurado, com efeito, com o seu consentimento tácito, o Museu Picasso no palácio Berenguer de Aguilar, em Barcelona, cidade a que ele tanto deve.

O fundo, inicialmente constituído pela colecção pessoal do amigo e biógrafo de Picasso, Jaime Sabartés, compreende quatrocentas peças, entre as quais numerosas litografias.

Deve ser, em seguida, completado pela enorme doação das suas obras barcelonesas (cerca de novecentas peças) que Picasso havia deixado ao abandonar a cidade da sua juventude. Inauguração sem charrangas. E com a ausência do pintor, que recusa ir a Espanha. E, no entanto, chegado à velhice, Picasso bem teria gostado de rever essa Espanha de que sempre guardou uma ardente recordação. Recebe numerosos amigos espanhóis que insistem com ele. O pintor de *Guernica*, fiel ao seu velho juramento, não voltará ao país enquanto as liberdades republicanas não forem ali restabelecidas. Proclama-o. Porém, o regime franquista não se melindra. Madrid dá a entender que o lugar de *Guernica* (caso único de um quadro transformado em mito e em símbolo) é em Madrid, no Museu de Arte Moderna em construção. Afirmação do pintor que o governo de Negrin havia, então, nomeado director do Prado: *Guernica voltará a Espanha com a democracia*. O quadro está, desde 1937, colocado em depósito, pelo pintor, no Museum of Modern Art, de Nova Iorque.

André Malraux consagra-lhe uma retrospectiva sem precedentes. São precisos nada menos de três museus — Grand Palais, Petit Palais e Biblioteca Nacional — para mostrar a amplitude daquilo a que o autor do *Museu Imaginário* chama a maior empresa de destruição e de criação de formas do nosso tempo. É a primeira vez em França que uma exposição atrai tantos visitantes: cerca de novecentas mil pessoas.

Pelos seus noventa anos, também, Paris está em festa: Picasso entra vivo no Louvre. O lugar de honra da grande galeria é desobstruída das suas obras-primas do século XVIII francês para receber, durante dez dias (entrada gratuita), o pintor que Pompidou, que inaugura a exposição, chama *uma espécie de vulcão em perpétua actividade*.

Ele provou-se único, acrescentava o presidente da República, *há Picasso e há todos os outros. É quase mais do que um pintor, um perpétuo criador. Tudo o que ele toca é diferente... Tudo é modificado por ele... É uma espécie de monstro sagrado da arte. No fundo, é raro ter-se a impressão de que aquilo que se julga como contemporâneo virá a ser julgado pela posteridade da mesma maneira. Para Picasso isso impõe-se. O que é raro na história da arte.*

Mais uma vez, Picasso não compareceu ao encontro das honrarias. Ali mandou seu filho Paulo. Aliás, ele não deixa Mougins. Quando muito, sai um pouco conduzido pelo seu motorista no enorme Lincoln continental branco. Os habitantes de Mougins vêem-no passar, um pouco atarracado: *É que ele não vai para menino...* Noventa anos e continua a pintar.

Durante os seus últimos anos de vida, Picasso adquire o hábito de enviar regularmente os seus desenhos e as suas gravuras à Galeria Liris, da firma Kahnweiler, e as suas pinturas para Avinhão, para o Palácio dos Papas. É sobre a pedra nua que se vê, em 1970, trezentos e sessenta e cinco dias de pintura do ano de 1968: uns duzentos quadros e desenhos de uma atordante invenção. Este ano, o último da sua vida, havia expedido para Avinhão, há pouco mais de uma semana, os seus quadros de 1972. A primeira exposição póstuma de Picasso terá sido preparada por ele. Ela rematará o reino centenário da sua pintura. Porém, desde há muito, Picasso, que pensava ter ainda muitas coisas para dizer e pouco tempo para as dizer, colocara-se fora do tempo, isolado no seu pequeno estúdio de Mougins, com as quimeras que o habitavam.

JACQUES MICHEL



A MULHER INJUSTICADA

(continuação do número anterior)

Nesse meio, repito, a fome é a única domadora e certamente, nem muitos outros de várias escalas, que Esther Villar tentou focalizar. Analisemos, por exemplo, o «bouquet» de espinhos recebido, na terça-feira dia 8 de Agosto de 1972, através de um «telex» da AFP:

«Bogotá — As «casas» da favela Ibaque, na Colômbia, são construídas com ataudes atirados fora após vários anos de uso. Junto ao cemitério da cidade, na favela El Bosque, muitos dos três mil moradores, segundo o matutino «El Periódico» estão «construindo» choças com portas e paredes feitas de madeira, apodrecida e pestilante, de esquilos abandonados por pessoas que retiraram ao cemitério os restos mortais de algum parente falecido há seis, sete ou mais anos».

É um submundo, e as mulheres bem nutridas, que trabalham fora de casa ou dentro dela (num trabalho que Esther Villar considera um passatempo) não são insensíveis a estas coisas. Elas têm coração e é lamentável que as aptidões femininas e a experiência que as mulheres possuem não tenham sido, senão esporadicamente, levadas em conta até agora.

Estas são as mulheres bem nutridas e lúcidas. Mas também há as mulheres indiferentes à desgraça alheia, ao lado de homens, domados ou não, indiferentes à desgraça alheia. Existem mulheres fúteis, como existem homens fúteis. As alternativas são muitas, e há até países onde as mulheres estão em maioria em determinadas profissões. Esther Villar, que foi médica, deve saber que na URSS há mais médicas do que médicos e que elas honram a profissão.

A verdade é que no mundo dos subalimentados se torna ainda mais difícil ser mulher do que homem. A mulher está mais perto da natureza, sente mais intensamente a dor das crianças. Uma noite, sonhei com mulheres de todas as classes, das mais prósperas às mais desgraçadas, que avançavam em cerradas fileiras. Era uma amostragem impressionante da humanidade e quando acordei anotei o que vira, num rápido apontamento que não chegou a ser conto. Chamei-lhe «O Pesadelo».

O PESADELO

Pesada era a noite e eu resvalava num sono inquieto com labirintos, alcapões, armadilhas, ratoeiras. De repente todas as imagens de desmoronaram, partiram à deriva e eu encontrei-me numa planície árida, sinistre, silenciosa. A linha do horizonte oscilou, rompeu-se, e milhares de mulheres avançaram com crianças nos braços, crianças que apertavam contra elas crianças mais pequenas que, a seu turno embalavam crianças minúsculas que traziam ao colo formas quase invisíveis mas que remexiam, eram embriões de crianças, fluxo e refluxo de seres num atropelo que quebrava o silêncio, num ruído de seda rasgada semelhante ao de milhões de gafanhotos procurando sobreviver numa terra esboçada e ressequida.

As primeiras fileiras chegaram perto de mim, quase me tocaram, os rostos definiram-se, eram mulheres sadias, bem alimentadas, traziam cintos largos de couro com letras gravadas a fogo: PIB 3 760 dólares. Do fundo do meu sono eu perguntei a mim mesmo o que queria dizer PIB e respondi-me que era incrível que não me lembrasse que PIB significava a renda «per capita»,

ou seja o resultado do produto bruto de uma nação dividido pelo número de seus habitantes. Um PIB de 3 760 dólares só podia ser o de um país rico, com mulheres bem tratadas, cuidados pré-natais, ginástica, higiene, conforto, vitaminas. Depois outras fileiras vieram, cerradas, compactas, com letras de fogo em que o PIB caía mas ainda se mantinha de bom nível a julgar pelo porte das mulheres de cabelos radiantes e passos flexíveis.

Não sei quantos minutos compuseram a eternidade do desfile primaveril mas o tempo escoou-se e o PIB desceu vertiginosamente, chegou a 50 dólares, as mulheres cambaleavam, esfarrapadas, famintas, e todas, todas, com crianças nos braços e mais crianças, mais crianças, multiplicadas até ao infinito, velhas em plena juventude, agarradas à vida com desespero e sofrimento, como quem acredita ainda vale a pena viver.

Elas vinham de terras longínquas, tinham atravessado o mundo para entrarem no meu sono, esgarçarem o meu cérebro, esbofetear a minha consciência. Atrás da horde impossível, uma figura imensa, de sotaina, olhos turvos, gestos tresloucados. Era a sacrossanta explosão demográfica. Babava-se, lambia os beiços, preparava-se para devorar os filhos que tinha engendrado, e o meu pesadelo pesava como pesada era a noite em que eu resvalara num sono inquieto, com labirintos, alcapões, armadilhas, ratoeiras.

AS OPINIÕES E A ESTATÍSTICA

No mundo das mulheres, segundo a autora, existem apenas as outras mulheres. Só elas contam. Os homens nada valem a não ser — chamemo-lhes assim — como angariadores de fundos.

Até certo ponto é natural que os escravos se interessem pela opinião dos escravos. Os homens, que são os senhores, também se interessam, em primeiro lugar, pela opinião dos senhores. Não que sejam insensíveis ao elogio de uma mulher — como a mulher não será insensível ao elogio feito por um homem — mas dependem da opinião masculina para subirem na escala social. Quanto às mulheres, é normal que tenham criado até certo ponto o instinto de defesa, uma mentalidade tribal, e que se interessem bastante pela opinião das outras mulheres.

Nas grandes linhas, Esther Villar afirma que o homem «só trabalha tendo em vista a opinião das mulheres». Isto é verdade porque as molas propulsoras do homem são o desafio, a concorrência, a competição. Na realidade o homem, inventor de tantos mitos, quer afirmar-se porque, na sua mitologia, é o primeiro entre todos, e, no campo profissional, esmaga com a mesma crueldade quem sentir seu adversário na imensa selva competitiva, seja homem ou mulher. Mais: — se for mulher, argumentará que o sexo fraco não foi feito para isso, que não tem o mesmo senso de responsabilidades que o homem, falta-lhe tradição naquele tipo de emprego, não possui a resistência necessária para enfrentar dificuldades, e tudo, tudo fará, para ocupar o seu lugar.

As mulheres que ocupam posições elevadas conhecem perfeitamente esses golpes a que se esquivam diariamente. O individualismo campeia (até que uma nova fase ou mutação o substitua) parece-me oportuno referir-me a um trecho de um livro de Alvaro de Faria, «La Babel à Comunicação»,

Um texto de Sidónio Muralha



publicado em 1971 em São Paulo e que merece ser lido e divulgado:

«A segurança pela negação de adversários colocou os individualistas na senda de uma existência marcada pela busca incessante de afirmação pessoal no seio da sua sociedade, tanto pela conquista de posições de comando, de destaque entre semelhantes, que lhes dessem títulos e «personalidade», quanto pela conquista da fortuna que lhes dessem garantias da sua futura realização».

«Essas conquistas iriam ser tentadas pelos individualistas, não diariamente, mas em todas as horas de todos os dias nos «mercados» de ideias, «trocando» ideias. Nas conversas dos encontros de esquina, dos cafés e dos salões, nos «bate-papos» informais de «distração», nos parlamentos e nos congressos, nas academias, em todas as reuniões nos julgamentos e nas sentenças judiciárias, nas preces e nos romances com sua casuística reveladora de colectividades de coexistentes incoerentes e reciprocamente contraditórios, nas representações teatrais e em toda essa literatura que continuou a obra de Cervantes e Shakespeare, evidencia-se a tragédia do mundo civilizado dos individualistas, ao procurar cada um a própria afirmação no interior da sua espécie, em regime social de lutas e competições, buscando vitórias sobre adversários. Sempre, porém, em nome de princípios morais».

Em toda esta luta sem tréguas, os homens chegaram primeiro, ocuparam os melhores lugares, e tudo fazem para

não perdê-los, a favor de outros homens e, muito menos, a favor das mulheres, que eles colocam no último degrau da escala social.

Na Academia de Letras, indivíduos respeitáveis como velhos pergaminhos, não deixam entrar as mulheres. A menina que surrava os companheiros foi proibida de profissionalizar-se no boxe. A mulher que quis conduzir autocarros em Londres não conseguiu fazê-lo. Só por engano uma mulher pode ocupar o lugar de Papa.

O argumento de que o sexo masculino só trabalha tendo em vista a opinião da mulher, não tem nenhuma espécie de consistência. O homem importa-se muito com a opinião dos outros homens e, antes do mais, gosta de se olhar no espelho e ter consideração por ele mesmo, o que não é difícil porque é muito condescendente em relação a si próprio. Na grande maratona do mundo, organizada à base de competição, é isto que lamentavelmente acontece. E se Esther Villar tivesse lembrado dos homossexuais que ocupam lugares de destaque, e do Vaticano, onde os interesses pessoais se entrecrocaram o mais cristãmente possível, não poderia ter afirmado que os homens só se interessam pela opinião das mulheres.

AS EXCLUÍDAS

Num discurso pronunciado a 25 de Setembro de 1972, MacNamara, presidente do Banco Mundial, fez o trágico inventário dos esfomeados da nossa época:

— Dois biliões de seres hu-

manos ganham menos de 200 dólares por ano.

— Meio bilião tem apenas menos de 100 dólares por ano.

— Algumas dezenas de milhões sobrevivem com um dólar por semana.

Estes são os famélicos que não fazem parte do livro «O Homem Domado». Vêm depois os subnutridos, em grande número também, e devemos igualmente excluí-los do âmbito do livro de Esther Villar porque a mulher desta classe, velha prematuramente e agarrada aos filhos que nascem como ratos, não possui as mínimas condições de domadora. Resta-nos as mulheres da classe média para cima, do mundo ocidental, já que as do mundo socialista têm deveres iguais aos dos homens e não cabem nas folhas do livro em análise.

Começaremos por excluir as mulheres da classe média que trabalham — são muitas — e que participam de maneira activa no orçamento caseiro. Antes, porém, de retirá-las do livro de Esther Villar lembremos que este tipo de mulher, após um dia de trabalho, assegura geralmente as tarefas do lar e só descansa quando dorme.

Ficam as outras, as restantes da classe média, com um poder aquisitivo que se esboça em muitos países, enredadas pela faina doméstica e os filhos, empregadas dos maridos, confinadas entre quatro paredes, tendo que defender uma aparência que corresponda à imagem projectada da classe média, como quem passaja e volta a passajar uma cortina poida.

A existência destas mulheres não é fácil, o dinheiro é escasso para a classe que representam — com excepção de alguns países — e os maridos necessitam de camisas impecáveis, de sapatos reluzentes, têm que convidar, alegrar a mesa com coisas que não custem uma fortuna, vestir os filhos decentemente, comprar livros escolares, prestar contas aos maridos de «como tanto dinheiro se gastou tão rapidamente». Se pudessem, na escala social, descer um pouco e serem apenas consideradas «remediadas» seriam mais felizes porque não teriam que espelhar aquilo que realmente não são. Mas com o orçamento espartilhado para a ostentação que são obrigadas a manter, vivem num permanente desgaste e desencontro. O marido pede muito para o dinheiro que dá (ele tem que lutar para se manter na classe média) e elas são obrigadas a lembrar que o numerário não chega, que é impossível esticá-lo. Nesse vai-vém de insinuações, exigências, e muitas vezes brigas, o amor praticado é mecânico, com fronteiras de tédio ao norte, sul, este e oeste. E os filhos estão ali. Não nasceram para que o marido fosse domado

mas são eles que dão ao lar uma consistência que não possui. São uma espécie de argamassa numa construção pouco sólida e que se chama o casal. Então, é preciso continuar. O marido traz uma parte do salário e pede uma montanha de coisas. A mulher insurge-se. Encontram-se totalmente desenhonrados. A vida os desajustou.

Também não é esta mulher da classe média que pode ter dado elementos ao livro «O Homem Domado». Ficam-nos as mulheres da chamada classe A. Muitas delas, por incrível que pareça, promoveram os maridos, deram firmeza a carreiras que tinham começado titubeantes. Depois, na paisagem geral, temos as que estão lá no alto, cobertas de neve, inacessíveis, ao lado de magnatas, aquelas viúvas dos países ricos que não sabem como aplicar o dinheiro e que já não têm idade para fazerem sorrir um caçador de dotes.

Que essa categoria de mulheres possa ser representativa, leva-nos de novo à história do jornalista que disse que «todas as suíças são ruivas». No círculo citado pela autora, o que é preciso mencionar são as mulheres que, em consequência de uma educação obsoleta, obedecem e calam. Se, no meio de tanta mulher injustiçada, aparecer alguma domadora, as mulheres de todo o mundo devem saudá-la porque ela é a afirmação, a vingança, o primeiro passo para que as forças se equilibrem. Mas não festejem demasiadamente. Os argumentos que Esther Villar apresenta de técnica de conquista são reconhecidamente masculinos: — o homem proclama «você domou-me» para retirar desta frase todas as vantagens. Unicamente para os homens que integram o futuro, antes que ele chegue, essas frases não existem. E as realidades também são outras. Mas só com o tempo, um novo estilo de educação e a perseverança das mulheres, as gerações futuras poderão falar com espanto numa época em que a humanidade estava dividida em homens e mulheres, donos e objectos.

OS COMPANHEIROS

O mundo, como já vimos, duplica a sua população todos os 33 anos se cada casal tiver em média quatro filhos. É uma corrida de olhos vendados para o abismo. Por falta de esclarecimento, o controle de natalidade atinge um índice inexpressivo. O Vaticano proibiu a píluia aos católicos. Mesmo em países onde os meios de informação e comunicação estão desenvolvidos, como os da Europa Central, só 7 a 8 por cento das mulheres usam a píluia.

(Conclui no próximo número)

UM POEMA DE PEDRO BANDEIRA FREIRE

Agarro um poema no ar
como se fosse uma mosca
e tranquilamente tiro-lhe uma asa.
No primeiro verso escrevo
Sol mas já é quinto
é defunto, é ponto final de modo,
já é sétimo.
Mas é aquilo que sinto,
com esta cabeça, este tronco
estes membros poéticos
e os meus cinco sentidos.

Mas os poemas não têm de ter
cabeça porque não pensam
nem tronco porque não sentem
nem membros porque não agem
e de sentidos basta-lhe apenas um:
Este impulso, este apego
este agarrar, este ouvir, este ver,
este estar, este saber, este sabor.

(Do livro a sair «A Cidade e a Criação»)

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO

Henrique Manuel — Desenhos e serigrafia
na Galeria Buchholz

O acto de ver-perceber é um acto muito complexo em que a memória, o conhecimento prévio do visto e a afectividade que este desperta ou evoca contam tanto ou mais que os dados imediatamente sensoriais. Ao escrever sobre qualquer exposição, toda a experiência anterior de quem escreve conta, e muito, conta muito mais ainda se, como é o caso, de há bastantes anos se conhece a pessoa ou pessoas que propõem os seus trabalhos, partilhando amizade e ideias sobre o mundo em geral e sobre o «devir» das artes em particular.

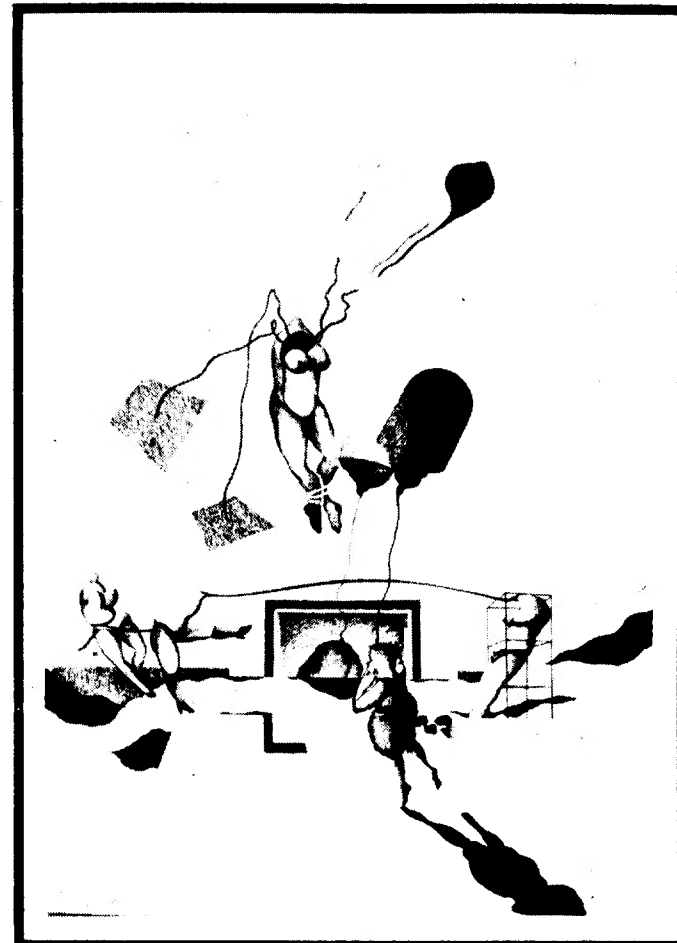
É o que me acontece no presente caso: conheci o Henrique Manuel «plongeur» e porteiro de hotel em Paris, interessando-se muito mais por viver, ou sobreviver, do que por desenhar ou visitar galerias, para o reencontrar anos depois em Lisboa, trabalhando em publicidade com bastante raiva e algum fascínio também. Deste conhecimento da pessoa (mais da pessoa do que do trabalho, diga-se em abono da verdade) ao longo de tempos e lugares bem diferentes, deriva fatalmente uma leitura diferente dos seus trabalhos, já que isto de olhar para o produto da imaginação, própria ou alheia, é o acto menos neutro e objectivo que podemos ter. No entanto, gostaria aqui de tentar reconstituir o que seria a minha percepção ingénua do seu trabalho, ou pelo menos o que seria a tónica dominante do meu comentário nessa circunstância.

A. QUE DIRIA?

Pois, o que se mete pelos olhos dentro, de uma excelente qualidade gráfica e de uma «mise en page» sedutora, em contraponto como uma transbordante e malcriada imaginação, muito coerente e agressiva, muito mais próxima duma libertação que o surrealismo pretendia do que os exercícios escolares que hoje passam por surrealismo, porque propunha uma **imagerie** muito menos consumível em termos de comércio, um pouco como acontece com David Hockney em Inglaterra, embora com uma temática diferente. Concluiaria, creio eu, acentuando os perigos que espreitavam o bom desenho e a excelente execução abafando o imaginário,



A mulher-banana, descascada e comida...



Um «teatro» de objectos figurativos...

modo a poderem produzir uma imagem mais facilmente consumível, o tal perigo neo-académico que é bem visível nalguns representantes da quarta geração.

B. QUE DIGO

1. **Enumero** umas quantas figuras-chave de uma mitologia pessoal que vai desde a recordação de infância ao folhear de magazines ilustrados, ao jogo de palavras em conversa amena ou delirante, à transposição de algumas metáforas populares em torno da sexualidade (descascar, comer), de que se poderia tentar um inventário no qual possivelmente veríamos como que mexer a imaginação do Henrique, que passa (estou falando de figuras, ou de objectos figurativos se preferirem) do palhaço ao

homem da boina, ao homem do chapéu de coco, da mulher-imagem saída da publicidade, à mulher-nimal, cadela ou égua, para se transformar em banana que se descasca e se devora, passando desta forma à «baguette» (memória parisiense e evocação fálica) e ao chourico, essa já nitidamente fálica, situando-se todas estas figuras num espaço em que o cubo é apenas um objecto entre os mais objectos, flutuando na folha do papel que é também improvisado palco da imaginação do autor.

2. **Nota** o próprio desenho como que uma dialéctica do bem feito e do mal feito, tensão entre o tique profissional do gráfico e a necessidade de libertar a mão dessa «escrita» quotidiana, reaprendendo uma «gaucherie», uma inabilidade que não tem, sinal de uma outra escrita, esta muito mais pessoal, tudo isto aliado a um real gosto pela execução perfeita.

3. **Sei**, embora não a possa descrever em pormenor, que estes desenhos evocam uma mitologia muito pessoal, ligada a avós patriarcais em Alvaiázere, um nascimento terrível (daí os fectos agressivos), e o mais fascinante seria tentar fazer uma leitura sistemática de um ou dois desenhos.

4. **Penso** que o perigo consumístico acima indicado não existe. A delicadeza e sedução possível de qualquer desenho presente ou futuro, corresponderá sempre a agressividade de uma imaginação e de uma intencionalidade que fazem parte da maneira de ser do Henrique Manuel, bem como o seu desinteresse total por todas as formas de «recuperação» comercial ou outras; daí que

5. **Conclua**, perguntando: então porque, para quê, expor em Lisboa no ano da graça de 1973, muito embora numa galeria não comercial (honra lhe seja)? Esta sei eu que é uma pergunta que comigo Henrique Manuel também faz, e a que corresponde também outra pergunta: e para quê a actividade crítica? Alguns, críticos e artistas, de outras gerações ou apenas mais velhos, tentaram fazer nascer na sociedade portuguesa a necessidade da arte e conseguiram, quantas vezes involuntariamente, incrementar o seu consumo a um ritmo e nível perfeitamente absurdos. Esta fase está perfeitamente encerrada e a grande burguesia já tem a sua arte moderna: agora é preciso inventar, não só ao nível das formas, mas dos processos e das atitudes, modos de interessar as pessoas que não sejam forçosamente o público das galerias ou os leitores das páginas literárias.

A invenção, Henrique, não pode estar só dentro dos teus desenhos, tem de sair cá para fora em novos processos de comunicação



Uma gravura que é uma antologia de figuras...



O papel como plano, e o plano do imaginário, com os seus alcapões...